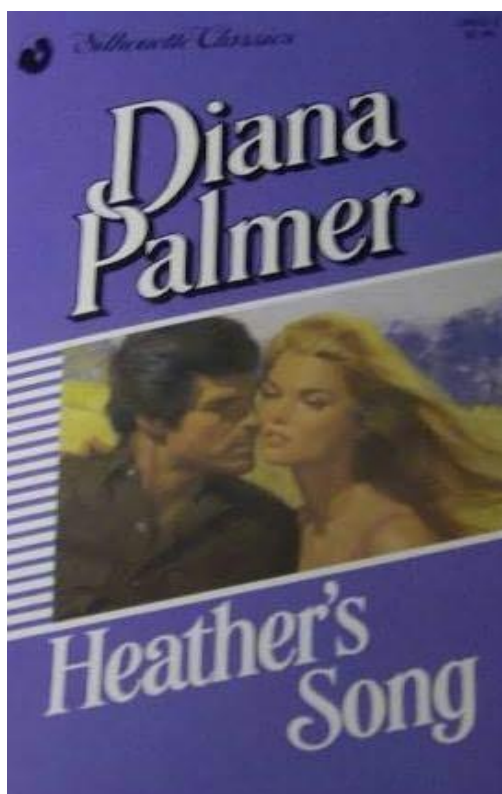
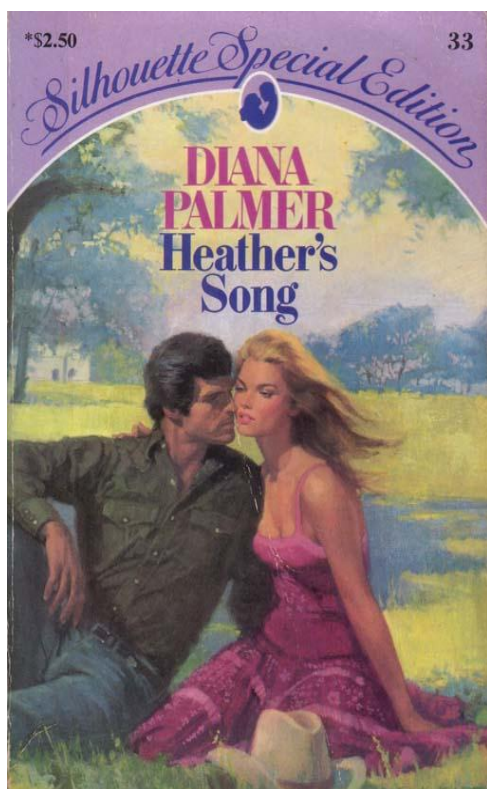


Heather's Song

– Cole Everett & Heather Shaw –

Diana Palmer

Big Spur, Texas 01



Cole Everett sonhava tocar o coração vulnerável da bela Heather Shaw e mostrar-lhe o caminho para cumprir seus desejos, mas, infelizmente, as circunstâncias fizeram Heather a única mulher que Cole nunca poderia possuir.

REVISÃO EM INGLÊS

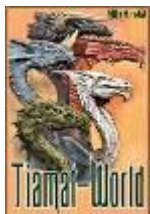
Envio do arquivo: Becky e Suelen

Tradução e Revisão: Isa e Silver Fox

Formatação: Isa

Tiamat - World





Agradecimentos

Quando iniciamos a tradução desse livro, fomos surpreendidas pela falta de algumas páginas logo nos primeiros capítulos.

Após procurarmos em todas as fontes disponíveis na internet, apelarmos para alguns contatos e já meio desesperançosas de encontrarmos essas páginas, adivinhem quem nos salvou?

Nossa queridíssima Suelen Palmer Mattos, a netinha da Diana Palmer nos trópicos...rs

Uma amiga americana chamada Becky, tinha o livro e scaneou as páginas faltantes e graciosamente enviou para ela, que por sua vez nos enviou.

Graças a elas a continuação da tradução foi possível. Então, deixamos aqui os nossos agradecimentos as duas pela sua enorme contribuição nesse projeto, que proporcionará mais um livro traduzido para todas (os) que acompanham o trabalho do grupo Tiamat e fãs da Diana Palmer.

Nota da revisora/tradutora Isa: Pra começar quero agradecer muito a Becky e Suelen por nos ajudar a encontrar as páginas que faltavam no começo do livro! Obrigada meninas!!

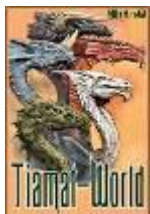
Bom, como todo bom livro da Diana Palmer, temos um mocinho teimoso, a mocinha apaixonada e uma mulher tentando separa-los. Nesse livro, há cenas surpreendentes!!! Pra quem curte o jeito de Diana, não irá se arrepender!!!

Nota da revisora/tradutora Silver Fox: Bem, é um livro da Diana Palmer...rs Então obviamente terá um mocinho rude e/ou cowboy e uma mocinha tonta e/ou virgem q depois de sofrer com as equinidades do mocinho, dará um troco bem dado na criatura, fazendo com que ele se arrependa amargamente. Esse livro não foge a regra, mas nem por isso deixei de adorá-lo...rs Divirtam-se!

CAPÍTULO 1

A loira esbelta foi focada no centro do palco, seus cabelos longos platinados e brilhantes, seus sensuais olhos azuis semicerrados, enquanto ela cantava. Sua voz, tão clara e emotiva como um sino tarde da noite, mantinha o público encantado.

Heather Shaw tinha apenas vinte anos, mas tinha a presença de palco de uma artista muito mais velha. Esta era sua primeira grande chance, embora não fosse sua primeira atuação. Hoje era



o ápice de dois anos de trabalho, o momento que ela tinha esperado desde que teve a intenção de conquistar sua independência de Cole.

Com as últimas notas finais, seguiram os aplausos altos e entusiasmados, mas ela sentia-se estranhamente vazia. Ela estava ali, uma visão em renda preta e prata e perguntava-se se isso era tudo o que havia no sucesso.

Quando ela deixou o rancho, Cole a tinha avisado que o sucesso não era o tesouro reluzente que ela imaginava.

—Não será suficiente — ele disse com aquela voz calma, controlada. — Você vai sentir falta de Big Spur.

Heather suspirou enquanto tirava a maquiagem, mudou de roupa, pegou sua jaqueta e a bolsa. Era mais de meia-noite e ela não queria nada mais do que sua cama. Cole estava certo — ela sentia falta de Big Spur.

Subiu em seu pequeno carro esporte com um sorriso irônico. Talvez fosse melhor se desistisse de sua ambição e voltasse para casa, para a fazenda. A chuva tornava tudo indistinto ao seu redor e ela estremeceu, sem saber se era o frio ou a uma súbita onda de nostalgia que a levara a tremer.

Ela entrou no tráfego fraco e ficou impaciente com o sinal vermelho. Olhando através do para-brisa turvo pela chuva, na rua quase vazia, ela se perguntava o que Cole diria se pudesse ver a solidão em seus olhos agora.

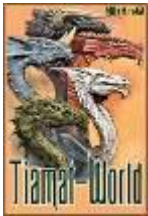
A luz mudou e ela pisou no acelerador, com pressa de chegar em casa, no apartamento quente. Ela acelerou pela rua estreita, incapaz de ver o carro vindo pelo lado errado da rua até que virou na curva. E então já era tarde demais. Ela suspirou, bateu a roda muito forte e ouviu com uma sensação de irrealidade o barulho de pneus, o esmagamento de metal, o despedaçar violento de vidro quebrado. . . .

Heather acordou da escuridão. Olhava furtivamente para a janela através das cortinas, sentia-se sozinha e com medo. Seu corpo esguio movia-se ansiosamente entre o frescor dos lençóis de algodão limpo no leito estreito. Ela queria gritar, mas isso era impossível. Seus dedos longos foram para sua garganta em sinal de frustração e lágrimas lavaram os pálidos olhos azuis. Se apenas Cole viesse!

Seus olhos fitaram novamente as cortinas e ela franziu a testa, jogando seus cabelos platinados e longos sobre o travesseiro, produzindo mechas encaracoladas. Certamente ele teria vindo logo que soubesse do acidente! Apesar de suas divergências, o meio-irmão que ela adorava, nunca a teria abandonado em um momento como este. Cole poderia ser cruel, mas nunca impiedoso.

Ela estremeceu debaixo do lençol fino. O aquecedor estava ligado, é claro, mas o quarto ainda estava frio. Ela daria tudo por um dos edredons que a madrastra Emma gostava de fazer nas noites frias de inverno.

A porta se abriu e uma enfermeira sorridente entrou com uma bandeja.



—Hora do jantar - disse agradavelmente. Ela descansou a bandeja e fez uma pausa para reorganizar as roupas de cama antes de servir a comida.

Heather tentou falar, mas não era diferente agora do que tinha sido a noite passada quando tinha se livrado dos destroços do carro esporte. Nenhum som vinha de sua garganta, exceto um coaxar rouco. O medo aparente em cada linha do rosto delicado e no azul pálido dos olhos de gato siamês, com os cabelos platinados despenteados que caía em camadas desordenadas em torno de seus ombros.

A enfermeira a fitou e leu sua expressão.

—Não é permanente - assegurou-a. — Apenas um resultado pelo choque do acidente. Você vai falar de novo, querida.

Mas eu sou uma cantora profissional, ela quis protestar. Eu sou uma cantora e estou tendo minha primeira grande oportunidade! Por que isso teve que acontecer comigo agora? Estou comprometida com uma temporada de duas semanas no Bon Soir e agora está tudo arruinado!

Seus olhos se fecharam em uma onda de náusea. Se apenas não tivesse chovido. Se ela tivesse escutado Cole e comprado um carro maior, que não tivesse derrapado na estrada molhada...os olhos suaves de Heather se encheram de lágrimas. Ela olhou para a mesa de cabeceira e gesticulou sua frustração em não ter nada para escrever.

—Vou pegar alguma coisa - prometeu a enfermeira. — Volto em um minuto.

Colocando a comida na frente dela, Heather observou a enfermeira sair. Sentia-se tão perdida e sozinha. Nem mesmo Gil Austin tinha aparecido. Ele era seu melhor amigo em Houston, um repórter que estava fazendo uma reportagem sobre a banda que estava se apresentando com ela quando o conheceu. Gil era um fio desencapado e tinha tomado a cantora tímida sob sua asa, cuidando dela, quase tão protetor quanto Cole. Gil e Cole eram até aproximadamente da mesma idade, Gil tinha trinta, Cole trinta e três. Mas a semelhança terminava aí. Gil tinha cabelos louros e olhos verdes, e estava sempre sorrindo.

Cole tinha cabelos escuros, seus olhos eram cinzentos e o rosto profundamente bronzeado parecia de pedra. Sua vida era a fazenda enorme que ele e o pai de Heather tinham construído juntos. Big Spur era uma atração local, Cole nunca se cansava dela. Nenhuma mulher foi capaz de convencê-lo a assumir um compromisso. Cole não gostava vínculos de nenhum tipo.

—Aí está você! - veio uma voz sem fôlego da porta.

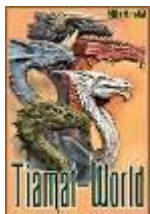
Gil Austin fechou a porta novamente enquanto se aproximava, os olhos preocupados, seus cabelos loiros despenteados, seu sorriso habitual visivelmente sumido, enquanto estudava a forma jovem e esbelta debaixo dos lençóis.

—Johnson me enviou para Miami em uma matéria. - Ele fez uma careta, olhando os ferimentos. — Se não tivesse ficado fora da cidade, eu teria sabido sobre o acidente muito antes. Sinto muito, garotinha!

Ela tentou falar, mas o esforço foi inútil. Ela assentiu com a cabeça em seu lugar.

Ele pegou sua pequena mão e apertou-a.

—Você está machucada?



Ela balançou a cabeça, apontando para a garganta e sorriu novamente.

A enfermeira voltou com um bloco e uma caneta e entregou a Heather, sorrindo agradavelmente para Gil.

—Você é seu meio-irmão?

Gil sacudiu a cabeça, franzindo a testa.

—Será que ele não foi avisado?

—Claro. - A enfermeira assentiu. — Seu nome e número de telefone estavam em sua bolsa. O atendimento médico ligou da sala de emergência. Isso - acrescentou ela com um rápido olhar para Heather — foi bem cedo esta manhã.

Gil, também, olhou para Heather, que estava ocupada rabiscando uma nota sobre a folha.

—Ele virá, não é? - ele perguntou calmamente.

A enfermeira assentiu com um suspiro. — Se você terminou seu jantar, vou levá-lo agora. Chame se precisar de alguma coisa. Ela sorriu para Heather.

Heather sorriu de volta e entregou a Gil uma nota explicando como o acidente aconteceu e perguntando se ele tinha certeza que tinham avisado Cole.

—Ele estaria aqui se soubesse - ela havia escrito.

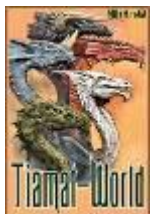
Gil franziu o cenho para a fé em seus olhos brilhantes. Ele sabia que ela adorava Cole Everett. Mas também sabia quão impetuoso era o relacionamento deles e o quanto Cole reprovava a carreira de sua meia-irmã de cantora. Ele não estava convencido de que Everett não estivesse lhe dando uma lição dolorosa com sua ausência. O fazendeiro do Texas tinha uma reputação de ser difícil e temperamental. Gil, que cobria a área de entretenimento, não o conhecia, mas ouviu os jornalistas financeiros falar sobre ele e tremer. Everett era extremamente rico e tinha influência na política do Texas. Um homem com esse tipo de riqueza era naturalmente arrogante, mas eles disseram que Everett fazia disso uma arte.

—Eu vou verificar isso, ok? Ele perguntou forçando um sorriso. Ela parecia tão indefesa ali, tão vulnerável. Ele quis protegê-la, mas apesar das semanas que tinham saído, ela não o deixava chegar perto. Ele gostaria de saber se alguém já esteve à altura de Everett aos seus olhos. Seu temor masculino era por pouco anormal.

Ele a deixou tempo suficiente para verificar com a enfermeira-chefe e foi informado, em termos inequívocos que o Sr. Everett tinha realmente sido avisado da condição de sua meia-irmã. A mulher não sabia por que ele não havia chegado, mas ela prometeu mandar alguém ligar para ele uma segunda vez.

Gil ficou com Heather até a hora da visita terminar, quando lhe disse que teria que ir. Ela agarrou a sua mão, mas só por um instante. Ele saiu com a promessa de voltar no início da manhã e ela segurou as lágrimas até que a porta se fechasse atrás dele.

Estar sozinha era assustador. Era muito fácil mentir e inventar sobre a perda de sua voz. Ela voltará a falar, eles disseram. Esta era apenas uma condição temporária, paralisia hística da laringe, o médico tinha dito. Quando ela conseguisse superar o choque do acidente sua voz iria



voltar. Mas ela poderia cantar novamente? Ela mordeu o lábio inferior. Oh, Cole, Cole...se estivesse aqui, ela não teria medo. . . !

O som de uma voz fria, irritada penetrou sua depressão. Ela piscou os olhos, endireitando-se na cama. Ela se virou em direção à porta, de onde a voz vinha.

—Eu não quero desculpas! Ele rosnou. — Eu quero saber por que diabos não fui avisado!

Cole! Ela sentou-se ereta, o lençol descobrindo a camisola verde disforme do hospital que vestiram nela e olhou para a porta com o coração nos olhos suaves. Houve um murmúrio apaziguador, um pouco antes da porta se abrir e seu meio-irmão entrar.

Seu rosto, duro era como uma tempestade, seus olhos prateados ardente sob suas sobrancelhas grossas. Alto, moreno, descaradamente masculino, ele sobressaia sobre a enfermeira, pequena nervosa atrás dele. Os olhos claros de Heather brilharam com lágrimas olhando para ele, tão arrogantemente dominante. Todas as brigas entre eles foram abruptamente esquecidas e ela estendeu os braços como uma criança ferida em busca de conforto.

Seus olhos prateados brilharam com o gesto e por um instante, olhou como se quisesse quebrar alguma coisa. Ele jogou seu chapéu de cor creme em uma cadeira e inclinou-se para levantar seu corpo esguio em seus braços fortes, embalando-a contra seu peito largo enquanto ele se acomodava ao dela na cama.

Ela chorava descontroladamente, as lágrimas manchando o tecido do terno marrom e ele a abraçou mais forte.

—Eu não sabia - explicou, sua voz grave e áspera pela emoção. — Eu estaria aqui horas atrás, se alguém tivesse se incomodado em me avisar.

—Sr. Everett, você foi avisado - protestou a enfermeira delicadamente. — Honestamente, você foi. O atendimento médico fez a chamada enquanto eu estava na sala de emergência, eu ouvi deixarem o recado.

Cole olhou para ela, seus olhos perigosos com raiva.

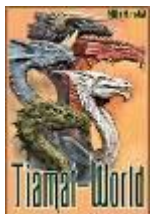
—Ninguém falou comigo – ele disse deliberadamente.

A enfermeira tragou. — É possível, claro. Lamentamos muito sobre a confusão. Ela saiu em silêncio, fechando a porta suavemente atrás dela.

Cole se afastou para olhar para o rosto molhado de Heather. Seus olhos se estreitaram quando ele estudou seu rosto pálido, seus cabelos ondulados e platinados. Ela parecia uma criança açoitada. — Foi ruim? Ele perguntou suavemente.

Ela balançou a cabeça e tentou sorrir. Seus olhos abertamente o adoravam. Cole era a coisa mais importante de sua jovem vida. Ela podia brigar com ele, se rebelar contra a sua arrogância, sua dominação absoluta, mas ela o amava obsessivamente e não fazia segredo disso. Tinha sido assim desde o início, quando ela tinha treze anos e Emma e Cole passaram a viver em Big Spur.

Seus olhos deslizaram para baixo sobre o corpo dela na camisola do hospital, detendo-se sobre uma contusão em sua clavícula. Ele estendeu a mão e tocou, ela enrijeceu instintivamente a sensação estranha.



—Você está machucada – ele disse asperamente, traçando a área arroxeadada com raiva. — Eu avisei sobre esse maldito carro pequeno.

Seu lábio inferior amou e seus olhos brilharam. Ela queria tanto falar, argumentar, mas tudo o que podia fazer era irritar-se.

Ele olhou para ela com firmeza. Não havia nenhuma expressão em seu rosto impassível, mas por um instante algo brilhou em seus olhos.

—Já mandaram alguém com sua roupa? Ele perguntou.

Ela balançou a cabeça, pegando o bloco e a caneta.

—Não deu tempo. Ela escreveu.

—Vou buscar as suas coisas - ele disse. Levantou-se, flexionando os ombros como se não tivesse tido muito descanso.

Provavelmente ele não teve, ela pensou, estudando-o. Cole era como um dínamo, o tempo todo. Seu olhar foi capturado pelo terno marrom atraente de corte ocidental que ele usava. Ela não pôde deixar de notar a maneira que enfatizava os ombros largos, a cintura fina e os quadris, a forma como ele se agarrava às suas coxas poderosas como uma segunda pele. Havia algo tão sensual em Cole, a maneira como ele se movia. . .

Ela esmagou o pensamento inquietante.

—Casa? Ela mexeu a boca.

Uma sobrancelha escura se ergueu.

—O seu apartamento ou a fazenda? Ele perguntou.

Ela olhou para seus dedos e sua boca amou.

—A fazenda - ela rabiscou, odiando a sua própria fraqueza.

—Não vai ser tão ruim assim - prometeu. — Emma vai gostar de sua companhia. Estive fora por muito tempo.

—Não com o gado - escreveu ela sobre a folha, piscando-lhe um olhar que ele conhecia. — Não no inverno.

Um sorriso raro tocou sua boca, cinzelada por um segundo e ela pegou-se perguntando se ele já tinha usado aquele sorriso com outras mulheres. Era devastador.

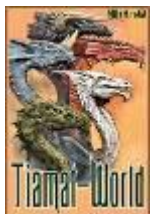
Ela se mexeu um pouco na cama, tentando aliviar a dor que parecia afetar seu corpo inteiro. Ele se inclinou para baixo e seus dedos longos e bronzeados tocaram a bandagem branca que cobria uma das muitas escoriações no braço.

—Dói, bebê? Ele perguntou.

Ele era o único homem que já tinha a chamado assim. Não era um carinho especial que ela gostasse, mas Cole fazia soar especial.

Ela balançou a cabeça, movendo os próprios dedos para cobrir o dele, e acariciou-os amorosamente.

O gesto pareceu incomodá-lo. Recuou como se ela o tivesse queimado e rapidamente afastou-se da cama, forçando as duas mãos nos bolsos enquanto ele rondava o pequeno quarto de hospital.



Heather se sentia rejeitada. Cole estava agindo tão distante hoje. Era como se ele não quisesse estar no mesmo quarto com ela.

Ele respirou fundo, impaciente e quando ele se voltou para ela, seus lábios firmes fizeram uma linha fina.

—Como posso falar com você assim? Ele rosnou.

Ela ergueu o bloco e escreveu-lhe uma nota.

—Sou capaz de escrever. Ela rabiscou, mostrando a ele com um sorriso.

—Eu sei – ele disse – Mas não é o mesmo. Quanto tempo será que vai demorar pra você poder falar?

Ela encolheu os ombros.

—Eles não têm certeza. Ela escreveu

—Vou conversar com o médico – ele disse, tomando o controle, como de costume. Ele parecia tão incrivelmente arrogante que ela sorriu para ele, todo o seu coração em seus olhos adorando-o.

Seus próprios olhos prateados presos aos dela.

—Não olhe para mim desse jeito – ele disse abruptamente.

Ela ficou boquiaberta, a confusão evidente em seus olhos magoados.

Ele se virou, agarrando seu *Stetson*¹.

—Estarei de volta pela manhã – ele disse sem encará-la. — Vou trazer uma camisola quando voltar.

Ela olhou-o depois em confusão. Algo deve estar muito errado, para Cole para tratá-la tão friamente. Ela apenas imaginou o que seria.

Ele voltou na manhã seguinte, depois dela ter tomado banho e café da manhã, com uma pequena sacola que continha uma camisola e alguns cosméticos.

—Você poderá sair amanhã – ele disse secamente, sentando na poltrona ao lado de sua cama. — Disse ao seu médico que vamos deixar nosso médico da família se encarregar de seu tratamento.

Ela escondeu um sorriso por trás da mão. Podia ver Cole discutir com o médico magro e baixo sobre seu caso.

—Eu tenho que ir até Nova Orleans hoje – ele continuou. — Mas vou tentar estar de volta, antes que eles coloquem você na cama a noite.

Ele a fazia parecer uma criança que precisava de um urso de pelúcia e uma mamadeira e ela o fitou.

Uma sobrancelha escura se ergueu.

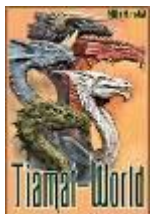
—Quer me arranhar, gatinha? Ele perguntou.

—Sim - ela mexeu a boca com raiva.

Seus olhos pálidos deslizaram sobre o lençol que cobria seu jovem corpo magro.

—Você não tem peso para isso – ele observou.

¹ Marca de chapéu cowboy.



Ela bateu na cama com um punho cerrado e jogou a cabeça para trás e riu baixinho, o som estranhamente agradável no silêncio da sala. Quando ele se levantou, ela percebeu como ele parecia impressionante em um terno cinza que combinava com seus olhos de prata. Ele tateou em seu bolso da camisa um cigarro e, em seguida, colocou um na sua boca maravilhosamente cinzelada.

—Hábito - ele rosnou ao acender o cigarro. — Eu nem gosto mais do sabor deles. Ele se inclinou e com cuidado passou os lábios firmes por sua bochecha.

—Não dê trabalho ao seu médico enquanto eu estiver fora - alertou.

—Isso é seu departamento, não meu – ela escreveu atrevidamente.

—Sua fedelha – ele disse fazendo um carinho nela. — Até hoje à noite.

Ela sorriu para ele, mas não chegou a tocar sua mão, como fez no dia anterior. Tornava-se cada vez mais óbvio que ele não queria ser tocado.

Gil a visitou mais tarde e riram da imagem que ela fazia na camisola de chiffon azul pálido que Cole tinha trazido.

—Falando sobre sedutor - ele disse com uma voz teatral rouca. — Você parece boa o suficiente para comer.

—Comida de hospital vai lhe dar indigestão - ela rabiscou com um sorriso.

Ele riu.

—Sim, acho que vai, mas eu não sou um paciente. Onde você conseguiu essa camisola?

—É questão hospitalar - ela mentiu no papel.

—Hospital esperto. Nenhum paciente, quero dizer, paciente do sexo masculino, jamais quereria fugir, se todas as pacientes do sexo feminino usassem camisolas como essa. Ele se inclinou em sua cadeira. — Onde está seu meio-irmão? Eles me disseram que ele chegou ontem à noite. Desculpe-me, invadiu na noite passada - acrescentou com um sorriso. — Pelo menos duas das enfermeiras estão sendo tratadas pelo choque, eu ouvi.

—Ele estava chateado – ela escreveu em seu bloco.

—Ele deve ter saltado sobre quem se esqueceu de lhe dar o recado - salientou Gil — não sobre as pobres enfermeiras. Elas não podiam ajudá-lo.

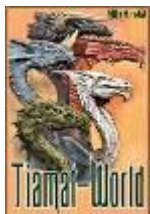
Ela suspirou.

—As enfermeiras estavam aqui – ela escreveu.

—Oh. Ele balançou a cabeça. — E a pobre alma que não deixou o recado não estava. Eu gostaria de saber o nome do diabo, mandaria flores com antecedência.

A face de Heather se iluminou num sorriso. Gil era tão divertido para se ter por perto. Ele fez todas as sombras irem embora e enquanto estava com ele se esqueceu de seus medos e foi capaz de relaxar.

Ele estava contando-lhe histórias sobre seus primeiros dias como repórter, quando a porta se abriu e Cole entrou para encontrar Gil Austin confortavelmente sentado ao lado da cama de Heather. Cole ficou quieto na porta e sua postura indicava problemas.



Heather quase podia ver seus pelos eriçados no pescoço. O brilho prateado em seus olhos era perigoso, e ela não gostou da maneira como ele fixou seu olhar gelado sobre o homem sentado ao lado dela na cama.

—O meio-irmão, eu presumo - Gil disse com bom humor irreprimível quando ele passou a encarar o recém-chegado.

Cole não achou graça. Ele olhou para o jovem, seu corpo poderoso, parado rigidamente controlado.

Gil pigarreou, desconcertado por aquele olhar fixo.

—Sou Gil Austin - ele disse quebrando o silêncio. — Eu cubro os furos jornalísticos de entretenimento para o Herald News - e Heather é a minha garota. Ele olhou possessivamente para a mulher jovem e esbelta debaixo dos lençóis brancos.

Os olhos de Cole pareciam explodir. Seu queixo ficou ainda mais tenso em seu rosto moreno.

—Um repórter - ele disse, fazendo da palavra um insulto. Seus olhos varreram com desprezo o homem antes de se virar para Heather.

—Passarei para buscar você, a primeira hora da manhã - disse a ela secamente. — Tem alguma coisa que você queira de seu apartamento? Você vai ficar na fazenda por algumas semanas, pelo menos.

Heather rabiscou "meu casaco." Ela fez uma careta com a leve diversão nos olhos de Cole. Ela era supersticiosa sobre o comprimento até o tornozelo do casaco que Cole lhe deu em seu décimo oitavo aniversário. Ela nunca viajava sem ele.

—Vou trazê-lo - prometeu. — Mais alguma coisa?

—Minha bolsa - ela rabiscou — Uma velha, no armário.

Ele franziu a testa.

—Eu guardo meus papéis importantes - ela escreveu — e meu dinheiro.

Seus olhos se estreitaram.

—Você não vai precisar de dinheiro para voltar para casa.

Ela suspirou com irritação. Se ela pudesse falar. Ela queria dizer-lhe que não precisava dos conselhos dele...mas ele leu a emoção em seus olhos e ergueu a cabeça de forma arrogante. Ela poderia ter batido nele.

—Posso fazer alguma coisa? Gil perguntou, sentindo-se excluído.

—Nós nos viramos - disse Cole abruptamente, dispensando um rápido olhar ao homem.

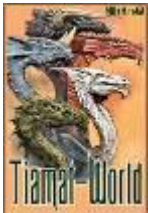
—Eu gostaria de visitar Heather, enquanto ela estiver se recuperando - ele insistiu.

Cole virou e olhou direto para dele.

—A última coisa que ela vai precisar agora são visitantes - ele disse sem fingir cortesia.

Heather olhou pasma para ele. Cole tinha sido sempre possessivo, mas agora ele estava agindo como se fosse dono dela. Por que não podia receber visitas?

—Heather precisa de paz e tranquilidade para superar o trauma do acidente. Ela vai se curar mais rápido com a família - Cole acrescentou — e eu vou levá-las para Nassau por uma semana ou mais, de qualquer maneira. Ela pode ligar para você quando estiver melhor.



Gil hesitou. Era a primeira vez que Heather o via sem ter uma resposta.

—Descanse um pouco, bebê - Cole disse a ela, inclinando-se para apoiar os lábios com força contra seu cabelo. — Estarei aqui cedo, por isso não fique acordada até tarde com seu namorado - acrescentou ele incisivamente. — Boa noite, Austin – ele disse alfinetando o outro homem com os olhos semicerrados.

Gil pigarreou.

—Você está certo, ela parece cansada. Boa noite, pequena. Ele disse resistindo a vontade de beijá-la antes de deixá-la. Everett olhou francamente perigoso. — Prazer em conhecê-lo – ele acrescentou, parando de sorrir para Heather. — Ficarei em contato.

—Sobre o meu cadáver - Cole murmurou quando ele saía e Heather percebeu que uma mão magra esmagava a coroa do seu Stetson.

—Por que você não gosta dele? – ela escreveu sobre a folha, segurando-a com uma careta.

—Ele é velho demais para você - ele respondeu.

—Eu gosto dele - ela rabiscou com raiva.

Mas ele nem sequer respondeu.

—Emma está cozinhando seus pratos favoritos - disse agradavelmente. — Ela colocou a Sra. Jones para fora da cozinha para deixar tudo pronto. Mães!

Ela sorriu involuntariamente. Emma só era sua madrastra, mas ela era tão querida para Heather como se houvesse um laço de sangue entre elas. Ela suspirou e fechou os olhos. Talvez ela não precisasse ficar sozinha por um tempo. Talvez fosse bom para ela ficar longe de todos que possam lembrá-la de sua carreira e da estranha e insatisfatória vida que ela tinha feito em Houston.

Ela abriu os olhos de repente para encontrar Cole fitando-a. Ela baixou o olhar rapidamente para a roupa de cama, pensando na forma como seu pulso estava se comportando mal.

—Boa noite, querida – ele disse bruscamente e foi embora antes que ela pudesse controlar seu pulso.

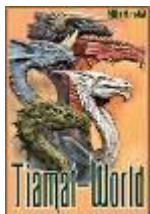
CAPÍTULO 2

O voo para Brantville levou pouco tempo e Heather observava a paisagem estéril com os olhos, lembrando da primavera, quando o Bluebonnets² florescia, juntamente com as margaridas amarelas e as árvores de uma centena de diferentes tons suaves de verde. Ela sorriu pela lembrança e Cole afastou os olhos dos controles por tempo suficiente para ler a expressão em seu rosto corado.

—E você estava disposta a trocar tudo isso para cantar em uma boate - ele zombou. — Ainda acho que foi uma boa troca, o ar limpo pelas salas enfumaçadas?

Ela balançou os cabelos, impacientemente e olhou para ele.

² Flor símbolo do Texas.



Um lento e preguiçoso sorriso tocou-lhe a boca cinzelada.

—Tudo bem, girassol. Ele riu, usando seu apelido de infância. — Eu recebi a mensagem.

Ela afastou o seu olhar dele. Cole tinha um encanto misterioso que era devastador quando ele queria alguma coisa de uma mulher, ela pensou, deixando os olhos focados na beleza masculina das mãos nos controles do bimotor Cessna. Eram dedos compridos e bronzeados e mantinham a promessa de grande força. Sua boca também era forte, com uma sensualidade que só agora começava a notar. O pensamento trouxe um leve franzido ao seu rosto. Ele seria um amante delicado?

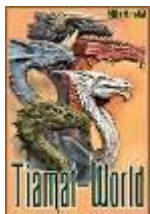
Ela corou, lembrando-se vividamente da noite no ano passado, quando o viu beijar Tessa em sua festa de aniversário, com a boca áspera e sem uma polegada de espaço entre seu corpo rígido e musculoso e o de Tessa... A visão foi perturbadora para Heather, embora ela não soubesse o porquê. Ela carregou a imagem em sua mente por alguns dias: Tessa estava agarrada a Cole como uma hera, como se o seu beijo fosse tudo que ela precisava da vida. Não, ela pensou, inquieta, Cole não seria delicado. Ele era um homem de extremos e ela sentiu que suas paixões eram fortes. Ele não ficaria satisfeito com beijos breves e frios, que ela dava em Gil Austin.

Sacudiu-se mentalmente. Seus pensamentos eram chocantes, então ela voltou sua atenção para fora da janela e observou as familiares cercas brancas que marcava os limites periféricos de Big Spur. Minutos depois, a casa ficou a vista, cercada por altas nogueiras e carvalhos. Era de tijolo, que lembrava a arquitetura de uma casa senhorial Inglesa. Um longo caminho circundava a frente da entrada, forrada de arbustos que florescia em uma profusão de branco a cada primavera e uma miríade de arbustos floridos. Na sua mente, Heather podia ver o interior da mansão imponente, as principais salas de recepção todas com abertura para o do hall central com sua escadaria sinuosa e o enorme lustre de cristal. As salas interiores eram espaçosas, e o recanto onde Cole fazia sua papelada tinha uma enorme lareira de pedra e uma área muito marcante com tapete belga de um vinho profundo. Havia uma garagem para três carros, uma quadra de tênis, uma piscina e um pátio com muitas roseiras. Era como algo saído de um conto de fadas ou do Velho Sul – o que não era de todo surpreendente, dado que o Shaws emigraram para o leste do Texas da Geórgia. O tataravô de Heather tinha construído a casa, na época da grande condução de gado e tinha tido a sua quota de famosos e infames convidados. Na verdade, Brannville estava localizada no antigo Chisolm Trail³, um fato que sempre animava Heather quando era criança.

A casa era tecnicamente de Emma agora, herdada do falecido pai de Heather. Heather nunca invejou o que a madrasta herdou. Emma tinha amado a enteada como sua própria filha e o amor tinha sido correspondido na mesma medida. Doeu lembrar que a própria mãe de Heather tinha sido uma pessoa muito impassível, toda elegância, alta moda e pouca emoção.

Eles estavam descendo agora, a mão bronzeada e firme de Cole confiante sobre os controles que manejava o Cessna para a pista de pouso da família, situada no meio de milhares de hectares de terra de gado nobre. Cole e o pai dela tinham construído o rancho lentamente ao longo dos

³ A Chisholm Trail foi uma trilha utilizada no final do século 19 para conduzir o gado das fazendas do Texas para as ferrovias do Kansas, onde o gado seria vendido e transportado para o leste.



anos, investindo seus lucros inicialmente modestos em novas ações para melhorar seu rebanho. Agora, Cole tinha uma das melhores fazendas do Texas, num rancho que era famoso por seus cavalos puro sangue e touros campeões. Heather sentiu um sentimento de orgulho pelo seu meio-irmão. Ele tinha uma mente aguçada para os negócios e irradiava poder. Ele poderia erguer ou derrubar um político nesta parte do estado e era um ávido conservacionista.

O avião pousou suavemente na pista e Cole taxiou até parar perto do hangar prateado e desligar o motor.

—Casa - disse a ela com um lampejo de orgulho nos olhos de prata.

Ela sorriu para ele, a emoção que sentia evidente nos olhos dela, separando seus lábios macios. Seu olhar chicoteou para os lábios cor de rosa com uma rapidez que foi devastadora em efeito sobre seu pulso. Ela quase engasgou com a novidade do olhar, e a surpresa estava em seus olhos quando seu olhar voltou ao encontrar o dela.

Ela virou-se rapidamente e tentou abrir a porta, atrapalhando-se nervosamente.

—Algo errado, querida? Cole perguntou em um tom estranho. Ele se inclinou sobre ela, seu braço forte e musculoso pressionando contra seu peito por um instante, sua respiração quente em seu cabelo quando ele abriu a porta.

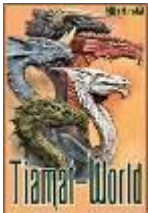
Ela saiu como se cães raivosos estivessem a perseguindo e ela pensou ter ouvido um suave e divertido riso atrás dela quando chegou na calçada.

Um dos vaqueiros tinha vindo para pegá-los na caminhonete, e Heather teve o cuidado de ficar no banco de trás antes de Cole colocá-la na frente com ele. Nada demonstrava o rosto impassível, mas ela tinha a estranha sensação de que ele se divertia com ela. Ela ainda podia ver aquele olhar estranho em seus olhos, a escuridão tornando-se cinza ardósia, o brilho adulto que ela nunca tinha experimentado.

Cole nunca a tinha tratado de qualquer outra maneira, exceto como sua irmã mais nova. Mas não havia nada remotamente fraternal nesse olhar e ela se lembrou sem querer que não havia nenhuma relação de sangue para protegê-la de Cole. Sua inocência não seria páreo para sua experiência óbvia e se ele poderia perturbá-la assim só de olhar para ela, só Deus sabia o que aconteceria se ele a tocasse...

Esse pensamento enviou uma explosão de emoção selvagem através do seu corpo jovem e esbelto e seu rosto ficou tão vermelho tão quanto um pôr do sol de outono. Ela manteve os olhos baixos de forma que Cole não notasse – embora ele estivesse falando de negócios com o empregado.

Ela nunca considerou Cole sob essa luz antes. Era um pouco assustador. Ela o observava jogar charme nas mulheres com um senso de orgulho, sentindo-se segura, pois ela era sua meia-irmã. Ela sempre foi protegida contra a sua masculinidade devastadora. Mas agora que ela saiu de trás do escudo, estava vulnerável pela primeira vez. Ela se sentiu como uma corça dando seus primeiros passos em um prado, imaginando o que haveria além dos perigos da clareira, calma e escura.



Ela mordeu o lábio inferior com força. Ela queria rastejar de volta para seu casulo e esquecer o que tinha pensado. Cole era demasiado perigoso para uma novata.

Eles estavam passando perto do rio e Heather lembrou que quase se afogou lá no primeiro verão que Cole e Emma passaram a viver em Big Spur.

Cole a tinha arrancado da água, uma pequena trêmula de treze anos com grandes olhos azuis. Ela havia sido sua posse desde esse dia e ele a tratava como uma. Ele sempre teve um dedo nas decisões importantes de sua vida. Suas festas, seus amigos, suas viagens tinham sido ditadas por Cole, mesmo antes da morte de seu pai. Sua educação na exclusiva escola Suíça para meninas - que ela detestava - tinha sido sua ideia também. Mas quando começou a cantar, ela seguiu seu próprio caminho.

Emma tinha estado com ela, especialmente depois de um promotor conhecido chamado Pete Howell ter elogiado o seu talento. Sua primeira aparição em uma boate local levou a várias outras ofertas, passo a passo seguiu até a grande chance finalmente - a contratação de duas semanas, que ela tinha acabado de começar na noite do acidente.

—... por outro lado, ele estava indo bem - o capataz estava dizendo. — Bill pediu para lhe dizer que está arrependido por não ter dado o recado sobre a Srta. Shaw. Ele estava ocupado ...

—O que não é uma maldita desculpa - Cole respondeu, seus olhos de prata em chamas. — Por Deus, vou fazê-lo em pedaços por isso!

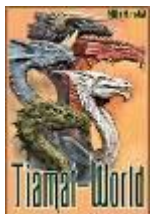
Sua boca cinzelada era uma linha fina e Heather estava contente por não poder ver seus olhos do banco traseiro. Havia uma raiva incandescente, em sua voz controlada. Mas, tudo em Cole era controlado. Sr. Cool (Sr. Sangue Frio), ela costumava chamá-lo pelas costas. Não importa o quanto ela tentasse, nunca conseguia provocá-lo. Seu pior humor apenas o divertia. Ela havia se desgastado contra a rocha da sua vontade, sem conseguir nada.

Seu início de vida adulta tinha sido cheio de raiva. E Cole levou na esportiva, ignorando as travessuras ou pondo fim a elas com um olhar bem colocado e um comando firme. Ela nunca o enfrentou até querer uma carreira, o suficiente para jogar a precaução ao vento. Mas, sem os cautelosos pedidos de Emma, ela nunca teria conseguido. Ela nunca tinha visto ninguém vencer Cole. E ela nunca esperou por isso. Sentia-se triste por Bill, fosse ele quem fosse. Cole podia ser completamente cruel.

Eles chegaram ao fim do caminho ladeados por arbustos, nus agora com o frio do inverno. A casa era austera e elegante entre os esqueletos escuros do grande carvalho e das nogueiras. Mal a caminhonete parou nos degraus da frente, Emma Everett Shaw desceu correndo como um furacão de cabelos prateados, seus profundos olhos castanhos brilhando de emoção, com os braços abertos em boas-vindas.

Heather correu para os delgados braços estendidos como um coelhinho para sua toca, um resmungo triste de um soluço arrancando da garganta.

—Meu bebê - Emma murmurou, aninhando os ondulados cabelos platinados contra seu ombro. — Meu pobre bebê, você está segura agora, está em casa, Emma está aqui.



Isso a fez chorar ainda mais. Quantas vezes, na sua jovem vida devastada pela tragédia, aquelas palavras tinham sido sussurradas em seu ouvido? Quantas lágrimas tinha derramado nos ombros magros de Emma? A mulher mais velha cheirava as especiarias e farinha em vez do perfume caro que ela relacionava com a sua falecida mãe.

Emma era despretentiosa, tendo sua riqueza e posição por merecimento. Ela poderia cativar mendigos e reis da mesma forma e Heather a tinha visto esconder uma nota de vinte dólares no bolso de uma mulher da fazenda, quando teve um problema de dinheiro na família que Emma ficou sabendo. Ela tinha prazer em ser discreta sobre suas contribuições.

Ninguém sabia exatamente quanto dinheiro ela doava para caridade ou de que incríveis maneiras ela fazia boas ações. Heather soube que ela anonimamente pagou uma conta monstruosa do hospital, que um pai novato sem sorte não conseguiria sem seguro e depois fingiu ficar surpresa quando um membro de seu clube de jardinagem contou a ela sobre isso.

Heather chorou ainda mais forte. Parecia desleal admitir isso, mas sua mãe nunca se importou tanto. Heather amava Emma e de uma maneira que nunca poderia ter amado a frágil peça de porcelana fria que sua mãe tinha sido.

—Já chega - disse Cole, de repente. Ele separou as duas mulheres e segurando Heather pelo braço, levou-a pelas escadas.

—Eu não me importo com algumas lágrimas, mas você não pode ter ataques histéricos nos degraus da frente.

Seus brilhantes e flamejantes olhos o fitaram impetuosamente e ela queria bater nele. Atrás deles, Emma estava se movendo rapidamente subindo os degraus, murmurando sob sua respiração. Heather quase sorriu. Durante toda sua vida, Emma tinha resmungado para os homens - em primeiro lugar para o marido, depois para o pai de Heather e agora para Cole. Era sua própria forma de rebelião passiva e Heather não podia deixar de se divertir com ela. Emma resmungava com estilo.

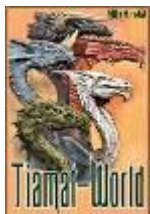
Quando eles estavam na casa, Emma sorriu suavemente para o rosto coberto de lágrimas de sua enteada.

—Suba e descanse, querida - ela disse suavemente. — Levarei um pouco de chocolate quente. Gostaria disso?

Os olhos azuis de Heather brilharam. Chocolate quente sempre a acalmava, mas essa era a desculpa de Emma para a canja de galinha.

Ela assentiu com entusiasmo, fazendo uma pausa para lançar um olhar hostil na direção de Cole, antes de se agarrar à madeira curva e polida do corrimão e movendo-se lentamente pela escada de carpete bege até seu antigo quarto.

Ela abriu a porta e deixou seus olhos cansados se saciarem com a visão do quarto deliciosamente rosa. O papel de parede era rosa pálido e combinava com o pesado acolchoado e o travesseiro sobre a cama de casal.



Havia um espelho de corpo inteiro na porta do armário e um candeeiro de cristal sobre a antiga pia contra a parede. O carpete era do mesmo bege suave, como no resto da casa e havia uma poltrona estofada com tecido que combinavam com o papel de parede.

Heather acomodou-se no assento da janela e olhou para o rancho com cercas brancas, ignorando Cole quando ele entrou no quarto para colocar as malas no chão antes de ficar ao seu lado.

Ele seguiu seu olhar pela terra varrida pela desolação do inverno. O gado vermelho estava concentrado em cochos de alimentação, onde a silagem ia tomando o lugar da grama verde exuberante em suas dietas. Piquetes perto do celeiro ostentavam bonitos garanhões Appaloosa e duas potras brancas em pastagens separadas. Heather suspirou, lembrando de como era andar a cavalo pelos campos a fora, ouvir o ranger preguiçoso do couro da sela e sentir a brisa soprando em seus cabelos soltos.

—Quando você ficar um pouco mais forte, vou levá-la para cavalgar – Cole disse, de repente, como se tivesse lido sua mente. Era um hábito estranho que ele sempre teve, e que nunca deixava de chocá-la. — Isso, se você não esqueceu de como cavalgar.

Ela olhou para ele, para enfrentar o desafio em seus olhos que pareciam prata polida e virou a cabeça deliberadamente de lado a lado.

Um sorriso de desdém tocou a boca cinzelada.

—Eu quase posso ver as palavras em sua mente - ele meditou, fazendo ela se sentir mais criança do que mulher.

Ela bateu nele de forma inesperada. Era a única alternativa para o discurso escaldante que ela não podia produzir - mas mostrou-se igualmente ineficaz. Ele pegou seu pulso com seus dedos magros e poderosos e puxou-a contra ele. A outra mão dele emaranhada na longa fita de seda de seu cabelo, subjugando o seu esforço, quando ele puxou a cabeça para trás até que seus olhos atordoados encontraram os seus.

—Não me tente - ele disse calmamente, o seu olhar varrendo o rosto vermelho, a pele cremosa, a plenitude de sua boca. — Você não é grande o suficiente para brigar, Girassol.

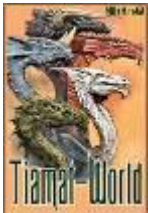
Ela lutou, mas ele só a segurou mais próximo, ridicularizando-a com sua força, surpreendentemente magra. Ele nunca a segurou assim antes, e ela nunca tinha lutado com ele fisicamente. Era novo, inebriante, tentar Cole com violência.

Ela o empurrou e ele terminou a luta desigual com muita facilidade, puxando-a mais implacavelmente contra o seu corpo rígido. Seu rosto estava tão perto que podia sentir seu hálito quente em sua testa.

—Ainda lutando comigo? Ele rosnou. — Quando você vai aprender que se houver alguma submissão entre nós, será a sua?

Ela cedeu contra ele, seus olhos ardendo com fúria.

—Eu te odeio! Ela murmurou deliberadamente. Ele riu baixinho.



—Não, não odeia – ele disse com os olhos brilhantes semicerrados e divertidos quando olhou para ela. — Você odeia não poder discutir comigo, mas você não me odeia. Eu nunca vou deixar que isso aconteça, Heather.

O choque de ouvir seu nome nos lábios a fez franzir o cenho. Ele raramente a chamava pelo nome. Era como se ele tivesse negado carinho a ela para mantê-la à distância. Ele empurrou os cabelos úmidos para trás de seu rosto.

—Você vai falar de novo – ele disse em um raro tom gentil.

—E você vai cantar também, mas tem que acreditar em si mesma. A vida é um desafio, Heather, não um presente. Nada é entregue a nós sem um pouco de esforço da nossa parte.

Mas eu me esforcei, ela tentou dizer a ele, eu fiz, mesmo tendo talento para começar, eu me esforcei para melhorá-lo! Mas sem a voz, só os olhos podiam falar por ela.

Ele procurou o azul, profundamente triste com uma intensidade silenciosa que acelerou seu pulso. No súbito silêncio da sala, cada emoção parecia ampliado. Ele tocou sua boca com um dedo longo e traçou, muito suavemente, cada curva suave. Seus olhos seguiam o movimento, muito próximo, muito sério...

Seus lábios entreabertos involuntariamente sob aquele olhar estranho, sua respiração escapou em um suspiro suave. Quando seus olhos dispararam de volta aos dela, algo neles a fez querer sair correndo. Ela nunca tinha sentido aquela energia que estava reunida entre eles agora, com toda a intensidade de uma tempestade de verão.

—Cole ... - murmurou sem pensar, o nome que veio à boca com facilidade inconsciente. Ela fez uma pausa, surpreso com o som da própria voz.

Cole sorriu.

—Levou um bom tempo, Heather - ele disse calmamente.

—Para... quê? Ela murmurou, disposta a confiar que poderia falar novamente.

—Para saber como seria se eu tivesse sua boca sob a minha – ele disse.

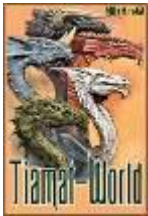
Suas faces corarão descontroladamente enquanto as palavras a atingiam. De repente, tudo estava mudado, de cabeça para baixo. Ela estava sendo forçada a admitir algo que ela tinha submergido em sua mente por anos - que ela via Cole como homem.

Havia um silêncio absoluto, dois pares de olhos se encontraram, perguntas esperando por respostas. Tempo suspenso, trêmulo, entre eles.

CAPÍTULO 3

Os passos rápidos de Emma no corredor quebrou o encanto. Cole soltou Heather com relutância, e evitou os olhos quando ela ficou em silêncio ao lado da janela.

—Aqui estou - disse Emma, com um sorriso, lançando um olhar rápido de seu filho para a enteada. Ela não mencionou a tensão que sentia na sala enquanto colocava uma bandeja sobre a



mesa de cabeceira. Havia uma xícara de chocolate quente e uma fatia de queijo fresco sobre a bandeja e Heather, de repente percebeu como estava com fome.

Ela sorriu e sibilou "obrigado" a mulher mais velha, que sorriu.

—Não se esqueça de Tessa, querido - Emma disse a seu filho enquanto se sentava na poltrona ao lado da cama.

—Como se eu pudesse - ele respondeu com um sorriso francamente sensual. Sem sequer olhar na direção de Heather, ele se virou e caminhou com a graça de um gato para a porta. — Eu acho que Heather está no caminho para a recuperação. Ela foi capaz de dizer meu nome em voz alta - ele falou por cima do ombro, antes de fechar a porta atrás dele.

Tessa. Heather sentiu um vazio estranho quando se lembrou da garotas de cabelos negros, balançando abaixo de uma cintura incrivelmente estreita, e seus olhos negros, que sempre mantinham os homens pulando nas festas. Tessa era filha única de um fazendeiro vizinho e tão estragada quanto um peixe morto há três dias. Qualquer coisa que ela quisesse, conseguia. E há vários anos, ela queria Cole.

—É o aniversário de Tessa. Emma estava falando como se Heather tivesse prestando muita atenção. — Cole vai voar com ela para um concerto em San Antonio. Pobrezinha, passou semanas escolhendo o vestido certo.

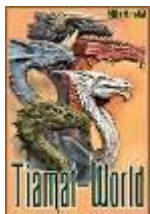
Pobrezinho, na verdade, Heather pensou. Tessa passaria sobre Joana d'Arc para chegar a Cole. E qualquer coisa que ameaçasse tirá-lo dela, mesmo que momentaneamente, estava em perigo de ataque. A última visita de Heather em casa tinha sido arruinada pelo ciúme de Tessa. De alguma forma ela conseguiu dar um jeito de Heather não ficar em nenhum momento a sós com Cole durante a parada agitada de três dias entre os compromissos de cantora.

Tessa invejava a carreira da garota mais jovem, de suas roupas, de sua beleza. Ela teve todas as oportunidades para jogar observações maliciosas para ela - observação que subiriam à cabeça de Cole e abalariam a capacidade de perdoar de Emma. Era como estar agarrado à morte por um inimigo invisível com todo mundo vendo. Tessa sempre tinha sido o pior inimigo de Heather. Agora, pelo menos sabia como se proteger. No passado, quando a mãe de Heather estava viva, tinha sido mais vulnerável.

Tessa tinha a vantagem de seis anos sobre a criança sem curvas que Heather tinha sido e em sua adolescência, ela era extraordinariamente sofisticada para sua idade, o tipo de garota que agradava uma mulher como Deidre Shaw. Tessa passava mais tempo em Big Spur do que em sua própria casa e Heather não tinha recebido nada mais que migalhas, restos de afeto da mãe. Quando Deidre Shaw sucumbiu à pneumonia, foi Tessa que pediu para cuidar dela. E no funeral poucas semanas depois, Heather sentia-se tão distante de sua mãe na morte quanto em vida.

Dois anos depois, Emma Everett, que tinha ficado viúva recentemente, concordou em casar com Jed Shaw e ter Heather sob seus cuidados. Suas famílias tinham estado sempre perto por causa da amizade de Jed com Big Jace Everett.

Com Emma e Jed sofrendo na solidão do luto, pareceu a coisa mais natural do mundo que se voltassem um para o outro. Emma e Cole fizeram parte de Big Spur a partir do momento em que



se mudaram e pela primeira vez em sua vida Heather foi cercada pelo carinho e afeto que sempre desejou.

Cole! Um tremor tomou conta de seu corpo esguio. Ela sempre pensava nele como seu irmão mais velho. E se ele a beijasse? Esse pensamento era novo e levemente chocante, como se fosse proibido sequer considerar qualquer intimidade com ele. Mas eles não eram parentes de sangue, pois não estavam relacionados, nem mesmo de longe. Isso a tornava vulnerável. Significava que Cole poderia beijá-la, tocá-la e não haveria nenhuma razão para ele se conter. Ele poderia até mesmo fazer amor com ela...

Seu rosto ficou vermelho. Certamente, sua inocência poderia protegê-la ou não? Apesar do carinho que Cole sempre sentiu por ela, ele era um homem. E algo que ela tinha visto nos olhos dele hoje, pela primeira vez tinha convencido que a sua atitude com ela tinha mudado. Cole era o tipo de homem que não iria aceitar limites. Ele era muito experiente para se tornar um adolescente por causa de uma mulher, Heather não sabia como iria se proteger, se ele decidisse que a queria.

Com um suspiro, ela ficou ereta. Tudo o que ela tinha era um novo olhar nos olhos de Cole e ela podia ter feito uma leitura totalmente errada da situação. Talvez fosse só provocação e lá estava ela agitada imaginando intimidades.

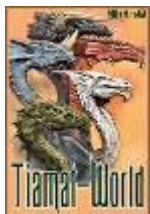
Ela virou a cabeça para trás para ouvir o comentário de Emma, sobre a fazenda e seus esforços para criar uma creche para filhos de mães que trabalham no local. Era isso, ela tinha apenas imaginado o interesse de Cole. Mas no fundo de sua mente, ela ainda podia ouvir sua voz masculina, calma e perigosa, despertando desejos latentes e profundos dentro dela.

Três dias depois, Heather estava convencida de que ela tinha imaginado tudo aquilo. Cole era agradável, mas distante com ela, não havia nada de romântico em sua atitude. Ele não saía do seu caminho para encontrá-la, mas não a evitava também. Ele era o mesmo, na superfície pelo menos, e Heather começou a relaxar, enquanto sua voz e sua confiança retornava lentamente. Mas às vezes ela pegava os olhos de prata brilhando em sua direção e uma vez ela encontrou um olhar que partir deles que guardava uma raiva estranha, quase ódio e a intensidade a enervava.

O que ela tinha feito para Cole desgostar dela assim? Talvez, ela pensou, ele estivesse lamentando a observação que tinha feito e esperando que ela fosse adulta o suficiente para não levar a sério.

Tessa apareceu como um exército conquistador no dia seguinte, toda falsos sorrisos e doçura. Ela estava bajulando Cole, como de costume, enquanto Heather sentava e assistia com um novo vazio em seu coração.

—Fiquei muito triste ao ouvir sobre o acidente. Tessa suspirou, acenando com a mão tão bem cuidada para Heather. — Você nunca foi muito de dirigir, não é querida? Eu me lembro do dia em que você correu com a Ferrari de Cole através da cerca do curral. Ela riu cortante, os olhos negros querendo morder a mulher mais alta. — Que bagunça! E Cole estava simplesmente furioso, não estava querido? Ela riu roucamente, adorando o homem ao seu lado no sofá com seus olhos.



Cole fumava seu cigarro em silêncio, e seus olhos se estreitaram, movendo-se deliberadamente pelo corpo delgado de Heather. Ela estava vestindo um terninho de seda bege que abraçava suas curvas suaves como uma carícia.

Heather olhou para as botas de couro marrom em vez do seu rosto e se alarmou com a própria reação ao seu olhar descarado. Ele só estava fazendo aquilo para irritá-la, ela disse a si mesma. Ele não estava realmente interessado.

Tessa continuava seu monólogo.

—Foi maravilhoso em San Antonio - disse para a garota mais nova. — Fomos a um concerto de Bach, tão agradável aos ouvidos. Nada dessa coisa moderna e vulgar - acrescentou com desgosto. — Eu não gosto de música popular.

E isso, Heather pensou, era uma ironia agradável. Apenas um tapa de pelica. Tessa sabia muito bem que Heather cantava música popular. Ou cantava, até o acidente.

—Você já tentou cantar desde o acidente? Tessa perguntou com preocupação fingida. — Cole me disse que você está muito nervosa quanto a sua voz, acho que isso poderia significar o fim de sua carreira, não poderia?

Heather levantou-se da cadeira e saiu da sala sem um olhar para trás. Ela estava sofrendo muito para lutar, mesmo que tivesse uma voz para lutar.

—Oh, eu não deveria ter dito isso, deveria? Tessa murmurou, uma boa imitação de pesar em sua voz de seda. — Coitadinha...

Heather continuou andando.

Ela ficou acordada até tarde da noite, as palavras duras assombrando-a. Será que ela iria cantar de novo? Ela teria a coragem de voltar para Houston e juntar os pedaços de sua carreira? Memórias do vazio, da solidão, das longas horas cantando no escuro, clubes enfumaçados ocuparam sua cabeça.

A porta se abriu no meio dos seus pensamentos profundos, e Cole entrou, fechando-a atrás dele. Ele estava em trajes de noite, devastador em seu elegante terno escuro e camisa de seda branca imaculada. Sua gravata estava solta e sua camisa estava meio desabotoada no peito, onde a pele bronzeada e pelos negros e encaracolados marcava a brancura da seda. Ele parecia supremamente masculino, sensual e Heather sentiu-se vulnerável na fina camisola rosa, mesmo com o pesado acolchoado puxado até a sua cintura. Ela teve que lutar para não puxá-lo até o pescoço, especialmente quando os olhos brilhantes de Cole estreitaram-se nas curvas de seus seios pequenos e firmes expostos pelo decote.

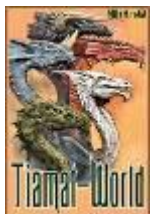
—Não conseguiu dormir? Ele perguntou calmamente.

Ela engoliu em seco e balançou a cabeça despenteada loira.

Ele parou ao lado da cama, com as mãos na cintura estreita e olhou para ela com ousadia.

—Nervosa, querida? Ele perguntou com diversão, quando ela puxou bruscamente as cobertas.

Ela corou e olhou para ele.



Ele riu baixinho. — Santinha - ele repreendeu. — Eu provavelmente sei mais sobre o corpo de uma mulher do que você.

Eu não duvido disso nem por um minuto, pensou furiosamente, e sabia que ele podia ler o pensamento em sua mente.

Ele estendeu a mão e tocou-lhe o cabelo desganhado com ternura.

—Qual é o problema? Ele perguntou calmamente. — Tessa deixou você triste?

Ela mordeu seu lábio inferior e desviou o olhar. — Sim - ela disse suavemente.

—Ela não entende – lembrou-a. — Tessa nunca quis uma carreira. Ela prefere trabalhar sendo uma mulher.

Seus olhos dispararam para ele com curiosidade, buscando-os no silêncio que se seguiu.

Seus olhos se estreitaram no exame detalhado.

—Não, eu não durmo com ela – ele disse asperamente.

Seus lábios ligeiramente entreabertos quando ela engasgou. Ela não tinha pensado muito sobre isso.

—E mesmo que eu tivesse - acrescentou ameaçadoramente — não seria da sua conta.

Sua boca se abriu, mas nenhum som saiu. Ela não conseguia entender o que havia acontecido com ele.

—Mas então, você nunca se interessou por esse lado da minha vida, não é Heather? Seus olhos prateados dispararam por seu rosto. — Você nunca se perguntou se eu tinha mulheres.

Isso era verdade. Mas ela estava começando a ficar curiosa a respeito dele de uma maneira que a chocava.

Ele riu, mas sem alegria. — É melhor assim, pequena. Não haveria nenhum futuro nisso. Tenho treze anos mais que você.

Ela nunca pensou na diferença de idade entre eles antes. Isso não tinha importância. Mas, de repente, pareceu importar para Cole de alguma maneira.

—Iremos para Nassau no primeiro dia do mês - ele despejou. — Preciso de uma pausa, tanto quanto você, e isso fará bem para Emma, sair daqui por algum tempo. Eu posso dispor de dois ou três dias. O sol ajudará você a relaxar.

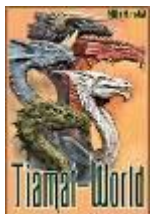
Ela sorriu para ele. Nassau era um lugar que ela sempre quis conhecer, mas Cole estava sempre tão ocupado que férias com ele eram raras. Talvez essa viagem fosse uma oportunidade para abrir a brecha que era crescente entre eles.

—Adorável garotinha - ele murmurou, olhando para ela com um meio sorriso no rosto bronzeado e forte. — Você brilha quando sorri para mim.

O sorriso dela se alargou e ela estendeu a mão involuntariamente para pegar a dele e segurou-a com firmeza. Ela sentiu-o enrijecer ao toque e se afastou dela.

O sorriso deixou seu rosto e ela olhou para a coberta com uma expressão magoada. Ela sentia sua silenciosa rejeição tão cortante quanto uma faca torcendo dentro dela.

—Durma um pouco, Heather – ele disse rudemente, se afastando. — As coisas parecerão melhor pela manhã.



Mas elas não ficaram. Nem na manhã seguinte ou na manhã depois dessa. O temperamento de Cole se tornou famoso ao longo dos próximos dias. Era cada vez mais perigoso chegar perto dele.

—Eu só perguntei se eu poderia ir até a cidade - um dos cowboys gemeu para Emma — e ele jogou um freio em mim.

—Graças a sua estrela da sorte que não havia um cavalo unido a ele - Emma disse-lhe calmamente. O sorriso malicioso que ela deu a ele a fazia parecer vinte anos mais jovem. — Você sabe como Cole é, Brandy.

—Sim senhora. Concordou o cowboy grisalho. — Mas normalmente ele só fica assim quando algo vai terrivelmente mal. Como naquela época em que Moze esfolou o seu cão pastor preferido com o jipe. Ou durante o roundup⁴ quando os animais se machucam.

—Finja que é Roundup e aguente - disse Emma em um sussurro conspiratório

Brandy respirou em longo sofrimento. — Ele jogou uma placa em Herb - ele murmurou, voltando um passo. — Ele só perguntou se poderia ir à casa de Johnson para ver sua namorada.

Heather sufocou um sorriso, balançando a cabeça.

Emma olhou para ela.

—Você não sabe o que há de errado com ele, suponho? Jogando uma indireta.

—Pergunte a Tessa - ela respondeu, muito rapidamente. — Ele ficou assim desde aquela noite que a levou para dançar no country club.

—É verdade - Emma recordou. — Mas me lembro que ele parou no seu quarto no caminho para a cama.

Heather olhou para seus pés.

—Só para ver porque eu estava acordada - ela respondeu. Era bom ser capaz de falar, embora ainda não tivesse recuperado plenamente sua voz. Ela não ousara tentar cantar ainda. Sabia que era cedo demais.

—Ele olha insistentemente para você - comentou Emma. — Não me diga que você não notou isso.

Heather passou de um pé para o outro. — Notei - ela admitiu. A raiva dele a magoava, também, porque ela não entendia o que tinha feito para causar isso. Mas não diria nada a Emma.

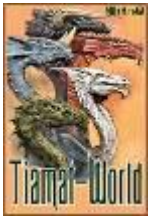
—Ele cuidou de você durante sete anos ou mais - a mulher mais velha lembrou. — Agora é independente. Você realmente não precisa mais dele. Ele acha difícil de aceitar, acho. Ele é muito possessivo com você.

—Descobri isso no hospital - Heather respondeu com um suspiro.

—Assim como o resto de nós - ponderou Emma. — Ele atravessou o teto quando o hospital ligou para casa e perguntou por que ele não tinha ido vê-la. Coitado do velho Bill. Eu acho que ele nunca vai superar o que Cole lhe disse. Cole era como um homem selvagem naquela noite. Você sabe, ele pegou o avião sem ter sido checado? Essa foi a primeira vez que ele fez isso.

Era certamente. Mas Heather não queria pensar muito profundamente sobre isso.

⁴ A atividade de recolha de animais de modo que eles podem ser contados, marcados ou vendidos



—Ele não gosta de Gil - ela murmurou.

—O jornalista? Emma riu. — Você sabe que ele odeia jornalistas. Ele foi perseguido por eles ao longo dos anos. Talvez tenha pensado que o Sr. Austin estava tentando chegar até ele através de você.

Ela não havia pensado nisso. — Sim, pode ser — ela disse balançando a cabeça.

—E também... Oh! Emma ficou branca e quase se dobrou, o suor molhando sua testa.

—Emma, o que está errado! Heather gritou, segurando o corpo magro da madrastra. — O que é isso?

—Indigestão - veio a resposta, murmurada com raiva. — Oh, isso me deixa tão louca. Terei que ver um médico, mas continuo achando que vai desaparecer por si mesma.

—Você tem certeza que é isso? Heather estudou o rosto pálido de Emma e a expressão de dor.

Emma se endireitou, respirando pesadamente enquanto tentava se recompor. Ela conseguiu dar um sorriso.

—Sim, querida, tenho certeza - ela assegurou a mulher mais jovem. — Deus, tenho esses ataques o tempo todo. Só tenho que tomar uma dose de soda ou antiácido e passará. Nada além de indigestão.

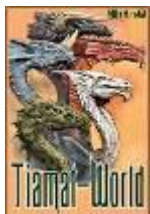
A face de Heather relaxou. Ela não poderia suportar que tivesse qualquer coisa errada com Emma. Perdê-la a machucaria muito.

Tessa estava de volta no dia seguinte, agarrada a Cole e ele não parecia se importar com isso. Seus olhos permaneceram fixos em seu corpo esguio e Heather queria gritar. Sempre incomodava Heather vê-los juntos, mas nunca tinha doido assim. Ela estava olhando Cole agora com novos olhos. Ele tinha uma constituição poderosa, cada centímetro como o de um atleta. Ele nunca poderia ser chamado de bonito, mas sua arrogância era magnética e os olhos prateados sob as sobrancelhas grossas podiam tanto encantar quanto desanimar quando ele quisesse.

Ele derramou seu charme em Tessa naquela noite. Unindo seus dedos esguios com os dele, deu-lhe toda a sua atenção enquanto discutiam negócios na sala de estar. Tessa sabia muito sobre pecuária como seu pai e tinha tino para os negócios. Mas agora, ela estava ocupada sendo uma mulher, Heather sentiu uma onda de puro ciúme no estômago, ela olhou para a sala de estar em seu caminho para a cama. Lembrava-se muito bem da sensação dos dedos de Cole sobre seu rosto, o som de sua voz profunda. Ansiava pelo toque da sua boca e sua própria excitação a assustava.

Um ciúme como este geralmente acompanhava o amor, ela sabia. Mas Cole era seu meio-irmão. Apesar do fato dela sempre colocá-lo em um pedestal, ele não era objeto de seu desejo... ou era?

No final da tarde seguinte, Heather caminhou em direção ao curral, vestida com um jeans e uma camisa de algodão macia azul com um pulôver vinho profundo para protegê-la do frio. Havia nuvens carregadas e escuras e uma tempestade estava se formando. Se fosse primavera ou verão,



ela teria jurado que seria um tornado. Mesmo que um furacão fosse muito improvável nesta época do ano, o vento estava forte.

No curral, Cole balançava sobre a sela de um cavalo que Alonzo estava domesticando para integrar a remuda⁵. Sua figura alta era imediatamente reconhecida enquanto ele pegava as rédeas na mão e ordenava que os homens fossem para trás. De repente, o cavalo castanho tornou-se um borrão de movimento frenético, mas a postura de Cole era irrepreensível enquanto ele se movia com o cavalo, ricocheteando para frente e para trás na sela como se tivesse sido preso a ela com cola instantânea. Sua calça de couro voando, ele apertou o chapéu com uma mão magra poderosa, enquanto a outra controlava o animal furioso. Cowboys pendurados na cerca, riam e aplaudiam, e ela podia ver a emoção do desafio no rosto forte de Cole, mesmo à distância. Havia confiança em cada linha de seu corpo, confiança junto com uma graça ágil que era descaradamente masculina.

O cavalo deu-se por vencido muito antes de Cole e ficou descontroladamente ofegante, as pernas trêmulas pelo esforço. Cole desmontou e gentilmente acariciou a crina macia, conversando com o cavalo da mesma maneira tranquila que tinha falado muitas vezes a Heather quando ela estava assustada.

Quando ele a viu ali, seu rosto pareceu ficar ainda mais duro. Ele olhou para cima quando as primeiras gotas de chuva caíram do céu e disse algo aos seus homens. Em seguida, enfiou o chapéu caído sobre os olhos, na sua inclinação habitualmente arrogante e se dirigiu a ela, tirando a calça de couro enquanto andava. Segurou-a sobre um braço e pegou-a pela cintura com o outro, levando-a para o celeiro mais próximo enquanto o céu se abria e despejava uma saraivada de balas líquidas sobre eles.

—Você não pode pegar um resfriado agora - falou para ela. — Corra, garota!

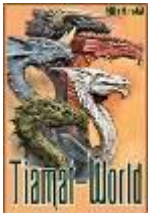
Ela correu ao lado dele, alegre mesmo quando suas longas pernas facilmente o distanciava dela. Quando chegaram ao celeiro, seu rosto estava vermelho, os olhos risonhos, os cabelos em uma gloriosa bagunça. No interior, duas fileiras de baias limpas eram separadas por um longo corredor cheio de serragem de madeira nova cor de mel que faziam uma almofada no chão duro. Ela empurrou os cabelos para longe de seus olhos azuis e ria para Cole enquanto ele parava na porta, observando a chuva fria cair nos padoques entre o celeiro e a casa.

Seus olhos correram sobre ela e se afastaram de volta à chuva. Ele jogou a calça e seu chapéu de lado, lentamente procurando um cigarro no bolso. Ela o observou acendê-lo, os olhos atraídos pelos fortes dedos bronzeados enquanto eles manuseavam o isqueiro. As unhas eram lisas e limpas, apesar do trabalho manual que ele ocasionalmente se envolvia.

—Eu não sabia que ainda montava broncs⁶ - ela disse quebrando o silêncio tenso.

⁵ Palavra Espanhola usada para designar um pequeno grupo de cavalos de sela, no sudoeste dos EUA. Os cowboys do norte usavam geralmente a palavra "Remuda".

⁶ É um evento de rodeio, que envolve um participante do rodeio montando em um cavalo (às vezes chamado de bronc ou bronco), que tenta jogar o cavaleiro.



—Há um monte de coisas que você não sabe sobre mim - ele respondeu sem olhar para ela. Ele se encostou na parede do celeiro e olhou para fora na chuva com os olhos cinzentos estreitando-se.

Isso era verdade. Cole tinha sido sempre um mistério: um segredo, uma pessoa muito privada que não permitia ninguém, nem mesmo sua meia-irmã, se aproximasse.

—Cole, o que eu fiz? Ela perguntou, de repente, incapaz de suportar a sua frieza um segundo mais.

Ele ainda não olhava para ela. — O que faz você pensar que fez alguma coisa?

Ela baixou os olhos para o chão e passou o bico de sua bota pela cobertura de serragem do chão.

—Eu não sei... você está muito distante de mim ultimamente.

Ele riu misteriosamente, com um som que era tão duro quanto o bater da chuva no telhado ou o estrondo de um trovão.

—Não ria - ela murmurou. — Nós estávamos sempre perto, mesmo quando discutíamos. Mas tudo mudou agora e não entendo por quê.

Ele deu uma longa tragada no cigarro. O uivo do vento ecoou no calor aconchegante do celeiro, o trovão fez o chão tremer. Sem aviso, os olhos dele voltaram-se para ela, atravessando-a e a intensidade de seu olhar a fez querer se afastar.

—Você fez a escolha, não eu – ele disse bruscamente.

Ela piscou para ele. — Que escolha?

—Virar as costas para sua família e conquistar uma carreira para si mesma – ele disse friamente.

Ela sentiu arrepios correr por seus braços e desviou os olhos.

—Você nunca vai me perdoar por isso, vai? Foi a primeira vez na minha vida que não fiz o que você queria e você vai morrer lembrando. — Ela sacudiu o cabelo para trás com raiva. — Eu te adorava, Cole! Gritou para ele, os olhos meio magoados, meio irritados.

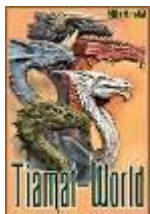
Seu queixo ficou tenso. — Quando você vai entender que eu não quero ser cultuado como um herói por você? Ele respondeu.

Seu lábio inferior tremeu. — O que você quer? Ela desafiou.

Ele jogou o cigarro fora na chuva e se moveu para ela antes que pudesse ler a intenção em seus olhos brilhantes. Ela encolheu-se contra as tábuas ásperas, enquanto ele apoiava as magras e bronzeadas mãos na parede de cada lado da sua cabeça e pressionava seu corpo totalmente para contra o dela, imobilizando-a ali num silêncio que se queimava com emoção. Ela sentiu seu peito, quente e duro com as camadas de roupa, pressionando contra os seios macios, seu estômago plano e pernas poderosas em contato íntimo com as suas.

—Deixe-me mostrar o que eu quero - ele rosnou e o que ela leu nos olhos dele a fez ficar com o pulso descontrolado com o susto antecipado.

—Cole... você não pode! Ela sussurrou trêmula, os olhos arregalados e brilhantes.



Seus olhos desceram para a boca macia. — Por que não? Ele desafiou. — Você fez tudo, só faltou se ajoelhar e me implorar por isso desde que saiu do hospital.

Ela abriu a boca para negar, a cabeça escura inclinou-se rapidamente. Ele separou os lábios dela com os seus, e ela sentiu sua rudeza, o calor exigente pela primeira vez. Seu corpo ficou rígido quando ele moveu os lábios vorazmente sob os seus e não tinha nenhum traço de gentileza nele. Ele estava zangado e o beijo era meio de raiva. Ela gemeu fracamente sob a dolorosa paixão de sua boca, seu corpo.

Ele se afastou, respirando com dificuldade, com os olhos em chamas diretamente nos dela a uma distância de centímetros. Ele estudou olhos brilhantes de lágrimas sem piedade.

— Como se sente? Perguntou ríspidamente.

Seus lábios tremiam. — Eu... eu não sei - ela murmurou, abalada pelo contato próximo ao seu poderoso corpo musculoso, pelo cheiro de tabaco e colônia oriental que se agarrava a ele, pelo sabor persistente de sua boca.

— Você queria isso - acusou, algo violento no brilho de seus olhos.

Sua respiração ofegante em um soluço. — Não mais - ela saiu. — Por favor, me deixe ir.

Ele hesitou um instante antes de se afastar dela. Seus olhos examinando os danos, as lágrimas brilhando sob os cílios, a súbita palidez de seu rosto. Em seguida, ela disparou para fora da porta para a tempestade, alheia à chuva forte que a encharcava antes que ela atingisse a segurança da casa. Ela foi igualmente seguida pelos olhos cinzas semicerrados que a observavam a cada passo do caminho.

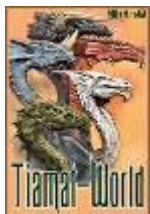
CAPÍTULO 4

Heather alegou uma dor de cabeça e evitou sua ida à mesa do jantar, agradecida por Emma não persegui-la com comprimidos ou perguntas. Ela não sabia que a mulher mais velha tinha imediatamente reparado na cor de seu rosto e a confusão em seus olhos.

Ela foi direto para seu quarto para trancar-se e olhar estupefata sua imagem no espelho. Seu rosto era o de uma estranha, com seus olhos azuis escuros arregalados e bochechas extremamente coradas. Sua boca tinha um ar apaixonado e mesmo agora ela podia sentir o calor da boca de Cole com sua língua.

Seus olhos se fecharam contra a imagem. Seu corpo ainda podia sentir a paixão poderosa. Ela nunca tinha percebido antes o quão forte ele era realmente. Nenhum esforço seu a teria libertado - apesar do fato de que ela tinha estado muito chocada para fazer algum esforço. E ele teve a audácia de dizer que ela o tinha tentado!

Tentá-lo, realmente! Como se ela tivesse coragem de equiparar sua inexperiência com sua perícia. Nem mesmo uma freira poderia ter saído daqueles braços poderosos ignorando o fato de que ele conhecia as mulheres. Apesar de sua raiva, ele havia sido devastadoramente habilidoso. Ela estava grata por ele não ter sido mais persuasivo, porque ela nunca teria sido capaz de resistir.



Ela envolveu seu corpo trêmulo entre seus próprios braços e foi até a janela para ver a chuva cair. Ela o tentou? Se olhar para ele ou tocá-lo era tentação, porque não tinha acontecido isso anos atrás? Ela suspirou, balançando a cabeça despenteada. Ele sempre soube que ela o colocava em um pedestal em sua mente. Por que de repente ele resolveu arruinar tudo?

As questões a importunaram a noite inteira. Ela queria correr, como um bezerro marcado por um ferro em brasa. Ela estava com medo de Cole de um jeito novo e excitante. Ela o via como um amante e isso a assustava por deixá-la vulnerável a ele.

Pensou em deixar Big Spur e voltar para Houston. Ela poderia ligar para um de seus muitos contatos no mundo do entretenimento e tentar arranjar um emprego. Mas era isso o que ela queria? Ela ainda não havia testado sua voz e sabia que sua hesitação vinha de uma certa relutância em tomar qualquer decisão drástica e precipitada sobre sua carreira. Foi por cantar que houve o rompimento entre ela e Cole – deveria continuar a seguir apesar de suas objeções?

Ela já tinha começado a questionar-se sobre sua carreira antes do acidente. Agora, essas dúvidas voltavam a assombrá-la.

Em seu estado debilitado, como ela iria se adaptar ao ritmo exaustivo de uma agenda de compromissos? Dois shows por noite, toda noite, seis dias por semana e ensaios constantes. E como ela iria lutar contra a solidão avassaladora que a assaltava cada vez que fugia de Big Spur e de Cole?

Ela desceu as escadas com relutância na manhã seguinte, vestida com jeans e suéter amarelo suave com decote em V, com os cabelos em um coque sofisticado francês na parte de trás do gracioso pescoço. Ela estava esperando contra toda a esperança que Cole estivesse fora em outra viagem ou no seu escritório em Brantville.

Mas ele ainda estava na mesa de café da manhã, sozinho e pensativo. Seus dedos brincando com uma xícara de café que estava obviamente vazia. Seu cabelo escuro revoltado sobre a testa proeminente, a camisa vinho aberta no pescoço e esticada sobre os músculos de seu peito forte. Ele parecia ameaçador e Heather fez uma pausa incerta na porta, sua mente pedindo para se retirar.

Como se sentisse a presença dela, ele olhou para cima e alguma coisa brilhou nos olhos de prata como um relâmpago de verão.

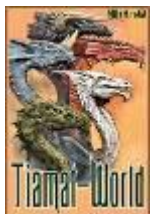
Os acontecimentos do dia anterior estavam entre eles, a lembrança deles permanecia viva enquanto seus olhos iam involuntariamente à sua boca. Ela lembrava-se vividamente do esmagamento de seus lábios contra os dela. Ela ainda se lembrava do cheiro dele, a pele limpa e quente de seu rosto, a sensação do seu corpo...

—Pode entrar – ele disse em um seco tom irritado. — Isso não sumirá.

Ela levantou o rosto com orgulho e se recusou a perguntar o que ele quis dizer. Sentou-se duas cadeiras longe dele e pegou o bule. Seus dedos tremiam ligeiramente enquanto enchia uma xícara. — Onde está Emma? Ela perguntou, tentando puxar assunto.

— Foi à cidade para ver o médico - ele respondeu secamente.

Ela franziu o cenho. — Há algo de errado? Perguntou com preocupação.



Cole balançou a cabeça. — É apenas uma indigestão da qual ela tem se queixado ultimamente e finalmente a convenci a consultar o médico pra ver isso. Seus olhos foram para seu rosto, penetrantes e duros. — Agora, há mais algum assunto que você gostaria de abordar antes de discutirmos o que realmente está em nossas mentes?

Ela olhou para o reflexo do lustre no seu café preto. — Eu não quero falar sobre isso, Cole — ela disse em voz baixa.

Ele deu um suspiro curto e acendeu um cigarro com movimentos rápidos. Tragou uma vez o cigarro antes de olhar para cima e seu olhar não perdeu os círculos escuros sob os olhos dela.

— Eu te machuquei, Heather? Ele perguntou em um tom que ela nunca o tinha ouvido.

Seu rosto ficou de um forte tom rosa e ela só conseguiu sacudir a cabeça.

Ele murmurou alguma coisa dura, antes de se recostar na cadeira com um movimento violento, jogando um braço musculoso nas costas da outra cadeira de maneira que a camisa se esticou sobre o peito largo, sombreando seus pelos. Seus olhos se estreitaram quando ele deu outra tragada no cigarro e expeliu com força.

— Poderia olhar pra mim, droga?

Seus olhos se ergueram apreensivos. Tudo o que ela sentia, a confusão e a dor, demonstrada em seu rosto.

—Você não percebeu — ele disse calmamente - que cada olhar que você tem me dado ultimamente tem sido um convite aberto? Nós temos vivido como irmão e irmã durante os últimos sete anos, mas a verdade é que não há uma gota de sangue entre nós. Nem mesmo somos primos distantes. Não há nada para me parar, Heather .

Ela desviou os olhos silenciosamente para o arranjo colorido sobre a mesa e engoliu em seco.

—... Eu não estava tentando... encorajar você — ela disse. — Eu olhei para você ... como sempre fiz.

— Não — ele disse.

Seus olhos brilharam para ele.

— Vou usar óculos a partir de agora, com certeza. Ela atirou de volta.

— Com medo de mim? Ele perguntou com um sorriso lento, sensual.

— Aterrorizada! Ela respondeu.

Terminou o cigarro e esmagou-o cinzeiro ao lado de seu prato.

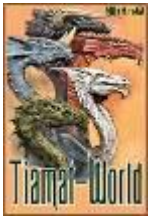
— Por que? Porque eu te machuquei?

— Você não foi gentil — ela disse em tom moderado. Seus olhos foram para os dela.

—Eu não sou um homem gentil. Tenho sangue quente e gosto das minhas mulheres da mesma maneira. Eu nunca tinha feito amor com uma adolescente antes. Eu fui rude com você porque estou acostumado com as mulheres que conhecem as regras. Você não conhece.

Seu rosto ficou da cor de uma beterraba cozida quando ele falou. Seu orgulho em pedaços enquanto olhava para ele. — Eu não sou uma adolescente!

— Beija como uma adolescente.



Seus olhos brilhavam faíscas azuis para ele e ele sorria preguiçosamente da indignação dela.

— Aquilo não foi um beijo - ela respondeu furiosamente. — Foi um assalto!

Ele jogou a cabeça para trás e riu, o som profundo, agradável e enlouquecedor.

— Bem, foi! Ela murmurou, brincando com sua xícara de café.

— Você já fez amor propriamente dito? Ele perguntou com um brilho nos olhos.

Ela evitou seu olhar paciente.

— O que isso tem a ver? Ela perguntou, inquieta.

— Muito. Parece que você está acostumada com homens que se contentam com rápidos beijinhos nos lábios e um abraço ocasional. Seus olhos desceram para sua boca. — Eu gosto de beijos fortes, rudes e profundos. Eu gosto de sentir o corpo de uma mulher contra cada centímetro do meu.

— Eu percebi – ela disse tentando ignorar a onda de vergonha que tomava conta dela.

— Notou? Você estava ali tão rígida que parecia uma pedra. Se você deixasse seu corpo jovem e macio relaxar contra o meu, não teria se machucado. Um canto de sua boca ergueu-se em um sorriso perverso. — Você poderia até ter gostado.

— Cole! Ela suspirou indignada.

Ele riu, empurrando a cadeira para trás.

— Vamos tentar de novo, quando você crescer um pouco – ele disse levantando uma sobrelance arrogante para ela enquanto saía da sala. — Eu não gosto de fazer amor com crianças.

— Sua besta egocêntrica! Ela gritou.

Mas ele apenas continuou andando. Ela esvaziou sua xícara de café com uma furiosa desatenção para a temperatura do café, estava com tanta raiva que queria jogar coisas. Nenhum outro homem jamais havia despertado sua violência como Cole. Ele poderia fazê-la sentir positivamente assassina.

— Eu vejo as chamas subindo de seu cabelo - comentou Emma quando Heather se juntou a ela na sala no final da tarde.

— Eu quero queimar Cole na fogueira – ela disse sem pensar.

— O que ele fez agora? A mulher mais velha perguntou com diversão em seus olhos escuros.

— O que ele não fez! Olhos azuis de Heather queimavam. — Ele é o homem mais enlouquecedor e irritante que já conheci!

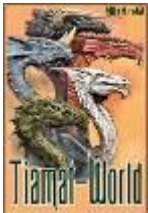
— Fogo e gelo - Emma concordou com um sorriso carinhoso — assim como seu pai. Jason era assim também.

Heather estudava a suavidade no rosto da outra mulher enquanto ela falava.

— Você o amava muito, não é?

Os olhos castanhos ficaram melancólicos. — Com toda minha alma. Estive muito perto de me matar quando ele morreu. Cole foi a única razão de eu não me jogar de um penhasco. Oh, seu pai era um grande conforto para mim em anos posteriores, mas Jason era... tudo.

— Ele parecia com Cole? Ela perguntou.



—Exatamente. Ele era um demônio bonito, certamente. Sempre teve mulheres perseguindo-o, mesmo depois que nos casamos! Até sua mãe costumava flertar com ele escandalosamente. Não me incomodava, apesar de tudo. Jason não tinha olhos para ninguém além de mim.

—Quando você o conheceu?

—Em um rodeio. Emma riu. — Ele era um dos fornecedores e meu irmão estava montando um dos broncs que ele tinha fornecido. Olhei para ele e soube que iria morrer se não o tivesse. Ele deve ter se sentido da mesma maneira - ela suspirou — porque nós nos casamos seis dias depois.

—Meu Deus! Heather ofegou. Ela e Emma nunca tinham falado sobre o pai de Cole, até agora e ela ficou fascinada. — Isso que é um namoro relâmpago!

—Foi uma loucura, tudo bem, mas Jason sempre fez coisas impulsivas. Como montar naquele Bronc... A luz nos olhos dela parecia ter ir embora, como uma vela apagada por um vento forte, amargo.

—Conte-me como sua creche está indo - disse Heather rapidamente, mudando de assunto.

O rosto de Emma se iluminou de novo enquanto ela contava os detalhes do seu mais recente projeto.

A tensão entre Cole e Heather era quase palpável e Emma olhava desconfiada de um para o outro na mesa de jantar.

—Está frio lá fora hoje – ela disse finalmente.

—Gelado - Cole concordou com um olhar. — Vamos para Nassau pela manhã.

—De manhã! Emma explodiu. — Mas nós não fizemos nem a mala...!

—Para o inferno com a mala - ele rosnou. — Compre o que precisar quando chegarmos lá. Não vou arrastar um caminhão de malas.

Heather olhou para ele com perplexidade.

—Você disse que iríamos no primeiro dia do mês - ela murmurou.

Seus olhos se estreitaram em seu rosto.

—Eu mudei de ideia. Você tem outros planos... como o de visitar aquele maldito repórter?

Ela arfou para ele.

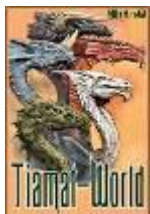
—Você disse a Gil que ele não poderia vir aqui – lembrou-o.

—Isso não a impediria de correr pra ele pelas minhas costas só pra me irritar - ele rosnou.

Emma começou a intervir quando a campainha tocou e a Sra. Jones foi andando lentamente passando pela sala de jantar para atender. Um momento depois, ouviram a voz alta de Tessa no corredor.

Tudo que eu precisava, Heather pensou maldosamente, baixando os olhos para o prato enquanto a garota de cabelos escuros girava dentro da sala, uma visão em chiffon azul pálido de corte simples que deveria ter custado uma fortuna.

—Jantar! Que adorável, acabei de voltar de Miami e não comi nada. Ela suspirou, puxando uma cadeira perto de Cole e acenando para a Sra. Jones colocar mais um lugar. — Você não se importa, não é, querido? Ela perguntou a Cole confiante.



—Sirva-se – ele disse com um sorriso distante. — Como estava Miami?

—Quente - foi a resposta indiferente.

—Eu estou ansioso por algum calor, também. Emma suspirou. — Só espero que Nassau não esteja no caminho do furacão que está a caminho.

—Nassau? Tessa olhou de repente, como um cachorro farejando um osso suculento. — Você vai para lá?

—Iremos amanhã – Cole disse, com os olhos no rosto abatido de Heather. — Precisamos de uma mudança de cenário.

—Posso pegar uma carona com você? Tessa perguntou rapidamente. — Tio James vive lá, você sabe e eu tenho a intenção de visitá-lo há meses. Eu ia reservar um voo comercial em algumas semanas, mas seria muito mais divertido voar com você... ela olhou para Cole flertando.

Ele estava assistindo a imobilidade do rosto de Heather como um falcão e seus olhos avaliando.

—Venha – ele disse. — O Cessna é grande o suficiente.

—Obrigado, querido - ronronou Tessa, ignorando as outras duas mulheres movendo-se para ainda mais perto de Cole.

Heather esfaqueou o pedaço de bife com um empurrão de seu pulso que não passou despercebido a um par de olhos de prata.

Tessa deixou o jantar com pressa pra ir pra casa e fazer as malas, e Emma confessou fadiga logo em seguida. Cole foi para seu escritório a fim de ver algumas papeladas, deixando Heather para dizer boa noite para Sra. Jones e apagar as luzes no caminho para a escada.

Ela tinha alcançado o primeiro degrau e tinha a mão no corrimão quando a voz profunda de Cole a chamou.

—Eu quero falar com você por um minuto – ele disse, voltando-se para a sala iluminada, confiante de que ela estaria bem atrás dele.

E ela ficou olhando para suas costas amplas, exasperada. Ele estava vestindo uma camisa amarelo-pálido que enfatizava seu bronzado e calças escuras que se agarravam às linhas poderosas de suas coxas. Ele estava sentado na beirada de sua mesa com um cigarro na mão e olhava para ela.

Ela não tinha percebido como o terninho turquesa que ela usava moldava suas curvas suaves até notar a maneira como os olhos prateados estavam avaliando seu corpo. Ela desejava estar usando algo um pouco menos revelador.

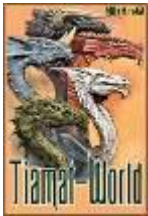
—Feche a porta - ele disse calmamente.

Ela olhou para ele e virou-se.

—Porquê? Ela quis saber.

Seus olhos se estreitaram.

—Porque vou te jogar sobre o tapete em frente ao fogo e fazer amor apaixonado com você, por isso - ele rosnou.



Ela se movia, irrequieta, afastando-se da voz sarcástica para fechar a porta muito delicadamente.

—Você não precisa brincar assim comigo.

—Você faz bem para o meu ego – ele observou.

Ela olhou para ele nervosamente.

—Você já teve muitas mulheres para saber o que fazer com elas – ela disse tentando fazer uma piada com ele. — Você não tem sido perseguido o suficiente?

—Eu gosto de fazer a perseguição – ele respondeu. Seus olhos se estreitaram. — Sou antiquado quanto a isso.

—Eu não sou uma adversária a sua altura, você sabe – disse a ele, lambendo os lábios com dificuldade.

—Porque você é uma principiante? Perguntou e seus olhos varreram o rosto vermelho enquanto ele dizia. — Eu não concordei com isso, não é? Eu tomei por certo que você tinha um pouco de experiência.

—Eu nunca me senti assim para experimentar - disse ela calmamente, movendo-se para acalmar-se na poltrona de couro vermelho ao lado da mesa.

—Sem sexo, em outras palavras.

Ela odiava a cor que ardeu novamente em seu rosto.

—Pare de me fazer sentir antiquada - ela engasgou. — Se sou reprimida, você tem alguma culpa, Cole. Sempre tive a sensação de que você bateria em qualquer um que tentasse se aproveitar de mim.

—E fiz - admitiu arrogante. — Nunca gostei da ideia de homens colocando as mãos em você.

—O que você chama o que estava fazendo comigo? Ela o desafiou impetuosamente.

O canto de sua boca se curvou. — Desastroso - disse secamente.

Seus olhos desceram para seu colo. — Vamos parar com isso, Cole – ela disse depois de um minuto, seu rosto preocupado enquanto ela o erguia novamente.

—Não posso suportar você com raiva de mim. Não me sinto mais bem-vinda aqui.

Ele estudou-a através de uma nuvem de fumaça cinzenta e suspirou. — Você realmente acha que podemos voltar sete anos e começar de novo?

Ela olhou para a madeira esculpida à mão do console da lareira.

—Nada aconteceu - ela disse teimosamente.

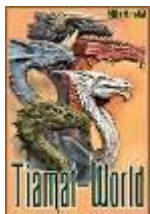
—Nada? Ele perguntou em um tom profundo e preguiçoso.

Ela engoliu em seco, olhando para ele e para longe. — Quase nada - emendou.

Ela ouviu o movimento antes de olhar para cima e encontrá-lo em pé na sua frente. Ele colocou uma mão bronzeada no braço da poltrona e se inclinou, olhando diretamente nos olhos dela sem vacilar.

—Eu quero você - ele disse calmamente, estudando o choque que congelou o rosto dela.

Ela tinha ouvido direito? Seus olhos dilataram descontroladamente.



—Agora que tenho sua atenção total - acrescentou secamente: — Vamos esclarecer uma coisa. A despeito do fato de que não me sinto particularmente fraterno com você, tenho alguns instintos protetores sobrando. Você está com vinte anos, é malditamente agradável aos olhos e foi abençoada com o corpo mais sexy que já toquei. Posso ser treze anos mais velho, mas não sou nem cego e nem impotente. E se você não começar a me tratar como uma ameaça à sua honra, você se encontrará em uma maldita confusão muito em breve.

Ela olhou para ele como uma estátua, os lábios entreabertos, seus sentidos entorpecidos.

—Eu sou um homem – ele continuou. — Você não sabe o efeito que esses seus olhos sensuais tem? Você não tem olhado para mim desde que saiu do hospital sem olhar incisivamente para minha boca. Você me toca como um gamo⁷ pedindo para ser acariciado. Você treme toda quando chego perto de você. Esses são sinais que nenhum homem perde, Heather, e você os tem enviado constantemente durante quase um ano. A única coisa que a salvou até agora é o fato de você não ter ficado em casa frequentemente.

—Eu... eu não percebi ...! Ela disse honestamente.

Ele ficou ereto, com um forte suspiro.

—Eu não sou imune a você - ele disse calmamente. — Pensei que fosse, mas não sou. O que aconteceu no celeiro não era algo que planejasse, mas isso era quase inevitável. E se você não prestar atenção em seus passos, isso pode não ser um incidente isolado.

—Vou usar um saco na minha cabeça e nunca mais olhar para você de novo - ela murmurou aborrecida.

Ele pegou seu pulso e puxou-a da cadeira com violência repentina, pressionando-a contra seu corpo rígido com força devastadora. Ele olhou para baixo em seus olhos com um brilho perigoso nos seus.

—Cole...! Ela suspirou.

—Não estou brincando – ele disse firmemente. — Você pode pensar que não sou uma ameaça, mas posso lhe provar que sou.

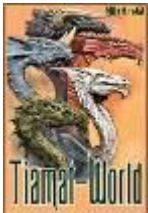
Ela engoliu o medo e se forçou a ficar parada. Ela soube instintivamente que seria estúpido lutar com ele.

—Eu acredito em você – ela disse com cuidado.

—Não, você não acredita – ele respondeu, olhando para sua boca macia. — Você acha que a única coisa que tem que se preocupar é de ficar com a boca machucada. Não é. ... Isto - ele murmurou, inclinando seu rosto com os dedos fortes e quentes - é com isso que tem que se preocupar.

Sua boca mordiscava suavemente a dela, no silêncio repentino, sem fôlego que se seguiu, e ela sentiu a língua traçando um padrão sensual entre seus lábios trêmulos. Seus dentes mordiscaram carinhosamente seu lábio inferior, enquanto suas mãos acariciavam a blusa contra

⁷ Mamífero artiodáctilo da família dos cervídeos, semelhante ao veado, com c. 1,70m de comprimento quando adulto, chifres em forma de galhada, comum na Europa, Ásia e norte da África



sua espinha, preguiçosamente, ternamente, persuadindo seu corpo suavemente contra o dele até que seus seios derretessem contra a força do seu peito.

Ela prendeu a respiração, os olhos entreabertos e viu os lábios cinzelados inclinar-se e roçar sua boca.

—Mais perto - ele sussurrou sensualmente, deixando as mãos deslizarem para baixo até seus quadris, puxando-a para um contato íntimo que ela deveria ter protestado.

Suas mãos tremiam sobre o peito dele. — Cole, eu... — ela disse trêmula.

A boca dele tocou seus lábios afastados e mordeu-os. — Abra sua boca - ele sussurrou. — Um beijo pode ser tão íntimo quanto fazer amor. Deixe-me mostrar...

O leve gemido que saiu da sua garganta a chocou. Ela nunca sonhou que as pessoas se beijavam assim, se tocavam assim. A boca dele estava tomando posse da dela e Heather estava deixando, sem um único protesto.

Suas mãos pressionadas contra o peito dele, sentindo seu calor, sua força, enquanto ele tomava o que queria de seus lábios rendidos.

—Desabotoe - ele murmurou contra sua boca. — Ponha as mãos no meu peito e me toque.

—Cole ...

Ele recuou e olhou em seus olhos enevoados. O seu próprio estava enevoadado.

—Isso é muito íntimo? Ele perguntou calmamente.

Ela lutou para recuperar o fôlego. Podia sentir o forte batimento cardíaco em seus dedos, ela conseguia ouvir os seus próprios batimentos na garganta.

—Não... não é justo - ela sussurrou fracamente. — Você sabe que não sou páreo para você. Você é muito experiente.

—Você quer que eu pare? Ele perguntou secamente.

—Sim. Seus olhos se fecharam e ela mordeu o lábio para conter as lágrimas. Seu orgulho doeu ao perceber quão pouca resistência ela tinha.

Suas mãos se contraíram por um instante antes que ele a soltasse completamente e fosse para o bar. Serviu-se de um copo de uísque e tomou dois goles grandes dele, de costas para ela. Ele respirou longa e fortemente sem se virar.

—Vá para a cama, menina – ele disse bruscamente.

Aquilo doeu, pelo que representava. Ela olhou impotente para suas costas amplas.

—O que você quer de mim, Cole? Ela perguntou, numa voz trêmula, apesar de seus melhores esforços para controlá-la.

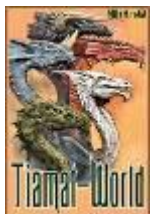
—Nada - ele grunhiu. — Nenhuma amaldiçoada coisa. Vá para a cama.

Ela começou a se afastar, mas sabia que não adiantaria. Suas costas estavam tão rígidas quanto ferro, tão rígida quanto sua vontade. Ela nunca iria compreendê-lo.

Sua mão fechada na maçaneta da porta.

— Heather?

—O quê? Ela perguntou com firmeza.



—Não me deixar chegar tão perto novamente, a menos que você esteja pronta para lidar com as consequências.

Ela abriu a porta e saiu, fechando-a firmemente atrás dela.

A viagem a Nassau foi angustiante. Tessa sentou-se na cabine do piloto com Cole todo o caminho, jogando-se para cima dele com habilidade praticada. Cole parecia gostar disso, sua forma possessiva, seu sorriso fácil. Ele não dispensou a Heather sequer um olhar desde que saíram e quando o fez, seu olhar era condenatório. Como se a culpa fosse dela por ele a ter beijado...!

Seus olhos se fecharam com a lembrança sensual. Ela ficou corada só de pensar no toque de sua boca na dela, a sensação de suas mãos, as suas palavras sussurradas. Ela nunca sentiu desejo antes, mas agora não era mais desconhecido. Ela sabia o que era arder com saudade de sentir seu corpo vivo, tenso e dolorido. Se Cole não tivesse parado, ela nunca teria sido capaz de detê-lo. Qualquer coisa que ele quisesse dela, poderia ter tomado e ambos sabiam disso. Mas o que ele queria? Por que estava tão cheio de ódio? Ela não o tinha tentado de propósito, mas ele estava agindo como se ela tivesse. Tudo era diferente entre eles agora, tudo. Ela queria voltar, mas todas as portas se fecharam de repente. Não havia nenhuma maneira mais adiante e ela estava com medo do futuro.

—Você está muito quieta - disse Emma quando desembarcaram na bela ilha do Caribe.

—A viagem me cansou - Heather disse docemente. — Foi uma longa viagem.

—Foi sim - Emma concordou. Ela acariciou a mão delgada de Heather. — Vamos descansar quando chegarmos ao nosso hotel. Você vai se sentir melhor depois de uma soneca.

—É claro - Heather concordou, mas o sorriso não atingiu os olhos.

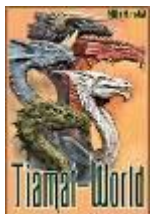
Heather inclinou-se sobre a varanda do quarto do hotel que estava compartilhando com Emma e olhou para toda a baía com sua água turquesa brilhante e areia branca. Ela respirava o perfume delicioso de sol, mar e buganvílias, seu cabelo agitado pela brisa úmida abafada. A ilha era tudo que sonhou que seria.

Havia uma abundância de restaurantes e hotéis nas proximidades, mas Heather não sentiu a menor vontade de ir as boates naquela primeira noite com Emma, então elas ficaram para trás, enquanto Cole levava Tessa à cidade.

Heather sentia uma raiva que era apenas mal disfarçada quando ela os viu sair do hotel. Cole estava tão bonito, tão masculino em trajes de noite e a figura Tessa em um vestido preto de paetês estava incrivelmente sedutora. Como poderia Cole resistir ao convite feito? Lembrando a aspereza de sua deliciosa boca na dela, Heather não tinha certeza de que Tessa a conheceria antes que a noite acabasse. Toda aquela poderosa masculinidade tomando posse de seus sentidos, afogando-a em prazer ...

Ela voltou para dentro do quarto e vestiu sua camisola sem perturbar Emma, que já estava dormindo. Mas demorou horas antes de Heather, também cair em sonhos inquietos.

Emma não era nadadora e também não tomava banho de sol, então decidiu ir às compras em vez de se unir a Heather para o café e uma manhã na praia.



—Vá em frente, querida – ela disse sorrindo enquanto colocava seus óculos de sol. — Lamento que você não tenha companhia. O Tio de Tessa “decidiu” ir para a França na última hora. Suponho que foi difícil para Cole dizer não quando ela lhe pediu um tour pela ilha.

Essa informação só tinha surgido esta manhã e atingiu Heather como um balde de cimento fresco. Agora ela descobriu que estava com ciúmes de uma forma que nunca pensou que teria. Ela queria raspar o cabelo de Tessa pela raiz.

—Ficarei bem – ela disse calmamente.

Emma a olhava atentamente enquanto balançava a cabeça.

—Não se esqueça de usar o protetor solar que trouxe - ela advertiu. — E usar óculos de sol. Esta é uma ilha tropical e o sol é muito forte.

—Vou me lembrar. Divirta-se.

—Você também. Emma tocou seu braço carinhosamente. — Tessa é um hábito, Heather – ela acrescentou com uma perspicácia incrível. — Não desista.

Ela corou loucamente enquanto encontrava os olhos da mulher mais velha.

—O que você quer dizer?

Emma sorriu secretamente.

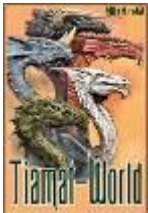
—Eu lembro muito bem do pai de Cole, você sabe - foi tudo o que ela disse, mas quando saiu do quarto espaçoso, Heather teve a sensação de que Emma estava muito ciente de tudo o que estava acontecendo ao seu redor.

A marquise adjacente de seu hotel era repleta de lojas e vários restaurantes caros. Poucos minutos depois Emma saiu, Heather desceu para tomar seu café. Ela vestia um atraente vestido xadrez azul e turquesa, sandálias de tiras e seus longos cabelos loiros agitavam-se em torno de seus ombros pela brisa.

Ela se sentiu abandonada de alguma forma. Não que se importasse de Emma ter saído sozinha. Mas Cole tinha feito de tudo para evitá-la, desde aquela noite na sala. Ela fez uma careta, lembrando-se de sua própria covardia. Mas tinha medo dele. Cole era um homem, afinal de contas e admitiu que não reconhecia os limites com uma mulher. Heather, com toda sua beleza e sofisticação superficial, ainda era inocente nos caminhos da paixão e Cole a aterrorizava. Tudo o que ele tinha que fazer era beijá-la daquela forma arrogante, íntima e ela lhe daria qualquer coisa que ele quisesse. Ela suspirou melancolicamente. Provavelmente, ele sabia disso. Isso explicaria por que manteve deliberadamente uma distância entre eles.

Ou talvez ele apenas preferisse Tessa. Os olhos azuis de Heather ficaram nublados. Toda a sua vida, ao que parece, Tessa havia lhe tirado as coisas que mais lhe importavam: a mãe de Heather, o namorado de Heather, até mesmo uma pulseira linda de esmeralda que Deidre Shaw tinha dado a Tessa apesar de Heather a ter herdado de uma tia avó. E agora, Tessa iria ficar com Cole, também.

Heather entrou em uma pequena cafeteria e pediu um pãozinho doce e um café, vendo como sua nota de cinco dólares era trocada e ela recebia três notas coloridas de um dólar bahamense e algumas moedas estranhamente belas das Bahamas. Exceto pelo acento musical do



pessoal das Bahamas que trabalhavam no café e os engraçados carros estrangeiros, descontroladamente conduzidos pela rua lateral do restaurante, ela poderia estar em qualquer grande cidade americana.

Ela mexeu o café inquieta. Porque Cole estava evitando-a? Ou era o assédio constante de Tessa que apenas fazia parecer que ele estava? Irritada com o rumo que seus pensamentos tinham tomado, ela os ignorou enquanto terminava seu café da manhã.

Mais tarde, deitada em uma confortável cadeira de praia sob um guarda sol, ela assistiu a um navio de passageiros deixar o porto. Era de bandeira britânica e os turistas estavam na amurada observando os pequenos barcos de pesca que iam e vinham. Heather já tinha visto os dois pequenos rebocadores alinharem o navio em direção ao alto mar e tinha ficado fascinada pelo processo. Os navios de passageiros eram diferentes de tudo o que já tinha visto e ela ficava imaginando para onde aquelas pessoas iriam e se algum deles se sentia tão sozinho quanto ela.

—Você está sozinha? Uma voz agradável perguntou atrás dela.

Ela girou levemente em sua cadeira, consciente da brevidade de seu biquíni amarelo e do olhar muito interessado do homem de cabelos e olhos escuros em pé ao seu lado.

—Não mesmo – ela disse secamente, apontando para o outro lado, cinquenta pessoas espalhadas ao longo da praia.

Ele riu deliciado e balançou a cabeça.

—Eu fiz, como vocês dizem, a frase errada. Americana?

Ela assentiu com a cabeça.

—Francês? Perguntou.

Ele deu de ombros.

—É o meu sotaque. E eu pensei que o meu Inglês fosse *magnifique*!

—Oh, ele é – assegurou a ele, gostando de sua maneira jovial e amigável.

—Você está com alguém aqui? Ele perguntou ambas as sobrancelhas escuras erguidas sobre seus olhos escuros.

—Sim, estou. Ela viu sua expressão mudar e riu. — Minha madrasta - acrescentou e o sorriso e voltou.

—Eu posso me juntar a você? Ele perguntou esperançosamente.

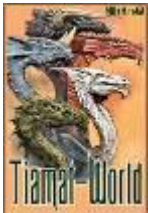
—Não é uma cadeira muito grande - comentou ironicamente.

Ele riu encantado e foi pegar sua cadeira de praia. Ele era alto, mas não era magro e também não era feio em seus shorts azul céu. Ele tinha jogado a toalha combinando descuidadamente nos ombros e usava uma corrente de ouro que balançava no pescoço que parecia muito cara. Ela tinha certeza de que o diamante no dedinho era real.

—Você não quer deitar no sol? Ele perguntou curioso.

—Eu me queimo – disse a ele. — É mais seguro aqui na sombra, e muito, muito mais fresco.

—A água está fria – ele observou, voltando-se para deitar ao seu lado e observá-la.



—Não está muito, mas é muito salgada. Ela suspirou. — Como beber água aqui - acrescentou com uma risada. — Meu primeiro gosto disso foi uma experiência. E você pode acreditar que há uma escassez de água na cidade, com todo o Caribe e Atlântico ao redor!

—Você deve beber água engarrafada - aconselhou. — Muito mais agradável ao paladar.

—É o que eles dizem, mas prefiro beber o ponche Goombay.

—Você é modelo? Ele perguntou.

—Cantora - ela corrigiu.

—C'est vrai? Que maravilha! Você vai cantar aqui, na ilha?

—Não, não estou em condições. Sofri um acidente. Minha voz só agora está voltando - explicou. — O que você faz? Acrescentou.

—Eu escrevo - ele disse. — Romances de aventura, principalmente, mas estou de férias esta semana. Tenho, como vocês dizem, um cérebro cansado. — Ele riu.

—O meu fica desse jeito. Ela estudou o rosto magro. — Você não parece um escritor - comentou distraidamente.

Ele sorriu.

—Você não parece nem um pouco com uma cantora, mas sim com uma garota da capa. Se eu não for muito presunçoso, está ocupada esta noite? Ele estendeu um dedo e traçou levemente sua bochecha. — Eu gostaria de lhe mostrar a vida noturna no cassino. Ele sorriu. — O jogo é emocionante.

—E às vezes extremamente perigoso - veio uma voz profunda e enraivecida por trás de Heather.

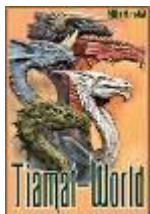
Ela se virou e olhou para cima para um par de olhos prata em chamas que só poderiam pertencer a um único homem.

CAPÍTULO 5

Ela olhava fixamente para Cole enquanto o outro homem desculpava-se apressadamente. A camisa de Cole estava completamente aberta sobre seu peito amplo e bronzeado coberto de pelos escuros. Ele parecia totalmente masculino e estudou-o em silêncio por vários segundos antes que ela percebesse como estava descoberta. Seu olhar desceu deliberadamente para seu corpo, vestindo apenas um biquíni minúsculo, seus pequenos seios enfatizados pelo corte do biquíni. O olhar do francês não a tinha incomodado tanto, mas Cole era devastador. Ela sentia como se seus dedos estivessem tocando seu corpo.

Com um movimento brusco, ela pegou sua saída de praia e rapidamente puxou-a, abotoando na frente.

—Planejando ir a algum cabaré, Heather? Ele perguntou com uma nota de gelo em sua voz que despertou seu temperamento.



—Não, não vou! Ela endireitou os ombros, sem esquecer o seu constrangimento com um flash de indignação. — Eu não tenho mais treze anos e não vou deixar você me dizer como me vestir!

—Ah, não? Ele perguntou com um sorriso zombeteiro. Ele estendeu a mão e inesperadamente colocou-a em pé. Apesar de sua luta, ele segurou seu pulso em um aperto inabalável e foi meio puxando, meio arrastando-a ao longo da areia em direção ao hotel, deixando a toalha de praia para trás.

Ela suspirou, tentando lutar, mas ele não levava sua força em conta. Todos esses anos de árduo trabalho na fazenda tinham-lhe dado músculos de aço. Cole nunca tinha sido o magnata de mesa que muitos homens ricos eram. Ele mantinha seu corpo, poderoso atlético em forma e em momentos como este, ele era imbatível.

—Me deixa! Ela explodiu. — Cole, nunca vou perdoá-lo...

—Você está fazendo uma cena - advertiu.

— Eu não me importo! Ela respondeu. Mas se importava. O aviso a silenciou de forma tão eficaz quanto uma mordaca.

Ele chegou à porta de seu quarto, escancarou-a e atirou-a para dentro, parando para bater a porta atrás deles.

Esfregou o pulso com uma expressão magoada. — O que você teria feito se eu não tivesse deixado a porta aberta? Ela perguntou em tom sarcástico.

—Iria derrubar - respondeu friamente e ela não tinha dúvidas de que ele faria.

—É o meu corpo – ela disse vacilante.

—Não para mostrar na frente de cada homem – ele respondeu secamente. Pegou um cigarro e acendeu-o, sem tirar os olhos brilhantes dela.

—Eu sou uma mulher adulta! Ela devolveu.

—Somente do pescoço para baixo! Ele atirou nela, seus olhos perigosos. — A modéstia sumiu na sua geração?

—Você é antiquado. Ela o acusou.

—Com certeza! Ele concordou, tragando seu cigarro. — Eu acredito na modéstia e vou querer uma virgem quando me casar.

—Será que Tessa ainda será uma até lá? Ela perguntou docemente, cruzando os braços sobre o peito.

—Tessa não é da sua conta, pequena. Lembrou-a.

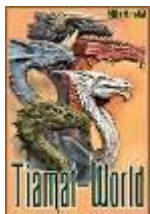
—E eu não sou da sua conta Cole!

—Será até chegar aos 21.

—Pelo amor de Deus! Exclamou, exasperada. Ela jogou para trás os cabelos longos platinados e seus olhos azuis encontraram os acusadores dele. — Se você apenas parasse de me tratar como uma criança...

—Aquele francês não teria tratado você como uma – lembrou-a com os olhos apertados.

—Você está com ciúme? Ela atirou nele sem pensar.



—Sim — ele disse com o rosto tenso. — Eu não quero os outros homens olhando para você como aquele. Seu olhar viajou lentamente seu corpo. — Você pertence a mim. Cada centímetro de você. E não pretendo compartilhar você com Austin, nenhum maldito francês ou qualquer outro.

Ela prendeu a respiração com suas palavras, sem saber se ele estava brincando ou não.

—Eu... eu não sou uma posse - ela disse fracamente, tentando tratar seu comentário como uma brincadeira.

Seus olhos se estreitaram.

—Você será. Ele disse suavemente. Fez uma pausa para esmagar o cigarro no cinzeiro sobre a cômoda. E então andou para ela, sensual, deliberadamente fazendo-a ciente de cada passo que dava. Lábios entreabertos, os olhos rendidos antes que ele chegasse a ela, seu corpo formigando, faminto...

—Bem, olá! Emma chamou de repente, entrando no quarto com uma cesta de compras, lançando seu olhar tardiamente para a janela. Seus olhos brilhavam sob a aba do chapéu bonito que ela tinha comprado enquanto estudava suas posições rígidas.

—Eu interrompi a Terceira Guerra Mundial? Ela provocou.

—Um dos principais conflitos - disse Cole indiferente. Seus olhos pairaram sobre Heather descuidadamente, como se nada tivesse acontecido. — Diga a essa menina estúpida porque ela não pode desfilas seminua na frente dos lobos na praia - disse à mãe. — Ela não me escuta.

Ele foi para a porta e saiu antes de Heather pudesse pensar em uma resposta adequada. Primeiro, ela tinha que acalmar seu pulso e trazer sua respiração novamente à normalidade. Ela se sentia como se seus joelhos estivessem prestes a vergar sob ela.

—Eu o odeio! Ela respirava, o rosto corado, as pernas tremendo visivelmente.

Emma colocou os embrulhos e sentou-se numa das cadeiras confortáveis com o chapéu colorido em um ângulo sobre seus cabelos prateados.

—Conte-me sobre isso - ela pediu.

Heather caiu sobre a cama, dobrando as mãos no colo.

—Ele não vai me deixar ir à praia.

—Não vai?

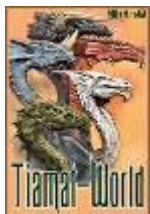
—Não com este biquíni - Heather disse alterada. — Oh, Emma, porque ele é tão intimidante? Gemeu.

—Porque ele consegue parece um homicida quando outros homens a olham totalmente vestida, imagine assim - veio a calma e divertida resposta.

Heather olhou surpresa.

—Cole?

—Cole. Emma sorriu para a mulher mais jovem e piscou os olhos castanhos. — Ele não quer os homens olhando para você, muito menos a tocando. Você sabe o que ele disse sobre seu amigo Gil Austin? Que ia acabar com sua amizade com ele de qualquer maneira. Ela riu para o olhar vago de Heather. — O que significa que ele não gosta da ideia de você e o Sr. Austin juntos. Ele é ciumento.



—Existe Tessa...

—Que corre atrás de Cole e não o contrário.

—Ninguém o obriga a sair com ela.

—Você não, minha querida? A mulher mais velha perguntou suavemente.

Heather olhou pasma para ela.

— Eu?

—Você faz tudo, até mesmo mergulhar sob a mobília quando Cole entra na sala – ela observou estudando o rosto de Heather. — Você se fecha para ele o tempo todo. Você o afasta como se estivesse com medo de deixá-lo chegar perto. O que eu imagino que você esteja – ela disse calmamente. — Não é verdade?

Heather suspirou. — Eu te amo muito, mas não estou pronta para falar sobre isso, ainda não. De qualquer forma, Cole é que salta em mim.

—Ele não faria isso se você caminhasse em sua direção para variar - Emma avisou. — Você está sempre arrumada para pessoas como Gil Austin. Hoje de noite, por que não tenta, apenas uma vez, vestir-se para agradar Cole? Por que não tenta tratá-lo da maneira que Tessa faz, para variar e ver o que acontece?

—Ele iria me dar uns tapas. Heather amou. — Ele não gosta nem mesmo que eu o toque.

—Minha querida, você ainda não sabe por quê? Emma perguntou suavemente. Ela virou-se com um sorriso. — Você nunca receberá a recompensa até que esteja disposta a assumir os riscos.

Heather olhou para ela depois de um longo tempo, sua mente dando voltas.

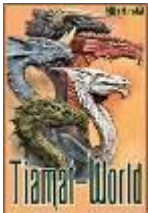
Era novo e emocionante, tentar deliberadamente chamar a atenção de Cole. Nunca antes na sua relação turbulenta tinha tentado usar seus truques com ele. Mas, lembrando das chamadas dançando nos olhos dele quando a olhou na praia, ela começou a pensar sobre o que Emma lhe havia dito. Cole parecia que queria estrangular o francês apenas por olhar para ela. Esse tipo de fúria assassina estava além do simples afeto. — Você pertence a mim - ele disse. Ela estava apenas começando a entender o que ele queria dizer.

Ainda era difícil acreditar que ele realmente tinha dito isso, mesmo agora, quando ela deixava o delicioso e negro vestido deslizar sobre sua cabeça. Ele tinha um pescoço fechado e era aberto até a cintura nas costas, um sonho em seda, todo preto com manchas de gloriosas flores amarelas vívidas. Com sua cor clara e cabelos loiros, estava belíssima. Usava sandálias de camurça preta com pequenos saltos agulha e uma flor amarela sobre uma orelha. Emma, vestida em um longo em chiffon azul, que fazia seus olhos escuros mais escuros ainda, levantou-se e balançou a cabeça com admiração quando viu Heather.

—Pobre Cole - ela murmurou perversamente.

—É... é velho - veio a resposta embaraçada.

—Oh, tem pelo menos duas semanas, tenho certeza. Emma riu. — Vamos lá. Eu não posso esperar para ver a cara de Tessa.



Heather agarrou nervosamente sua bolsa minúscula de noite preta enquanto seguia Emma ao restaurante, onde Cole e Tessa estavam conversando numa mesa de canto à luz de velas com vista para o escuro Caribe.

Cole estava devastador em suas roupas de noite escura, o cabelo brilhando à luz do teto. Ele estava tão bonito que causou o aceleração do pulso de Heather. Se Heather estava vestida para matar, Tessa não ficava muito atrás. Estava vestindo uma criação espumante branca com babados ornando o decote descendo por uma fenda frontal ousada. Era tudo mantido unido por um cinto largo branco e Heather suspeitava de que sem o cinto, as duas bordas do vestido se abririam. O efeito do vestido branco contrastando com os olhos e cabelos escuros de Tessa era dramática.

Dois pares de olhos se ergueram quando Emma e Heather percorriam o caminho até a mesa. Os de Tessa abertamente hostil. No deslumbrante vestido preto e amarelo, Heather estava tão atraente quanto um pássaro tropical e o ciúme de Tessa estava escrito em seus olhos negros. O olhar de Cole era mais difícil de ler. Ele levantou-se lentamente, seus olhos nunca deixando Heather. Eles correram sobre ela como uma carícia, mas seu rosto era como aço, como sempre, não demonstrando nada enquanto ajudava as duas mulheres a se sentarem.

—Que vestido lindo - disse Tessa com um sorriso doce. — Você mesma quem fez?

Heather devolveu o sorriso.

—Meu antigo costureiro o fez – ela respondeu. — Comprou o seu pronto? Ela perguntou educadamente.

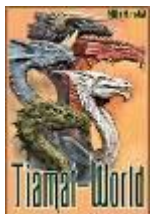
Tessa ficou rígida como se tivesse sido atingida. — É da Topo, na verdade - ela engasgou, dando o nome de uma loja exclusiva no centro de Brantville.

—Oh. Heather suspirou. — Eu compro na Saks - devolveu, voltando-se para Emma com um sorriso. — A banda é maravilhosa, não é? Ela disse, mudando de assunto de forma deliberada. — Aqueles dançarinos devem fazer parte do show – ela acrescentou, apontando para o grupo colorido no palco.

—Ouvi dizer que o hotel está procurando um cantor - disse Tessa venenosa. — Pena que seus dias de cantora estão acabados.

O garçom chegou a tempo de salvar Tessa de ter o copo de água de Heather esvaziada sobre sua cabeça. Cole olhou para ela pela primeira vez, os olhos deles se encontraram sobre os pratos deliciosos de frutos do mar, saladas e frutas frescas e ela sentiu seu coração parar enquanto lia a emoção reprimida neles. Ela desviou da intensidade daquele olhar mantendo seus olhos no prato. O show terminou ao mesmo tempo em que eles tinham acabado de comer. Enquanto eles degustavam café e conhaque a banda começou a tocar uma música lenta e sedutora. Antes que Tessa pudesse jogar a dica para Cole que gostaria de dançar, Heather viu sua chance e tomou-a.

—Dança comigo? Ela perguntou a Cole, tocando a mão bronzeada sobre a mesa ao lado de sua xícara de café.



Ele olhou para ela, algo como diversão em seus olhos prateados. Levantou-se sem palavras, pegou sua mão esbelta e fria na sua grande e morna, e levou-a até a pista de dança mal iluminada onde cinco ou seis casais estavam fazendo movimentos lentos que se assemelhavam ao two-step⁸.

Cole pegou de leve em volta da cintura e levou-a em um preguiçoso fox-trot⁹ ao ritmo doce, com uma elevação da sobrancelha com curiosidade em silêncio.

—Ousou um pouco hoje, não é? Ele perguntou. — Atacando verbalmente Tessa e se vestindo para matar. O que está pretendendo?

—Agindo conforme minha idade - ela respondeu com um sorriso atrevido.

—Quanto disto é fingimento?

Ela baixou os olhos para a gravata preta.

—Sinto muito sobre hoje a tarde. Ela não queria dizer aquilo, mas acabou saindo.

—Porque discutimos ou porque você usou aquele biquíni minúsculo? Ele perguntou em um tom profundo e lento.

Ela olhou para ele, seus olhos se encontraram como o impacto da seda contra a rocha.

—Porque discutimos - ela murmurou. As palavras não eram necessárias. Eles estavam falando com os olhos, com calma, acariciando com o movimento de seus corpos. Cole acariciou suas costas nuas com uma mão enquanto os dedos da outra travava firmemente nos dela.

—Mais perto, bebê - ele disse calmamente, puxando seu corpo esguio para mais perto.

—Assim? Ela passou os braços em volta de seu pescoço e apertou seu corpo contra o dele, balançando seus cabelos sedosos enquanto sorria para ele.

—Sim, assim, sua pequena bruxa. Ele murmurou profundamente, devolvendo o sorriso. — Quanto você bebeu?

Ela piscou para ele. — O que o faz pensar que eu bebi alguma coisa?

—Você está correndo em minha direção - ele respondeu, os olhos procurando os dela em um silêncio que era súbito e completo. Ela sentiu a mão delgada e forte acariciar suas costas nuas, com uma sensualidade impressionante enquanto ele falava.

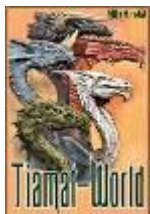
—Estou com um pouco de medo de você... agora. Ela admitiu hesitante.

—Eu sei disso. E é por culpa minha. Eu te dei razão para estar. - Seu rosto parecia tencionar com a memória. Ele respirou fundo e deixou suas mãos acariciar a suave pele acetinada de sua cintura, puxando seu corpo fortemente contra o dele, para que ela pudesse sentir cada centímetro do corpo dele quente e sólido contra o seu esguio. Ela podia sentir suas pernas poderosas roçando as dela quando eles se moviam, ouvia o som suave do tecido contra tecido quando seus braços se cruzavam em suas costas.

Seus dedos emaranhados nos cabelos grossos na nuca dele, seus cílios longos subindo e descendo timidamente sobre o azul suave dos olhos.

⁸ um passo de dança utilizado em uma ampla variedade de gêneros de dança

⁹ Foxtrot foi introduzido em 1913 por um homem chamado Harry Fox. Que se tornou a dança mais popular e duradoura do século XX



—Se você continuar com isso – ele disse em um tom profundo, aveludado – Vou te tirar daqui.

Suas mãos pararam, e ela prendeu a respiração. — E fazer o que comigo? Ela sussurrou.

—Meu Deus, você não sabe? Ele perguntou em um tom de urgência. — Você não sente o que isto está fazendo comigo?

Contra o seu corpo esbelto, ela podia sentir a pulsação, dura e pesada do seu coração, o ritmo forte de sua respiração.

A constatação de que ela poderia afetá-lo daquela forma era inebriante. O auto controle e sangue frio de Cole eram quase lendários na fazenda e ela podia fazer seu coração disparar!

Ela ficou na ponta dos pés contra o seu corpo alto e magro, os lábios abaixo dos seus sentindo o calor saindo deles.

—É... mágico. Ela sussurrou trêmula.

Seus dedos fortes apertaram suas costas macias.

—Você vai se comportar? Rosnou asperamente. — Heather, você está me deixando louco!

—Estou ficando também. Sussurrou contra sua boca dura. — Você me deixou louca por dias... Oh, Cole, me beije!

Seus olhos brilharam em fogo prata enquanto ele recuava, com um movimento brusco, o rosto rígido.

—Meu Deus, você é corajosa no meio da multidão - ele rosou. — Ninguém nunca te disse que provocar um homem assim é cometer suicídio?

Toda a confiança dela desapareceu num suspiro. Seus olhos magoados desceram para a camisa branca.

—Atribua essa loucura a lua - ela murmurou amargamente. — Talvez o esforço de não ser capaz de cantar me atingiu. Esqueça, Cole.

—Essa é a única coisa que não vou fazer – ele falou. A banda parou de tocar e Cole afastou-se dela como se tivesse sido queimado, agarrando-a bruscamente pelo braço. Ele a levou de volta para sua mesa, mas ao invés de sentá-la perto de Emma, continuou segurando-a.

—Heather esqueceu seu casaco e está com frio - disse secamente. — Vou levá-la de volta ao quarto para buscá-lo. Não vamos demorar muito tempo.

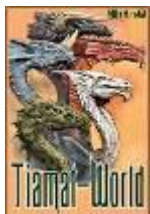
Emma olhou de um rosto rígido para o outro e sorriu inocentemente.

— Claro, querido, não é seguro para uma mulher sozinha depois de escurecer nessas salas desertas. Ficaremos bem, até você voltar.

—Mas, Cole... - Tessa chamou logo depois.

Cole deu meia volta arrastando Heather atrás de si, sem diminuir o passo. Ela sentiu seu rosto ardendo de constrangimento e apreensão. Não podia culpar seu comportamento pelo álcool. Ela quase não bebeu. E, a julgar pela dureza da rocha do rosto de Cole, ela estava prestes a ser pega pela sua língua afiada novamente.

—Cole, me desculpe... - Ela começou quando chegaram à suíte que dividia com Emma.



Ele não respondeu. Estendeu a mão delgada para a chave, com os olhos francamente perigosos.

Ela a pegou em sua bolsa e entregou a ele com óbvia relutância. Ele abriu a porta, a guiou ao seu interior, fechou e trancou atrás dele.

—Agora - ele disse com um sorriso zombeteiro — gostaria de repetir tudo o que disse para mim na pista de dança?

Ela prendeu a respiração, todas as suas bravatas e promissora confiança murcharam como a flor no seu cabelo.

—Uh, não, acho que não - ela murmurou, afastando-se rapidamente. — Você gostaria de uma bebida?

—Já tomei uma, obrigado.

—Cole, sobre o que eu disse ... - ela começou, estendendo uma mão apaziguadora.

Ele se afastou da porta fechada, jogando o paletó elegante com graça indolente. Sua gravata a seguiu em uma das cadeiras estofadas na sala e ele abriu os botões de sua camisa branca com uma mão descuidada, revelando o peito bronzeado com pelos ásperos enquanto caminhava em sua direção.

Ela recuou até o braço do longo e elegante sofá azul que estava atrás de seus joelhos. Ela prendeu a respiração com o sorriso estreito, sensual em seu rosto moreno enquanto ele chegava mais perto dela.

—Elas vão sentir nossa falta – ela disse em uma voz tão estridente que parecia outra pessoa.

—Não por alguns minutos - ele respondeu friamente. — Venha cá, Heather.

Os olhos dela caíram sobre seu peito bronzeado e ela percebeu que queria desesperadamente tocá-lo.

—Não assim – ela confessou. — Não para se vingar.

—Vingar-me é a última coisa que passa na minha cabeça agora - ele disse calmamente enquanto estendia a mão para ela. Ele puxou-a delicadamente contra seu corpo longo e forte e ela sentiu seu cheiro limpo e masculino, viu a estranha luz bruxuleante em seus olhos pálidos. O silêncio entre eles era tenso, com emoções reprimidas.

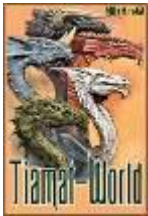
—Você conseguiu entrar na minha corrente sanguínea – disse a ela. — Eu não posso mais dormir sem sonhar com o sabor da sua boca, macia e vermelha, a sensação do seu corpo contra o meu. Meu Deus, ando por aí faminto e você acha que pode zombar de mim da maneira que fez hoje à noite e fugir?

Sua respiração estava difícil agora.

—Eu... eu não acho que te afeto assim. - ela murmurou.

—O diabo que não. - Ele puxou-a mais perto, com os braços prendendo-a a ele. — Você sabia o que estava fazendo. Sua bruxinha, estava gostando.

—Você não estava gostando? Murmurou baixinho.



—Oh, sim – ele respondeu calmamente. — Ter você, deliberadamente, me tentando é suficiente para justificar um pequeno divertimento. Mas você se esqueceu do que eu lhe disse no rancho, Heather?

Ela olhou em seus olhos brilhantes, toda seu desafio desapareceu, em uma onda de apreensão.

—O quê?

—Algo sobre... consequências? Ele a lembrou.

Ela respirou profundamente, perguntando como iria conseguir falar sobre o som de sua louca pulsação.

—Sim, Cole - ela sussurrou. — Eu me lembro muito bem.

Seus olhos brilharam enquanto ele olhava para baixo em seu rosto corado com uma avaliação intensa que fez sua respiração travar na garganta.

—Você estava tentando me fazer ciúmes, esta tarde, com o francês? Ele perguntou baixinho, sua voz profundamente sensual. — Incomodou-a que eu estivesse prestando mais atenção a Tessa do que em você?

Ela tinha se incomodado, mas não queria admitir isso.

—O que faz você pensar isso? Ela murmurou. Seus olhos permaneceram fixos na vasta extensão do tórax revelada pela camisa desabotoada.

—Estou um pouco velho para jogos.

Aquilo a fez erguer os olhos, como se ele soubesse que isso aconteceria. Quando ela encontrou seu olhar ardente, ele se inclinou, puxando-a nas pontas dos pés para satisfazer sua boca.

Ela sentiu seu corpo entregando-se ao dele, seus lábios separados em aceitação e todo seu controle a deixou.

—Oh, Cole, faz tanto tempo...! Ela sussurrou avidamente quando seus lábios duros e quentes desceram sobre os dela.

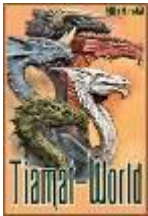
—Muito tempo. Ele murmurou contra sua boca, macia e trêmula. — Beije-me de volta, Heather.

Era como voar, ela pensou, como pegar carona em uma nuvem. A boca de Cole era devastadoramente hábil, os dedos meio suaves, meio provocativos nas costas, onde o vestido decotado deixava as omoplatas nuas sob suas mãos ásperas. Era como da última vez, apenas mais forte, mais lento e havia uma fome nele que não tinha sido tão evidente na noite no seu estúdio.

—Meu Deus, você demorou demais - ele rosnou, erguendo a cabeça a tempo suficiente para estudar sua sonolência, olhos semicerrados. — Relaxe! Você está rígida.

—Não, não estou - ela sussurrou contra seus lábios. Suas mãos subiram para se fechar em torno de seu pescoço. — Sinto-me fraca.

Esfregou o nariz contra o dela enquanto movia a boca para tocar de leve, o canto, em um movimento suave, mordiscando que a fez virar a cabeça e procurar seus lábios quentes.



—O que você quer? Ele brincou com a voz estranhamente macia, como veludo, seus braços apertando-a, acariciando-a.

—Me beije. Ela sussurrou.

—Assim? Murmurou, roçando os lábios levemente, tentadoramente, contra os dela.

—Oh, não - ela sussurrou de volta, pressionando mais. — Assim... - e ela enterrou seus lábios macios nos deles, tentando-o para a violência, sentindo sua boca abrir sob a dela, agarrando, possuindo, enquanto suas mãos deslizavam pelo corpo dela para puxar seus quadris.

—Mulher - ele sussurrou roucamente com a boca sobre a dela - você faz meu sangue ferver, deixa minha mente em chamas. Deus sabe que eu amo beijar você, mas em um minuto o beijo não vai ser suficiente para mim, você sabe disso? Eu não sou mais um garoto, Heather.

—Eu sei - ela murmurou, descendo suas mãos para invadir o tecido macio de sua camisa. Ela deslizou os dedos sob as bordas para enredar nos pelos escuros que cobria os músculos do peito bronzeado. — Eu nunca conheci um homem... que fosse... tão másculo.

Ele a beijou bruscamente. — Você está me ouvindo? Ele murmurou.

Ela sorriu contra sua boca.

—Não muito. Porque você não me beija de novo?

Ele a ergueu contra ele, com os braços ligeiramente apertados, o tecido da camisa deslizando contra seus braços nus enquanto, os olhos quase no mesmo nível dos dela.

—Você está me deixando faminto, Girassol - advertiu calmamente. — Alguns homens podem lidar com este tipo de provocação, mas eu não sou um deles. Tenho o sangue quente.

Ela procurou seus olhos escuros e tudo o que ela sentia estava em seu rosto brilhante.

—Eu te amo – ela disse baixinho. — Cole, eu te amo tanto...

Algo selvagem brilhou em seus olhos.

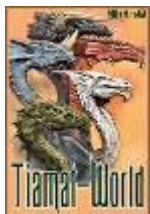
—Nós sempre nos amamos - disse evasivo. — Desde o começo.

—Não assim - ela murmurou, inclinando-se mais perto para roçar sua boca tentadoramente sobre a dele, sentindo a dureza quente dele quando se separaram involuntariamente. — Eu te amo... assim, Cole – ela disse em uma voz que não era muito estável. E então, ousando, ela beijou-o com toda dor e fome reprimida, que a tinha torturada desde que olhou para ele e o viu como um homem pela primeira vez. Seus braços o prenderam, a boca fazia promessas, doces promessas que pareciam rasgar o controle dele. De repente, os braços deles ficaram possessivo, a boca exigente, o tempo pareceu desaparecer enquanto ele a beijava, murmurando palavras que ela não ouvia, segurando seu corpo trêmulo contra ele, com as mãos emaranhadas em seus longos cabelos para manter sua boca na dele.

Eles estavam muito perdidos um no outro perceber a batida na porta. Passou algum tempo antes que o ruído surtisse qualquer efeito neles. Finalmente Cole se afastou, seus olhos quase assustados, seu corpo tenso como uma corda trançada.

—Sim? Ele respondeu, sua voz soando estranhamente instável.

—Cole, estamos esperando por você, aconteceu alguma coisa errada? Tessa respondeu, sua voz claramente impaciente, irritada.



—Nós estamos apenas discutindo negócios - Cole disse e seu tom desafiou Tessa a continuar. — Estaremos de volta em um minuto.

—Tudo bem, querido, mas se apresse, ok? Tessa falou. Um minuto depois, ouviram os passos no corredor.

—Ela não vai desaparecer - Heather murmurou apática, ainda agarrada a Cole.

—Obviamente - Ele abaixou a cabeça e roçou sua boca na dela e sentiu seu leve tremor em seus fortes braços musculosos. — Eu não quero parar.

Ela sorriu sob seus lábios quentes.

—Nem eu. Vamos ficar aqui.

—Você nunca respondeu à minha pergunta - ele murmurou. — Quanto você teve de beber esta noite?

—Quase... nada. - ela protestou - exceto o vinho que bebi com o jantar.

—O vinho, evidentemente, subiu à sua cabeça – ele respondeu olhando para ela. — É melhor acabar com isso. Tessa não irá embora.

Quando o seu braço a largou, sentiu-se estranhamente fria. Ele olhava fixamente, seus cabelos levemente despenteados, seus olhos prateados brilhando. Com as pernas afastadas, as mãos nos quadris estreitos, ele era o retrato da elegância descuidada.

—Você vai voltar comigo ou quer ficar aqui? Ele perguntou calmamente.

—O que você quer, Cole? Ela perguntou e seu tom deixou claro que ela estava se referindo a mais do que a decisão do momento.

Ele ergueu o queixo para olhar para ela.

—Eu quero que você me diga que me ama, sóbria, em plena luz do dia, é o que eu quero.

Ela estava muito chocada para protestar que ela o amava, sempre iria amá-lo. Mas antes que pudesse decidir se ele estava falando a sério ou brincando, a voz estridente de Tessa quebrou o silêncio novamente.

—Cole, a banda vai voltar a tocar em poucos minutos e você não dançou comigo! Ela gemia.

Ele murmurou algo desagradável. — Em um minuto, droga! Ele respondeu.

—É melhor você ir - Heather disse suavemente. — Eu acho que vou deitar mais cedo. Tive o suficiente de Tessa por um dia.

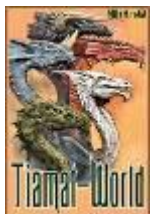
Ele traçou a sua boca com um dedo longo e forte. — Eu não tive tudo que quero de você. - ele sussurrou, inclinando-se para beijá-la lenta e suavemente. — Nem de longe. Passe o dia comigo amanhã. Um amigo meu tem uma casa de praia na baía. Ele me deu a chave antes de irmos para cá. Tomamos o café da manhã no hotel primeiro, fazemos alguns passeios e damos um mergulho.

Seus olhos se iluminaram. — Só nós dois? Ela perguntou.

—Meu Deus, sim - ele falou e ela pode ver as chamas em seus olhos de prata enquanto procuravam os dela. — Eu não quero uma audiência quando fizermos amor.

Ela corou violentamente e bateu nele com o punho quando viu a malícia em seu rosto.

—Você é uma provocação terrível.



—No momento, Girassol, não há muita coisa que eu posso fazer - disse a ela, com um olhar significativo para a porta. — Você não vai voltar comigo? Podemos dançar um pouco mais.

A tentação era terrível, mas ela balançou a cabeça, olhando para ele com cobiça enquanto ele vestia novamente seu paletó e gravata e arrumava-se na frente do espelho.

—Tudo bem, querida. Vejo você pela manhã. A cafeteria abre às sete, venho buscá-la uns cinco minutos antes. Tudo bem?

Ela sorriu para ele, todo seu coração em seus olhos.

—Tudo bem. Boa noite.

Ele olhava para sua boca e levantou uma sobrancelha.

—Eu daria tudo para te beijar de novo, mulher bonita, mas não apostaria nas minhas chances de sair pela porta, se o fizesse.

—Fracote. Ela provocou suavemente.

Ele deu um olhar divertido. — Provoque-me, querida e veja o que acontece, com Tessa ou sem Tessa.

Ela baixou os olhos recatadamente. — Vou esperar até amanhã, eu acho.

—Faça isso. Ele piscou para ela antes que abrisse a porta e ela teve apenas um vislumbre do vestido branco de Tessa antes que se fechasse atrás dele. Houve uma pergunta indignada, seguida por um sopro brusco e depois seus passos desapareceram no corredor. Heather fez uma selvagem e feliz dança ao redor da sala antes de tomar seu banho, com os olhos cheios de novos sonhos.

Heather estava pronto para cair na cama quando Emma chegou, seu rosto suave confuso, os olhos questionadores.

—Algo errado? Heather perguntou suavemente.

—É Cole - veio a resposta pensativa. — Acho que nunca o vi tão nervoso. Ele está como um cavalo puro sangue que acabou de participar de uma corrida.

Heather tentou esconder o sorriso que veio em seu rosto.

—Por que ele estaria alterado?

Emma sacudiu a cabeça, colocando a bolsa no sofá.

—Eu não sei. Ele voltou quando deixou você aqui, sentou-se e imediatamente pediu um uísque duplo. Deixei-o há poucos minutos andando para cima e para baixo em seu quarto. Ela afundou-se nas almofadas. — Ele estava murmurando alguma coisa sobre o senso de oportunidade de Tessa! Ela olhou para o rosto vermelho de Heather. — Você discutiu com ele de novo, minha querida?

O vermelho piorou. Ela balançou a cabeça, deixando os olhos descerem para o tapete.

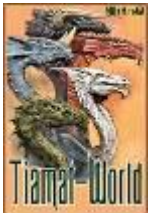
—O que aconteceu? Emma perguntou suavemente.

Heather lambeu os lábios nervosamente.

—Eu... eu o amo - ela sussurrou, deixando escapar as palavras. Seus olhos disparando de apreensão sobre Emma, enquanto esperava a reação dela.

—Sim, eu sei - disse Emma complacentemente. — Você sempre o amou.

—Não... assim - foi a resposta tensa.



As sobrancelhas cinza de Emma se ergueram.

CAPITULO 6

Heather já estava vestida e acordada quando Cole veio procurá-la. Ela deu uma olhada no quarto de Emma, sorrindo divertida enquanto a cabeça prateada estava pouco visível sob o canto do travesseiro. Ela usava um vestido de verão amarelo por cima de um modesto biquíni branco, com sandálias de salto baixo. Tinha deixado os cabelos soltos e ondulados suavemente sobre seus ombros. Os grandes olhos azuis que olharam de volta para ela no espelho ainda estavam confusos e animados pela noite passada. Pensar que Cole a queria fez com que arrepios corressem por seu corpo. E o pensamento de um dia inteiro com ele era emocionante.

Ele bateu na porta e ela abriu silenciosamente para não acordar Emma. Ela observou com a aprovação a atraente calça caqui e camisa combinando que ele estava vestindo.

—Pronta? Ele perguntou, sua voz agradável, seus olhos brilhando como fogo avivado enquanto vagava por ela. — Pegou seu maiô?

—Estou vestindo-o por debaixo da roupa – disse a ele. — Vou precisar de minha bolsa?

—A não ser que esteja planejando fugir da cidade sozinha - disse ele secamente, em pé de lado para deixá-la juntar-se a ele no carpete, na sala pouco iluminada. — E você não vai mais fugir de mim agora - acrescentou, pegando seus dedos levemente na sua mão enquanto se dirigia para o elevador.

Após o café da manhã no café lotado, eles caminharam preguiçosamente ao longo da rua que corria paralela ao cais. Os pescadores estavam preparando os barcos para sair e vários trabalhadores dos escritórios lotavam as calçadas em seus vestidos coloridos e ternos. Cole puxou-a de volta contra um edifício em pedra antigo, onde a calçada estava rachada e desbotada pelo tempo, enquanto dois micro-ônibus cruzavam a rua impossivelmente estreita em tempo recorde, desafiando os pedestres a deixarem seus pés no caminho.

Heather riu deliciada, com os olhos brilhando ao sol.

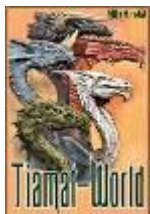
—Isso é divertido! Ela explodiu.

Eles andaram pela rua onde o cheiro do mar era salgado e o perfume do peixe chegava levemente às narinas de Heather. Mais adiante, tecelões de cesta faziam a criação do dia, chapéus coloridos, bolsas, bonecas, sacolas iluminando a pequena rua monótona.

— Dois dólares - disse um dos vendedores os chamando, segurando um chapéu de palha alegremente estampados em tecidos verdes e rosas. — Dois dólares, e é seu - disse em seu sotaque musical caribenho.

Heather olhou suplicante para Cole e ele pegou sua carteira. Minutos depois eles estavam caminhando de novo, com o chapéu alegre empoleirado na cabeça platinada de Heather.

—Espere até chegarmos a Rawson Square – disse a ela. — É onde a maioria dos vendedores se estabeleceram. E muitos deles permanecem no Prince George Wharf para pegar os passageiros



que descem dos navios de cruzeiro. Turismo é o principal negócio aqui – ele acrescentou apontando para os três transatlânticos no porto — Mesmo os bancos são secundários para eles.

—Nós temos interesses comerciais aqui? Ela perguntou curiosa.

—Sim, nós possuímos uma grande porcentagem de um resort na Ilha Paraíso.

—Por que não ficamos lá? Ela perguntou.

Ele sorriu para ela.

—Porque pensei que você gostaria mais deste. Gosto de caminhar ao redor do cais e ir às lojas sem depender de ninguém. A Ilha Paraíso é um pouco mais isolada e exclusiva.

—Você é um milionário engraçado - ela o repreendeu suavemente, se pressionando contra ele carinhosamente — Você é apenas um vaqueiro no coração.

Ele riu.

—Então eu sou. Nem sempre tive dinheiro, Girassol – lembrou-a. — Eu sei o que é ralar para ganhar um dólar.

—Eu não – ela admitiu. — Até tentar ser cantora. Não é tão fácil quanto eu esperava.

—Não vamos falar sobre isso.

—Mas, Cole, estou apenas começando uma carreira...

—Eu disse - ele interrompeu com um olhar brilhante — não vamos falar sobre isso agora.

Ela virou-se, encolhendo os ombros. Aquilo a tinha magoado, mas ela não iria admitir.

—Hey - disse ele, pegando suas mãos — Não fique fria comigo.

Ela olhou para ele e fez uma careta.

—Às vezes, você é simplesmente insuportável, Cole.

Ele tocou seu rosto com seu longo indicador.

—Como você. Venha, vou lhe mostrar o mercado de palha.

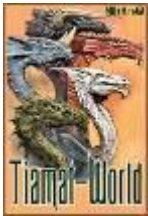
Andaram pelo cais, pelo mercado de palha, pela Rawson Square, onde os compradores poderiam encontrar tudo, desde chapéus a cestas pequenas, artesanato com conchas, camisas coloridas, até esculturas de madeira. Era fascinante e Heather, por acaso escutava os acentos musicais dos bahamenses, que pareciam ao mesmo tempo elegantes, sofisticados e completamente em paz consigo mesmos e com o mundo ao seu redor.

Um grupo de marinheiros franceses saíram de uma das lojas de importados à frente deles, e Heather viu, divertida, enquanto tentavam conhecer um par de jovens garotas alemãs. Seus esforços eram quase patéticos, porque as alemãs não falavam francês e os marinheiros, obviamente, não falavam alemão. Depois de alguns minutos gesticulando e rindo, os marinheiros acenaram deixando a loja para buscar turistas que pudessem entendê-los.

—Pobres garotos. Heather murmurou.

Cole apertou sua mão e sorriu.

—Nassau é o melhor porto do mundo para jovens marinheiros - disse a ela. — Eles vão encontrar alguém. Há muitas garotas francesas ao redor e mesmo que tenham mães e pais rígidos, eu suspeito que nossos amigos marinheiros irão conseguir algumas palavras suaves antes de deixar o porto.



—Com todo o devido respeito, acho que tinham algo mais substancial em mente. - ela brincou.

Ele só riu e puxou-a para fora da loja. Eles andaram por toda a Bay Street antes de voltarem para pegar o carro alugado e dirigirem ao redor de Fort Charlotte. No forte, eles viram velhos canhões e um calabouço com manequins que pareciam reais. Um guia com um tom de voz monótona e sinistra, de arrepiar os cabelos, contava sobre o que tinha acontecido ali, quando os piratas invadiram a ilha.

A paisagem era fascinante. Os hibiscos estavam em plena floração, assim como as primaveras e uma dúzia de outras espécies subtropicais, incluindo os flamboyants, famosos por suas flores de um laranja flamejante. As estradas estavam quase todas pavimentadas, cercadas por palmeiras e altos pinheiros. Ao longo do caminho, estreitas estradas cercadas de pedra, eram utilizadas pelos agricultores para movimentar suas vacas. Heather bebeu do celeste perfume das flores e do ar do mar, olhando para os vislumbres ocasionais do mar cor de jóia, seus olhos procuram o rosto de Cole enquanto ele falava sobre a história da ilha.

Rapidamente, eles visitaram os locais interessantes e o sol já tinha passado do seu apogeu ao meio-dia. Se apenas o dia nunca terminasse, Heather pensou melancolicamente, ela poderia mantê-lo em uma garrafa e nunca deixá-lo.

Heather se recostou no banco com um suspiro e um sorriso.

—Onde agora? Ela perguntou com ar sonhador.

—A casa do meu amigo - disse a ela ultrapassando uma camionete estacionada e entrando no tráfego. — Eu tive uma casa aqui há vários anos, você sabe. Sinto falta dela agora que eu a vendi. Mas, estive muito ocupado nesses malditos invernos passados para fazer qualquer viagem e ela ficava vazia.

Ela olhou para ele, uma leve careta em seu rosto adorável.

—Você nunca trouxe Emma com você - ela mencionou distraidamente.

Ele levantou uma sobrancelha, um canto de sua boca cinzelada se ergueu.

—Não, não trouxe - ele murmurou.

Ela ficou rosa, movendo-se ligeiramente no banco para olhar pela janela, com a implicação de suas palavras atingindo-a.

—Oh - ela disse de forma inadequada.

—Eu sou um homem, Heather - ele disse suavemente. — E nunca houve uma razão para não ter mulheres.

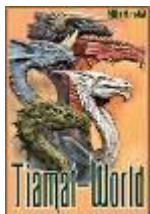
Ela jogou seus longos cabelos para trás.

—Eu não disse uma palavra - lembrou-o.

—Não precisa. Ele desacelerou o carro e entrou em uma estrada ainda mais estreita. — Incomoda-lhe que eu tenha tido mulheres?

—Sim - ela admitiu sem parar para pensar.

—Fico feliz - ele disse pegando sua mão. Seus dedos entrelaçados calorosamente. — Porque me incomoda como o inferno, o pensamento de outros homens tocarem você.



Olhou para a mão bronzeada que segurava a sua, sentindo a força e a ligação entre eles.

—Ninguém tocou, Cole – ela disse suavemente. — Nunca me senti assim em relação a qualquer homem, exceto você. - Seus olhos traçaram as linhas duras do seu rosto, encontrando seu olhar por um instante antes que ele virasse o carro em um longo caminho que levava a uma casa murada na praia. — Eu... eu não me importaria... se você tivesse me tocado - ela disse suavemente. — Ou como.

Seus dedos agarraram os seus dolorosamente.

—Meu Deus, não diga essas coisas quando estou dirigindo ou vou destruir o maldito carro - ele rosnou.

Ela riu baixinho.

—Como é lisonjeiro, Sr. Everett - ela disse com um olhar atrevido.

—Lembra-se do que eu disse a você em casa, Heather? É melhor estar preparada para lidar com as consequências quando flertar comigo. Ou você já esqueceu do que aconteceu na noite passada?

—Nada aconteceu - ela murmurou.

—Por pouco - ele concordou enfático. — Se Tessa não batesse na porta...

—O que você teria feito? Ela o provocou.

Seus olhos se encontraram com os dela.

—Teria feito amor com você - ele disse calmamente, observando o vermelho escarlate que desmentia sua tentativa de indiferença.

Ela sentiu seu coração bater violentamente e mal podia respirar.

—Nossa, está quente lá fora - ela murmurou em um tom estrangulado, abanando-se com um folheto que encontrou ao seu lado no banco.

Cole riu baixinho, olhando para ela enquanto parava na frente do portão de ferro forjado. — Desistindo? Ele perguntou.

—Você está fora do meu alcance – ela admitiu.

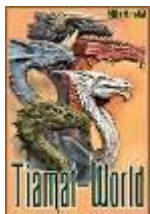
—Você vai alcançar. Ele saiu e destrancou os portões altos. Minutos depois, estacionou o carro ao lado da casa, uma enorme e linda estrutura de pedra branca com venezianas verdes e um alpendre que parecia rodeá-la por completo. Além da casa, que estava cercada por bananeiras e mangueiras, a praia estendia-se com árvores de uvas do mar crescendo retorcidas e estranhamente bonitas ao longo dela.

—Maravilhoso. Heather suspirou, saindo do carro para olhar a beleza das águas cristalinas.

—E não há turistas - ponderou Cole.

Ele destrancou a porta e Heather entrou no quarto de hóspede para se trocar. O biquíni branco era modesto, mas ela ainda desejava que tivesse trazido uma saída de praia. Agora, era tarde demais. Ela pegou emprestada uma toalha branca do banheiro do quarto de hóspedes e saiu para encontrar Cole na praia.

Fazia um longo tempo desde que ela o tinha visto em trajes de banho. Não estava preparada para o efeito que a visão dele tinha sobre ela. Ele estava encostado no tronco de uma árvore de



uvas do mar fumando um cigarro e ela não conseguia tirar os olhos dele. Seu peito largo tinha pelos emaranhados, afilando-se até um plano, musculoso estômago e poderosas pernas cobertas de pelos. Ele tinha um corpo de atleta, que atrairia os olhares femininos em qualquer lugar, e apenas olhando para ele Heather ficou fraca.

Ele se virou, sentindo o exame minucioso e seus olhos de prata estreitaram-se à medida que percorriam seu corpo esguio no biquíni. Inclinou-se para esmagar o cigarro e aproximou-se dela.

—O sol está quente – ela disse rapidamente para disfarçar seu nervosismo.

—Você vai se queimar, querida – ele disse calmamente. — Você lembrou de trazer alguma loção bronzeadora?

Ela balançou a cabeça. Não conseguia sustentar seu olhar intenso e baixou os olhos para seu peito largo e bronzeado.

—Hey - ele disse suavemente.

Ela deixou seus olhos subirem relutantemente até os deles e viu um leve sorriso neles.

—Eu não vou fazer nada que você não queira que eu faça – disse a ela, sua voz grave, suave e lenta. — Portanto, não comece a ficar tensa comigo. Tudo bem?

Ela forçou um sorriso nos lábios.

—É tão novo...

Ele tocou o rosto levemente e, em seguida a boca, sorrindo para ela.

—Nade comigo – ele disse.

Ela o deixou pegar sua mão e levá-la para a água agitada. Estava surpreendentemente quente e ela podia ver o fundo. Nadando preguiçosamente na água, ela se perdeu na sensação da natação, da paz, da alegria despreocupada e entregou-se ao mar e ao sol. Quando Cole apareceu de repente ao lado dela, Heather jogou água nele, observando um raro sorriso de dentes brancos. Era uma revelação vê-lo tão relaxado, e ela riu com o brilho provocante nos olhos prata quando ele pulverizou água salgada nela.

—Bruto! Ela o acusou, jogando os cabelos, muito molhado para trás de seus olhos com uma mão rápida.

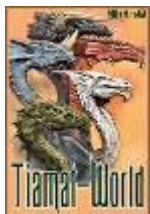
—Bruxa! Ele rebateu e abaixou a cabeça para nadar em linha reta para ela.

Ela gritou alegremente e tentou fugir, em pânico, afundado e sentiu as mãos capturando-a. Ela torceu o corpo, rindo, cheia de emoção e prazer até notar que o movimento tinha afrouxado os laços do top do seu biquíni. E ao mergulhar ela sentiu o traje sair livre enquanto seu corpo surgia a frente.

Ela parou na água na profundidade do ombro, ofegante, observando o biquíni branco ir para a praia em uma onda.

—Tente fugir agora - uma voz rouca provocou, e sentiu os braços com pelos ásperos de Cole pegá-la por trás. Ele passou em torno de sua cintura para empurrar seu corpo de volta contra o seu na água, fresca e suave.

—Cole! Ela explodiu, na tentativa de se livrar. Como seus antebraços giraram uma fração, ele compreendeu imediatamente a razão de sua explosão.



Suas mãos se moveram bruscamente para baixo da sua cintura.

—Onde ele está? Perguntou sua diversão evidente.

Ela suspirou nervosamente, cruzando os braços sobre o peito.

—A meio caminho de Nassau, imagino - ela disse com um riso espasmódico.

—Fique aqui. Vou ver se está na praia.

Nadou, deixando-a com sua preocupação sobre o que fariam se não o encontrasse. Ela não poderia sair da água seminua na frente de Cole. E ela só tinha a toalha para se cobrir. Talvez ela pudesse pedir para ele trazê-la e se envolver nela...

Mas isso não seria necessário, afinal, ela notou com um sorriso aliviado. Cole estava se curvando, recolhendo algo delicado e branco na beira da praia e voltou a mergulhar na água com ele. Segundos depois, uma cabeça negra quebrou a superfície ao lado dela e empurrou o cabelo para trás com um suspiro pesado, ele entregou-lhe o artigo perdido.

—As autoridades aqui são liberais - ele observou secamente - mas não tanto assim.

Ela corou, atrapalhou-se com a bobagem. Ela não conseguia fazer com que os dedos trabalhassem em conjunto.

—Deixe comigo - ele disse delicadamente, movendo-se em frente dela. — Não é o fim do mundo, se eu ver um pouquinho de você.

Seus dedos, ágeis, confiantes, colocaram o top no lugar e ele circulou ao seu redor para apertar os laços na parte de trás. Seus olhos olharam para os seus, procurando, sérios e os dedos de repente pararam nas suas costas. Ele não se moveu. Parecia ter parado de respirar e Heather podia sentir sua pulsação agitada enquanto ela encontrava aquele olhar firme e intenso.

—Heather... - ele disse calmamente, inclinando-se.

Ela o encontrou na metade, erguendo sua boca macia.

Seus lábios entreabrindo os dela suavemente, delicadamente e não havia nada de paixão no beijo. Só uma estranha e nova ternura.

Ele afastou-se, encontrando seu olhar confuso, o controle que ele exercia aparente em seus traços tensos. A prata cintilante de seus olhos desmentia sua expressão composta.

—Fique quieta - ele murmurou, fazendo um nó no biquíni nas costas e depois fez outro em sua nuca, seus dedos ágeis, frios e firmes enquanto ele fazia o nó no lugar.

—Meu Deus, nunca beijei uma mulher assim. - ele disse em voz baixa.

—Devo ficar lisonjeada ou insultada? Ela murmurou os olhos suaves flertando abertamente com ele.

Seus olhos semicerrados enquanto a olhava com arrogância.

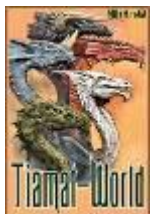
—Quanto você gostaria de desatar esses nós e começar tudo de novo?

Ela sorriu, perdida na novidade de estar confiante com ele.

—Eu não tenho medo de você.

—Foi que o chapeuzinho vermelho disse ao lobo. - ele murmurou sombriamente.

—Eu sei o que você teria feito se você fosse o lobo olhando chapeuzinho vermelho sob as cobertas. - disse a ele.



—Aposto que você sabe. - ele murmurou de volta, um canto de sua boca se erguendo. — Entretanto, você vai ter aprender muito, Chapeuzinho.

—Eu poderia pedir ao francês para me ajudar... - sugeriu.

Ele pegou sua cintura estreita e puxou-a contra ele.

—Eu vou te ensinar. - ele corrigiu, dando-lhe um rude e firme beijo na boca.

—O que eu preciso saber? Ela perguntou em um sussurro ofegante.

Seus dentes brancos morderam levemente a curva suave do seu lábio inferior.

—Não agora. - ele sussurrou, sorrindo contra o tremor revelador de sua boca. — É plena luz do dia e este é um lugar muito público.

Ela encontrou seus os olhos.

—E se não fosse... dia claro e um lugar muito público?

Ele a soltou. — Espere até hoje de noite e te mostrarei.

Seu coração pulou uma batida enquanto nadava ao seu lado, mal conseguia acompanhar seu ritmo gracioso.

—Cole, vamos jantar com Emma e Tessa? Ela perguntou calmamente.

—Nós vamos jantar aqui, não te disse? Ele sorriu para sua expressão atordoada. — Eu já contratei um bufê para a noite.

—Só para nós? Ela perguntou.

—Para nós dois. - Ele pegou a mão dela e puxou-a para a praia com ele, deixando-a afundar-se em uma toalha. Ele sacudiu uma menor para ela se secar.

—Você estava com pressa para voltar? Ele perguntou.

Ela sorriu. — Eu achei que você poderia estar.

—Tessa não tem nenhum poder sobre mim, Heather. - ele disse a expressão de seu rosto mudando.

—Hum. Você passou muito tempo com ela recentemente. - ela observou, evitando seu olhar penetrante.

—Sim, passei. - disse evasivo. Ele olhou de soslaio para ela, seus olhos rindo da expressão em seu rosto. — Com ciúmes?

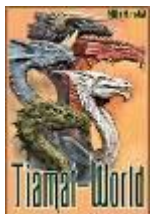
Seus olhos encontraram os dele e virou-se para o brilho de joias do Caribe.

—Não é lindo aqui? Ela perguntou em tom entusiasmado.

—Adorável. - ele concordou, recostando-se sobre o cotovelo. Mas estava observando Heather.

Foi o jantar mais romântico que Heather poderia se lembrar. A mesa foi posta no pátio com vista para o Caribe, o luar de prata fazia sombras no rosto e a brisa suave e quente roçava os braços nus e levantava seus cabelos para longe de seus ombros.

Ambos estavam estranhamente silenciosos, como se a tensão que ela sentiu todo o dia havia sido transmitido de alguma forma para Cole. Ele olhou para ela calmamente sobre o excelente brandy que havia pedido depois do jantar. Seus olhos prateados brilhavam sob o cabelo revoltado escuro que caía sobre sua testa e ele parecia assustadoramente masculino em uma camisa de



seda azul que estava aberta até o cós da calça branca. Ela teve que afastar seus olhos para longe dele outra vez. Ela sabia que se lembraria desse dia com ele, da magia de estarem a sós, enquanto vivesse. Enquanto o amasse. Para sempre.

—Você está muito quieta. — ele observou sua voz profunda perturbando o silêncio da noite suavemente perfumada.

Ela espiou-o sobre seu copo de brandy e sorriu timidamente.

—Estou curtindo o silêncio.

—Então eu também. Ele se recostou na cadeira, descansando seu braço nas costas da outra cadeira de mogno e suspirou. — Deus, não consigo me lembrar de um momento em minha vida que eu precisasse tanto de uma pausa. Fico feliz que você não seja uma daquelas malditas mulheres falantes.

Ela sorriu para ele.

—Eu pensei que você gostasse das mulheres sofisticadas e espirituosas.

Ele riu secamente.

—Elas têm suas utilidades - ele concordou, com os olhos brilhando com o rubor que ardia em seu rosto.

—Você é o homem mais ultrajante... — disse a ele.

—O jornalista é ultrajante? Ele perguntou com os olhos semicerrados.

—Gil? Ela sorriu, balançando a cabeça. — Ele gosta de pensar que é o cara, mas na verdade é uma pessoa muito tímida e introvertida. Ele usa o sorriso como escudo.

Ele rodou o conhaque em seu copo.

—Você usa a sua inocência da mesma maneira. - ele observou calmamente. — E não é necessário, não comigo.

Ela mordeu nervosamente o lábio inferior e afastou um fio de cabelo platinado para longe de seus olhos.

—Sinto-me vulnerável com você. - ela admitiu, segurando o copo com os dedos frios enquanto deixava seus olhos cintilarem até o seu. — Eu sempre fui muito fria com os homens, até agora, nunca me empolguei. Mas quando você me tocou... - Ela corou, chocada por sua própria admissão.

—Não fique constrangida. — ele disse calmamente. Não havia zombaria em seus olhos agora. Ela prendeu a respiração.

—Você sempre costumava me alertar sobre como os homens podem ser perigosos quando eles ficam excitados. — lembrou-o. — Então, tenho sempre o cuidado de não mexer com ninguém.

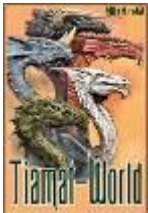
Ele riu baixinho, com terna diversão e feroz possessividade nos olhos.

—Mesmo eu? Sondou

—Especialmente você - ela murmurou, sentindo o calor em seu rosto. — Eu... eu sei como você é com uma mulher... agora.

Ele estudou a borda do copo reflexivamente, seus olhos voltaram para ela.

—Você gosta do jeito que sou... com uma mulher? Ele perguntou calmamente.



Seu pulso ficou descontrolado. O copo tremia um pouco na mão dela e ela o baixou rapidamente.

—Eu, uh, acho que vou olhar as ondas por um tempinho. - disse evasivamente — antes de nós voltarmos.

Ele levantou-se também e ela sabia, sem olhar para trás que ele estava bem atrás dela, enquanto ia até a beira da praia. Ela havia deixado para trás seus sapatos na mesa, e correu descalça pela areia, brincando com a espuma suave, agitando o mar.

Ele olhou para ela calmamente do tronco de uma árvore de uvas do mar, fumando um cigarro, os olhos brilhantes enquanto apreciava a imagem que ela fazia em seu vestido amarelo pálido, com os cabelos voando, a saia rodando enquanto dançava na areia úmida na luz da lua. Ela era tão linda como uma fada, tão graciosa como uma bailarina. Perfeita.

Ela voltou para ele rindo, seus cabelos dançando na brisa do mar. Ela estava alegre pelo mar, pela quebra das ondas e por estar com Cole na escuridão.

—Por que você não vêm, também? Ela perguntou rindo para ele — Seu careta, é divertido!

Ele sorriu pacientemente, seu corpo esbelto a imagem da elegância, ele descansava preguiçosamente contra o tronco retorcido da árvore.

—Quando terminar o meu cigarro – disse a ela.

Ela se esticou feliz, cruzando os braços atrás da cabeça, fechando os olhos enquanto saboreava a noite.

—Acho que nunca aproveitei tanto um dia quanto este.

—Eu tenho certeza que não. E ainda não acabou - ele acrescentou calmamente.

Ela virou-se, encontrando seus olhos e o que ela leu neles a congelou. Ela estava ali na frente dele na luz do luar prateado com seu coração batendo loucamente. O combate verbal que eles estavam envolvidos todos os dias tinha sido divertido, mas tinha acabado, quando ela leu em seu rosto. Ele estava pronto para recolher todas aquelas promessas provocadoras que tinham sido feitas e de repente todo desafio desapareceu.

—Não entre em pânico - ele murmurou enquanto jogava o cigarro e se aproximava. — Nós iremos ao seu ritmo.

—É... está ficando tarde - ela disse quando ele a tomava em seus braços.

—Heather - ele sussurrou suavemente — não vou forçá-la.

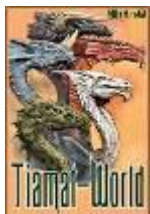
Ela lambeu os lábios secos e olhou para ele, impotente, os dedos trêmulos sobre o tecido de seda de sua camisa.

—Eu sou tão covarde - ela admitiu com um sorriso nervoso. — Estou tentando de verdade não ser.

—Ajudaria se eu a deixasse fazer o primeiro movimento? Ele perguntou calmamente.

Ela estendeu a mão e tocou-lhe a boca tão sensual com a ponta dos dedos. Então ela olhou em seus olhos semicerrados.

—Até onde você quer ir? Perguntou em um sussurro.



Um toque de violência brilhou em seus olhos e com uma maldição abafada ele pegou na cintura dela e empurrou-a para longe dele. Ele virou-se, forçando as mãos nos bolsos de sua calça, seu perfil pensativo enquanto olhava para o mar.

Heather olhou para ele, perplexa, magoada por sua rejeição súbita.

—Cole o que está errado? Ela perguntou hesitante, estendendo a mão para ele, só para deixá-la cair quando seus olhos brilhantes viraram para ela, antes de se virar de novo para o brilho cintilante da luz da lua no Caribe.

Ele puxou um cigarro do bolso da camisa e levou um tempo acendendo-o. Então deu uma tragada, forte, a ponta laranja do cigarro brilhando no escuro ao luar.

—O que, exatamente, você acha que quero de você? Ele perguntou, a fúria em cada palavra suave. — Um caso apaixonado na areia? Que diabos faz você pensar que eu faria tudo para fazer amor com uma virgem muito nervosa?

Ela olhou pasma para ele.

—Você está fazendo isso parecer sórdido – acusou-o triste.

—Não. Você está. Ele se virou e olhou para ela, seu rosto rijo de raiva, em cada linha tensa dele. — Perguntar-me com aquela voz a pouco até onde quero ir... meu Deus, não trouxe você aqui para seduzi-la!

—Então... o que você quer? Ela vacilou.

Ele suspirou com raiva antes dele se afastar.

—Eu não sei. Seus olhos se estreitaram sobre o mar. — Deus me ajude, não sei. Ele se mexeu, abrindo os botões da camisa para deixar a brisa acariciar seu torso bronzeado. — Eu amo a minha liberdade.

Moveu-se para ficar ao lado dele, os olhos atentos, cuidadosos. Ele olhou imóvel, com o luar brilhando em seu cabelo escuro e ela nunca tinha o amado tanto.

—Eu não vejo problema – ela disse calmamente, forçando um sorriso na sua boca. — Eu não pedi para você desistir de sua liberdade.

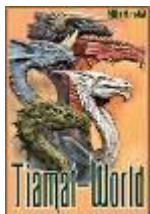
Ele riu um pouco.

—Você não vê problema - ele jogou o cigarro na onda e girou, estendendo a mão delgada para pegar sua cintura e pressioná-la contra seu corpo com uma força de tirar seu fôlego. — Então me deixe mostrar, minha cara. – ele falou, esmagando sua boca na dela.

Ele a desequilibrou e ela teve que segurar em seus ombros largos para evitar cair para trás. Sua boca estava furiosa e ele estava machucando-a. Lembrou-se de seu primeiro encontro com ele, o choque do seu toque e foi como reviver aquele beijo mais uma vez. Ela podia sentir a tensão nele, a vontade reprimida que precisava encontrar liberação. Os únicos sons na doce e exuberante escuridão eram o murmúrio aquoso da onda e da respiração forte de Cole, enquanto a beijava.

—Por favor - ela sussurrou, quando ele cedeu, por um instante. — Você está me machucando...

Sua respiração estava pesada, seus olhos estranhamente escuros.



—Eu quero você – ele falou e suas mãos delgadas deslizaram de volta para seus quadris, puxando-a contra suas pernas poderosas, até o calor do seu corpo parecer queimar contra cada centímetro do corpo tremente dela. — Você pode me ouvir, Heather? Ele perguntou, sua voz um rugido rouco. — Eu quero você. Esse é o problema. Todo dia eu chego mais perto de fazer algo sobre isso e nesse dia será o fim de tudo para mim.

Ela olhou para ele, impotente.

—Mas, você não...

—Não a quero? Ele sorriu, mas não era agradável. — Não se engane. Eu lhe disse no início que não estava velho. Homens famintos começam a ficar perigosos, querida, e eu nunca estive faminto em minha vida. Você não consegue entender? Você não está segura comigo. Você não tem treze anos e eu não sou seu irmão. Sou um homem, e é isso que acontece quando eu te beijo. Ele pegou sua mão e apertou-a no úmido pelo do peito musculoso, onde a força de seu batimento cardíaco estava fazendo seu corpo estremecer rigidamente. Inclinou-se e esfregou os lábios contra os dela com uma provocação, uma pressão tentadora que fez sua dor mais difícil, mais profunda.

—Sinta - ele sussurrou contra os lábios entreabertos, movendo os dedos contra o peito frio.

— Sinta o que você faz comigo. E você é tão ingênua, nem mesmo percebe como me afeta.

Mas ela percebia. E ele estava afetando-a também. Ela ainda era tímida com ele, mas o amor dentro dela era uma coisa viva, respirando e ela não queria nada mais do que ser abraçada por ele, beijada e tocada, para esquecer tudo, exceto o aqui e agora e Cole...

Ela deslizou as mãos até seu peito e pescoço, ficando na ponta dos pés contra ele, sentindo a onda que o percorria com seu gesto. Antes que sua coragem a abandonasse, ela tocou a boca dele, puxando-o para mais perto, aconchegando-se a ele até que sentiu que ele retornava à vida. Ele estava beijando-a agora, com a boca sensual, experiente, ensinando-a coisas que nem sabia sobre beijo.

Ela sentiu sua mão se movendo em seu corpo, invadindo de forma quase imperceptível sob as alças do vestido de verão, acariciando levemente suas costas, seus braços, seus ombros.

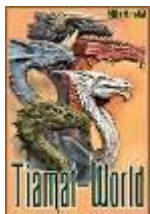
—Cole - ela sussurrou em sua boca — Cole, não pare, por favor, não pare. - ela murmurou tonta, tão perdida nele que teria sido um tormento se afastar dele agora.

- Bruxa do mar - ele sussurrou roucamente. Curvou-se, levantando-a completamente em seus braços para carregá-la de volta até a praia e deitá-la gentilmente sobre a areia.

Ela arregalou os olhos e olhou para seu corpo poderoso e como estendia-se ao lado dela na macia areia.

Seus dedos o tocaram levemente, descobrindo o pelo crespo de seu peito bronzeado, a dureza dos seus músculos de aço, a leve aspereza de sua pele.

—Espere um minuto - ele sussurrou calmamente, levantando-se apenas o suficiente para tirar sua camisa e jogá-la para o lado. Ele voltou para o lado dela, colocando um braço em cada lado dela para suportar seu peso. — Agora me toque, Heather - ele sussurrou de novo, sua voz profunda, lenta e sensual sobre dela.



Sua respiração parecia vir com um esforço tremendo enquanto ela esfregava os dedos sobre os músculos poderosos de seus braços e ombros, sentindo a pele fresca com um sentimento de temor.

—Está gostando? Ele perguntou calmamente.

Ela olhou para ele com um sorriso nervoso, os cabelos esparramados em torno dela como um fino feixe de platina, os olhos suaves e letárgicos.

—Você está sendo muito paciente - ela sussurrou. — E você não está se sentindo paciente, não é?

Ele balançou a cabeça escura.

—Eu quero fazer coisas com você que a chocariam.

Seus lábios se separaram com uma respiração acelerada.

—Nada que você faz comigo... me choca agora - ela conseguiu insegura. — Não tenho medo.

—Eu tenho – ele disse de forma estranha. Inclinou-se e roçou a boca em seus lábios. Então, desceu por seu pescoço, pelos ombros macios onde o decote quadrado de seu vestido agitava-se sob a ligeira ondulação de seus seios pequenos e firmes. Ela prendeu a respiração com as sensações causadas. A mandíbula dele estava sombreada com o crescimento da barba de um dia e sua ligeira aspereza era estimulante. Ela deixou sua mão cair sobre sua cabeça para descansar na areia fria, os olhos fechados, seu corpo arqueando com lentidão, acariciado pelos lábios que estavam provando sua pele sedosa.

Os dedos dele descansaram em uma das alças que mantinham o vestido no lugar e lenta e implacavelmente, escorregou-a pelo braço. Ela abriu os olhos, olhando diretamente para ele, meio assustada, meio faminta.

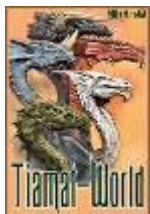
—Eu quero te provar assim - ele sussurrou baixinho — Quero ver como se sente com meus lábios percorrendo você.

Seu batimento cardíaco estava frenético. Ela olhou para ele em silêncio, atordoada, obviamente vulnerável quando a sua mão quente baixou a alça até seu cotovelo e deixou-a lá. A brisa fresca roçou a nudez de seu corpo macio como dedos acariciantes.

Ele deixou o seu olhar descansar nela, lento e atrevido, seus olhos estreitaram-se ligeiramente antes que ele curvasse a cabeça escura. Pela primeira vez em sua vida, ela sentiu a intimidade dos lábios de um homem sobre seu corpo macio e eles eram quentes, ligeiramente abrasivos e absolutamente devastadores.

—Cole...! ofegou, um sentimento de pânico fazendo com que ela chegasse a agarrar seu cabelo. Suas mãos apertaram convulsivamente enquanto sua boca quente desafiava sua resistência.

—Não lute contra mim - ele sussurrou contra sua pele de seda. — Não tenha medo de mim. Heather, meu Deus, você é a mulher mais linda que já vi, que já toquei - ele murmurou, uma nota em sua voz que ela nunca tinha ouvido antes. — Doce, doce tesouro, tem gosto de luar, mar e rosas brancas.... - ele levantou a cabeça, os olhos encontrando os dela por apenas um instante antes que ele se movesse.



Ele deixou o peito baixar para descansar muito suavemente contra os seios seminus, com a boca lentamente tomou posse de seus doces lábios entreabertos. Sua língua traçava a suavidade interior de sua boca até que ela fez um som estranho, meio gemido, meio suspiro e suas mãos deslizaram sob seu corpo para levantá-la contra ele, abraçando-a, protegendo-a do seu ardor, o contrário de qualquer coisa que ela sonhou que seria. Ela esperava uma paixão, áspera, faminta, mas não a ternura, essa estranha proteção que a fazia querer dar-lhe tudo e aumentava seu amor por ele, a tal ponto que era quase dolorido.

Um tempo depois ele se afastou e sentou-se, desviando o olhar para o mar enquanto deixava a brisa afastar o cabelo úmido e frio do rosto.

—Dê-me um cigarro, querida – ele disse em uma voz que soava estranha e tensa.

Ela teve que lutar para controlar suas emoções despedaçadas. Apenas um minuto antes ela estava se afogando em seu amor e agora eles poderiam muito bem ter um oceano separando-os.

Com um pequeno suspiro, ela sentou-se, rapidamente puxando o corpete de volta ao lugar com as mãos trêmulas. Ela achou sua camisa e tirou um cigarro do maço no bolso, entregando-lhe em silêncio.

Ele pegou-o com dedos firmes, seus olhos voltando para estudá-la. Enquanto seu olhar permanecia em seu cabelo desgrehado, em seus lábios ligeiramente inchados, nas marcas fracas em seus ombros, ele sorriu.

—Envergonhada? Ele perguntou suavemente enquanto ela rapidamente desviava o olhar.

Ela tentou sorrir também, mas os lábios trêmulos não cooperaram. Ela olhou para ele e para longe, alisando os cabelos indisciplinados em volta de seu rosto vermelho.

Ele acendeu o cigarro e segurou-o com uma mão, enquanto segurava seus dedos com a outra mão.

—Essa foi uma primeira vez para nós dois. – ele disse seus olhos pacientemente divertidos enquanto encontravam com os dela. — Oh, sim, jovem puritana, eu poderia dizer que foi a primeira vez. Você fez tudo, menos morder e chutar para tentar fugir. Foi tão difícil fazer isso? Ele perguntou calmamente.

Ela sentiu o calor em seu rosto.

—Inibições pode ser uma proteção, você sabe.

—Você irá esquecer as suas - seus dedos seguraram os dela pressionando-os levemente. — Você se saiu muito bem dessa vez. Essas unhas afiadas fizeram arranhões nas minhas costas pouco antes de eu deixar você ir.

Ela riu baixinho, corando pela lembrança do quão bem firme ela o agarrou.

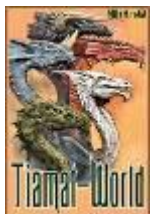
—Você faz minha cabeça flutuar – ela admitiu ela baixinho.

—Você faz a minha flutuar, também, querida. Ele deu uma longa tragada no cigarro. — Você saiu com alguns homens desde que saiu de casa, não é?

—Sim - ela admitiu.

—Você deve ter achado alguns deles atraente - ele persistiu.

Ela encolheu os ombros.



—Alguns.

—E, no entanto esta foi a primeira vez que você foi tocada – ele acrescentou com os olhos levemente curiosos — Você nunca teve a curiosidade de experimentar, querida?

Ela não conseguia esconder o sorriso ou a diversão que brilhava em seus olhos azuis.

—Sim - ela disse — mas você nunca me levou a sério antes.

Ele olhou para ela.

—Isso significa que você nunca quis experimentar com qualquer outro homem, além de mim?

—O que posso fazer se você é tão sexy que não consigo reparar em outros homens? Ela murmurou flertando descaradamente com seus olhos.

Ele arqueou ambas as sobrancelhas escuras e uma expressão estranha surgiu nos olhos prateados sob elas.

—Eu sou sexy? Ele murmurou, dando uma tragada final no cigarro e em seguida, jogando-o na onda.

Ela riu animadamente e tentou puxar os dedos do seu aperto possessivo.

—Sim - ela riu. — Me solta.

—Não. Volte aqui.

—Vamos! Ela lutou, rindo, e de repente viu-se deitada de costas com o peso de seu corpo poderoso prendendo-a no chão.

—Covarde - ele desafiou, olhando para ela com um brilho risonho nos olhos.

—Pode apostar que sim - ela riu de volta. Ela suspirou, rodando os braços ao redor de seu pescoço e olhando para ele sem todos os velhos medos. Apenas o prazer de estar tão perto dele.

—Oh, Cole, nunca esquecerei o dia de hoje. Nem um segundo dele.

—Eu também não. Ele se inclinou e beijou-a suave e lentamente. — É melhor voltarmos para o hotel. Eu te quero muito, Senhorita Shaw.

—Estou em terrível perigo? Ela perguntou diabolicamente.

—Você poderia estar.

—Promessas, promessas – ela sussurrou, levantando-se apenas o suficiente para beijá-lo suavemente nos lábios.

Ele sorriu para a cara que ela fez.

—O luar muda você, Girassol. – disse a ela. — Você parece uma fada deitada aqui.

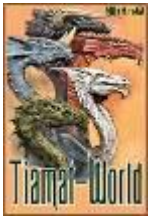
—Eu não estou surpresa - ela murmurou. — Foi uma noite mágica.

—Sim - ele concordou, beijando- mais uma vez, suavemente, antes de se sentar. — Hora de dormir pra você. Deve ser meia-noite agora.

Ela olhou em seus olhos e teve a estranha sensação de instabilidade, como se esse momento de sonho pudesse desaparecer, deixando-a com o pesadelo da vida sem Cole.

—Cole! Ela sussurrou trêmula.

—Hey, o que foi? Ele perguntou, enquanto ela se atirava contra ele e agarrava-se como se estivesse assustada. — Querida, o que foi?



Ela escondeu o rosto no seu pescoço quente.

—Abrace-me por um minuto - ela sussurrou - só por um minuto. Abraça-me bem apertado, Cole. Sua voz falhou enquanto sentia seus braços fortes em torno dela, esmagando-a contra ele. O contato foi acalmando-a, protegendo-a e em um minuto ela tinha esquecido a pontada de medo que ela tinha sentido. Ela recuou um pouco constrangida de sua exposição emocional.

—Desculpe - ela murmurou. — Não sei porque me senti dessa maneira.

—Foi uma noite excitante - murmurou com um olhar irônico. — Venha, fada, vamos reunir nossos unicórnios e voltar para o castelo.

Ela riu para ele, toda a confiança novamente brilhando em seus olhos. Isto era apenas o começo, ela pensou deslumbrada enquanto caminhava ao lado dele, segurando firme em seus dedos delgados. Haveria bastante tempo para explorar o novo relacionamento que tinha descoberto esta noite. Todo o tempo

CAPÍTULO 7

Cole estacionou o carro alugado em uma vaga e caminhou com Heather em direção à frente do hotel, com o braço possessivo em torno de sua cintura. Nenhum dos dois prestava atenção no pequeno grupo de marinheiros franceses voltando para o cais ou para os casais passeando e apreciando o ar fresco da noite.

—Nós vamos fazer isso amanhã de novo – ele disse enquanto passavam por um casal alemão que estava de partida e subiram os degraus onde o porteiro estava de pé.

Ela sorriu para ele, com olhos sonhadores.

—Oh, nós poderíamos, Cole? - ela perguntou baixinho.

Ele parou, olhando para ela, seus olhos de prata brilhando intensamente.

—Oh, Deus, eu queria que estivéssemos sozinhos - ele resmungou com um suspiro. — Eu te beijaria até perder o fôlego!

Seus lábios se separaram involuntariamente e seus olhos se renderam aos dele.

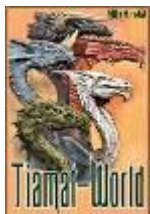
—É melhor entrar antes que eu perca o pouco de juízo que você me deixou - ele disse num tom meio brincalhão.

Ela sorriu secretamente, balançando a cabeça e dizendo boa noite ao porteiro simpático, esperando que sua voz tivesse soado firme.

Quando entraram no lobby, Tessa se inquietou no comprido sofá depois dos espelhos, alisando preguiçosamente seu elegante terninho branco.

—Aí estão vocês, finalmente - ela murmurou os olhos fitando Heather, não perdendo nada enquanto estudava seu cabelo despenteado, a boca inchada e a luz em seus suaves olhos azuis.

Heather tinha certeza de que a outra mulher queria matá-la, mas nada transpareceu no rosto sorridente, ela virou-se para Cole.



—Que tal uma bebida, querido? - perguntou suplicante. — Há algo que quero conversar com você.

—Não se preocupe comigo - Heather bocejou. — Tudo que eu quero é um banho rápido e cama. Estou muito cansada - ela acrescentou com um sorriso para Cole.

Ele correspondeu com um raro olhar carinhoso.

—Boa noite, querida - ele murmurou. — Tenha bons sonhos.

—Você também. - Ela virou-se. — Boa noite, Tessa - ela acrescentou.

Tessa, já se encaminhava para o bar do hotel, sem sequer se preocupar em responder. Ela se pendurou possessivamente no braço de Cole, observando com raiva secreta a areia em sua camisa de seda. Ela já havia notado provas idênticas no vestido de Heather e só esperava que ainda houvesse tempo para desviar Cole de seu obvio objetivo. Ela não precisa de uma fita de vídeo para saber o que estava acontecendo entre Cole e Heather, e tinha a intenção de acabar com isso – agora mesmo.

Ela se sentou à mesa de vidro alto com Cole e sorriu enquanto ele pedia duas pinas coladas.

—Hummmm, delicioso - ela murmurou quando o garçom trouxe as bebidas. — Coco fresco e suco de abacaxi. O gosto nunca fica igual em casa, não é?

Cole sorveu sua bebida.

—Tudo bem, vamos lá - ele disse sem preâmbulo. — O que está acontecendo?

Tessa olhou para o copo gelado e ficou em silêncio por um minuto, organizando seus pensamentos. Isto tinha que ser feito do jeito certo ou Cole ficaria desconfiado.

—Você e Heather estão ficando muito próximos, não é? - ela perguntou finalmente.

Cole enrijeceu.

—O que você tem a ver com isso?

Sua voz gelou seu sangue e ela olhou para cima, enfrentando seus olhos brilhantes.

—Acho que poderia ter, pois sei algo que você não sabe.

Ele se inclinou para trás na cadeira, parecendo tão incrivelmente atraente que ansiava ser capaz de tocá-lo, abraçá-lo. A única coisa que ela queria na sua vida era Cole.

— O que você poderia saber que eu não sei? - ele perguntou lentamente.

—Eu estava com Deidre Shaw quando ela morreu – lembrou-o. — Nós éramos muito próximas, lembra?

Seus olhos se estreitaram.

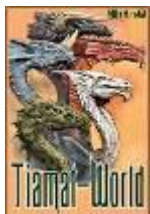
—Eu me lembro. E então?

Ela observou o gelo no seu copo enquanto mexia a bebida leitosa.

—Você sabe o quanto ela admirava seu pai?

—Quem não sabia? - Ele fez uma careta, lembrando-se amargamente dos flertes descarados da mulher. Ele nunca prestou atenção na mãe de Heather.

—Ela era muito bonita quando mais nova e houve algum tipo de acidente na fazenda enquanto Jed Shaw estava longe de casa. - Ela espiou para ter certeza que tinha sua atenção antes



de seguir em frente. — Ela precisava de ajuda e Big Jace estava há apenas alguns quilômetros de distância. Ele saiu da cama no meio da noite para ajudar a esposa de seu melhor amigo. - Ela suspirou. — Para encurtar a história, Deidre o tentava há um tempo. Nove meses depois, Heather nasceu.

Ele olhou para ela. Não disse uma palavra, mas sua grande mão se retesou e quebrou o copo entre seus dedos, encharcando a mesa. Ele parecia ignorar o que tinha acabado de fazer. O garçom tinha desaparecido e o bar estava deserto agora, exceto pelos dois e o sonolento barman.

—O que você disse? - ele grunhiu.

—Deidre nunca contou a ninguém - disse Tessa em voz baixa. — Isto teria destruído sua mãe e Deidre sabia disso. Mas ela amava tanto seu pai... e no final, ela apenas... soltou. Eu nunca disse a outra alma. Mas quando vi o que estava acontecendo entre você e Heather... e bem, eu tinha que dizer antes que você cometesse um erro trágico. Você percebe o que estou dizendo?

Seus olhos eram terríveis e se Tessa tinha dúvidas sobre o que ele estava começando a sentir por Heather, estas foram varridas pela agonia em seu rosto. Por um instante ela quase lamentou a mentira. Mas agora era tarde demais para voltar atrás.

—Heather é sua meia-irmã, Cole - acrescentou ela enfiando a faca mais fundo.

Ele ficou ali sentado, com o rosto branco sob seu bronzado, o queixo tenso com choque e fúria.

—Se você estiver mentindo para mim, vou fazer você lamentar o dia em que nasceu - ele disse em uma voz que não deixava dúvida de que iria cumprir sua ameaça.

Por um instante ela sentiu um medo horrível de que pudesse ser descoberta algum dia no futuro distante. Mas foi só um pesar fugaz, rapidamente desapareceu. Sacudiu a cabeça.

—Não estou mentindo, juro. Cole, você sabe como Deidre estava sempre pendurada no seu pai - ela disse. — Você sabe.

Ele sabia, mas nunca percebeu qualquer resposta por parte do pai. Naturalmente, Big Jace tinha sido uma pessoa reservada, de boca fechada...

—Sinto muito - Tessa murmurou suavemente, representando seu papel até o fim. — Eu tinha que dizer, você entende, não é?

Ele olhou para os cacos de vidro sobre a mesa e a poça leitosa da pina colada, com os olhos vazios.

—Cole? - ela sussurrou.

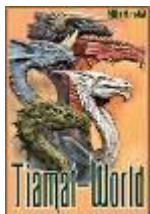
—Vá e me peça outra bebida - ele disse em uma voz como aço.

Levantou-se, parando para colocar uma mão compassiva em seus ombros largos. Ele afastou-a, o maxilar tenso, seu corpo rígido. Ela foi até o bar e pegou uma bebida para ele, a dúvida envolvendo-a como teias de aranha. Ele superaria isso. Ela sabia que sim.

Ela pegou a pina colada e voltou, usando um guardanapo para limpar um pouco da bagunça.

—Aqui, isso vai fazer você se sentir melhor - prometeu.

Ele tomou dois goles grandes da bebida, seus olhos brilhando para ela.



—Meu pai pode ter tido uma maldita noite com Deidre Shaw - ele disse calmamente - Mas sendo o homem que era, ele teria dito a Emma sobre isso em algum momento de sua vida. Esse era o jeito dele. Se o que você diz é verdadeiro, tudo o que tenho que fazer para confirmar é perguntar a ela. E é isso que vou fazer agora. - Ele engoliu o resto da bebida e levantou-se.

—Mas ... ela poderia não saber! - Tessa explodiu.

—Ela saberia. - Ele estudou a através dos olhos semicerrados. — Antes que eu pergunte a ela, você não tem mais nada a dizer?

Tessa manteve sua posição. Havia uma chance que o Big Jace não tivesse contado a Emma, e Cole sabia disso. Tessa não ia ceder um centímetro. Ela colocou a dúvida em sua mente e o deixaria ir ao inferno ou afogar-se. Pelo menos assim ela ainda teria uma última chance de levá-lo ao altar.

—Eu não tenho mais nada a dizer - Tessa respondeu friamente.

Ele se virou sem uma palavra e saiu do bar.

—Oh. Meu Deus! - Heather estava olhando fixamente para baixo, angustiada em choque, o corpo sem vida debaixo das cobertas. Colocando as mãos sobre a boca, ela tentou desesperadamente não entrar em pânico. Ela tinha tomado banho e estava a caminho da cama quando resolveu verificar Emma. A mulher mais velha estava deitada na cama na mesma posição de quando Heather deixou o quarto naquela manhã. Ela estava bem, até então, Heather tinha visto seu peito subindo e descendo. Mas em algum momento entre a manhã e a meia-noite, alguma coisa tinha dado terrivelmente errado e não houve uma alma por perto para ajudar.

Com um suspiro de puro horror, ela correu para o telefone quando bateram na porta de sua suíte. Ela se atrapalhou com a maçaneta e abriu a porta, seus olhos desesperados, o coração batendo freneticamente. Era Cole, olhando-a tão sério como ela nunca tinha visto.

—Eu preciso falar com minha mãe - ele começou antes que Heather pudesse falar.

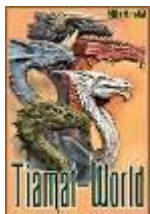
—Cole, venha rápido - ela sussurrou freneticamente, puxando seu braço. — Oh, por favor, é ... é Emma!

Seu coração pareceu parar quando ela o arrastou para o quarto de Emma. Ele soube imediatamente. Havia aprendido a reconhecer o olhar da morte instantaneamente no Vietnã, ele reconhecia a postura de longa experiência. Mas não era um soldado inimigo no campo de batalha, era sua mãe.

—Vou chamar o médico - disse laconicamente. Ele parou tempo suficiente para afastar o cabelo despenteado do rosto de Heather, para se certificar de que estava tudo certo, mesmo que seu coração parecesse que fosse quebrar. — Vá e espere na sala de estar, querida - ele disse baixinho. — Vá, não há nada mais que você possa fazer.

—Você não vai ... se certificar? - ela sussurrou, os olhos tão angustiados e cheios de terror que ele queria esmagá-la contra seu corpo e protegê-la de tudo. Mas não podia.

—Não há necessidade - disse em uma voz tão solene, que ela sabia que era melhor não discutir.



Ela só balançou a cabeça e saiu do quarto entorpecida, as lágrimas começando a chegar aos olhos.

Os minutos seguintes foram um pesadelo. Heather mal podia acreditar no que estava acontecendo. A noite anterior, ela e Emma tinham conversado tão agradavelmente e, agora, Emma estava morta. Se ela tivesse verificado a mulher mais velha, se só ...!

Cole esperava com ela do lado de fora do quarto enquanto o médico fazia seu exame e escrevia o atestado de óbito. Seu rosto era uma máscara de tristeza.

—Você está bem? - ela perguntou, quando o médico já tinha saído.

Ele balançou a cabeça. Estava em pé perto da janela com as mãos nos bolsos, tão só, que aquela visão tocou Heather.

—Posso te trazer uma xícara de café, uma bebida?

—Nada. - Passou a mão pelo cabelo. — Vou ter que tomar as providências para irmos para casa. É melhor cuidar disso agora. Você vai ficar bem? - Perguntou amavelmente, voltando-se para estudar seu rosto.

—Eu ficarei bem, Cole - ela conseguiu dizer, apesar das lágrimas que ameaçavam sufocar sua voz. Mas a visão da porta fechada do quarto de Emma foi o suficiente para desestabilizá-la. Ela não podia suportar. — Oh, Cole, eu não deveria tê-la deixado, deveria ter verificado ...!

Ele atravessou a sala e a tomou em seus braços, seu toque estranhamente impessoal mas carinhoso, tão diferente da maneira como ele a tinha segurado mais cedo.

—Heather, foi rápido. Juro para você, que foi rápido. E você não poderia ter feito nada, mesmo que estivesse aqui com ela, não impediria. Nada teria ajudado. Perguntei ao médico. Foi um infarto fulminante. Vamos agradecer por ela não ter sofrido e não vamos cultivar arrependimentos.

Ela assentiu, enxugando as lágrimas com as costas das mãos delgadas. Ela olhou para ele como uma criança perdida.

—O que você quer que eu faça?

—Fique aqui até eu voltar. Tudo bem?

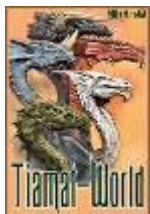
Heather assentiu. Ela se enrolou em uma das poltronas, enquanto as lágrimas escorriam silenciosamente pelo rosto. Ela não o viu sair pela porta.

Eles voltaram para casa após uma noite insone. Tessa foi a maior provação na desconfortável transferência de Emma do hospital para o aeroporto. Ela se agarrou a Cole como um papel de mosca, toda lágrimas, olhos angustiados e histeria, suas longas unhas vermelhas cravadas no tecido do casaco, mesmo enquanto ele confortava Heather, que estava bem mais abalada que Tessa.

—Eu a amava tanto - lamentou Tessa no caminho para o aeroporto. Heather olhou pela janela a água turquesa, a praia de coral branco e as árvores de uvas do mar, sem realmente vê-las.

—Todos nós - disse Cole.

—Você não sabe como eu a amava - Tessa murmurou em um lenço. — Ela era tão boa, uma dama. Eu teria feito qualquer coisa por ela, qualquer coisa.



Heather inclinou a cabeça contra o assento e fechou os olhos. Se apenas Tessa calasse a boca. Era horrível fingir aquele tipo de dor, e era fingimento, ela sabia disso. A cada minuto Tessa desviava o rosto para Cole para se certificar de que ele sabia como ela estava perturbada. Qualquer mulher teria percebido isso. Mas Cole estava sofrendo muito, e apesar disso ele não permitiria que ninguém o confortasse, e deixava isso claro para Tessa em sua expressão.

Heather simplesmente suportava da melhor maneira possível. Emma teria querido isso, ela lembrou a si mesma. Emma nunca foi deliberadamente cruel com ninguém, nem mesmo com Tessa, apesar das suas provocações ao longo dos anos. Tessa nunca tinha sido condescendente com a mãe de Cole e Heather sabia que ele algumas vezes também não.

No final da tarde eles foram para casa. Heather saiu do Lincoln preto, com uma sensação de irrerealidade. Ela fitou vagamente a casa, as lágrimas correndo de seus olhos e lembrou-se que saíram há apenas três dias atrás. Então Emma estava viva e sorrindo. Agora, sua madrastra nunca iria para a varanda para encontrá-la novamente, nunca vaguearia pelos jardins ou queixaria-se dos insetos que atacavam suas rosas a cada primavera.

—Não - Cole disse calmamente. Ele pôs o braço em volta dela e puxou-a para perto dele. Heather estava contente por já terem deixado Tessa em sua casa, porque sua determinada rival certamente teria encontrado uma maneira de negar-lhe até mesmo um pouco de conforto.

—Eu sinto muito sua falta – ela admitiu olhando para ele com tristeza em seus olhos. — Eu sei que você também, mesmo que não aparente. Você está magoado.

Seus longos dedos ficaram tensos.

—Você me conhece muito bem, não é?

Ela assentiu com a cabeça.

—Por mais que você não deixe ninguém te conhecer - ela concordou. — Você é uma pessoa muito reservada.

Ele virou na direção da casa.

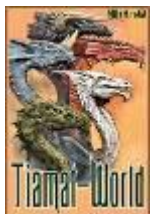
—Vamos, a Sra. Jones preparou algo para o jantar, e depois vamos providenciar o funeral. Você terá que decidir sobre as flores. Posso lidar com a funerária e o resto.

Ela se apertou ainda mais para perto dele.

—Rosas, Cole - ela murmurou entre lágrimas. — Ela adorava rosas.

A pequena igreja Batista estava lotada e o cheiro das flores era quase insuportável. Heather sentou ao lado de Cole no banco da frente, a poucos metros do caixão de mogno. Ela ouviu os acordes de "Amazing Grace", ecoando do órgão da igreja que Emma tinha comprado para a congregação no ano passado. O hino familiar trouxe as lágrimas. Ele era o favorito de Emma, uma melodia simples, mas eloquente, doce e triste. Sua mão procurou pela mão grande de Cole e entrelaçou seus dedos com os deles. Ele enrijeceu por um instante antes de sua mão relaxar e permitir que seus dedos se entrelançassem.

Ela não questionou a hesitação. Cole tinha estado distante com ela desde a morte de Emma, mas Heather entendia. Ele amava sua mãe ferozmente, e Cole não era um homem de buscar



conforto e simpatia. Ele era mais como um lobo, que quando ferido procurava a solidão. Mantinha cada mágoa profundamente dentro de si. Nenhuma emoção transparecia em seu rosto duro.

Ela olhou para ele, sua própria dor em seus olhos. Ela teria dado qualquer coisa para tê-lo poupado disso, tomaria a dor completamente para si. Isto era amor, ela pensou, no mais puro sentimento – compartilhando tristeza e problemas, bem como os momentos bons. Seus dedos apertaram suavemente e ele olhou para ela. Por um instante, ela viu o tormento que estava sentindo, depois estreitou os olhos para esconder isso.

—Eu a amava, também - ela sussurrou baixinho.

Ele engoliu em seco, devolvendo a pressão de sua mão.

—Eu sei.

Em torno deles a agitação da conversa cessou como os últimos acordes de "Amazing Grace" e o ministro diante da congregação, com sua voz calma e carinhosa, iniciou o serviço funeral com uma história de Emma e uma família que se beneficiou de um de seus inúmeros atos anônimos de generosidade.

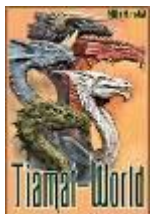
Heather ouvia, mas seus olhos estavam no caixão de mogno. Como somos mortais, pensou, muito mortais e de repente a nossa vida pode ser extinta. Se fosse Cole que estivesse deitado ali, em vez de Emma ... Seus olhos se fecharam e ela agradeceu de todo coração que Cole estivesse vivo, forte e saudável. Ela estava grata por também estar viva para segurar sua mão, para sentar ao seu lado, amá-lo.

Emma tinha sido uma mulher profundamente religiosa, o ministro estava dizendo que sua morada dali em diante estaria assegurada e um dia a congregação se juntaria a ela novamente em um mundo onde não haveria doença, nem morte. O órgão começou a tocar. O coro cantou. A congregação levantou-se e saíram para o cemitério. Heather agarrou a mão de Cole, enquanto o ministro murmurou algo sobre das cinzas às cinzas e do pó ao pó. Houve uma oração. E acabou.

O tempo pareceu ficar suspenso após o funeral. Cole entregou-se ao trabalho do rancho e das empresas como se não houvesse mais nada em sua vida. Ele estava sempre ausente por motivos financeiros, participação em reuniões, discutindo uma fusão, inspecionando acréscimos potenciais para o rebanho, compra, venda, planejamento. Novos edifícios foram subindo na fazenda, máquinas foram sendo substituídas. Logo seria primavera - hora de plantar e abater o gado e construir um império ainda maior do que já era.

Bob Andrews, o advogado da família, surgiu logo após o funeral para ler o testamento de Emma. Notoriamente esquecido e de aparência quase descabelada, ele parecia estranhamente fora do lugar atrás da mesa escrupulosamente arrumada de Cole. Ele atrapalhou-se com o testamento e teve que fazer uma pausa para procurar os óculos, que finalmente encontrou em um envelope na própria mesa.

Não houve surpresas. A fazenda e as propriedades foram divididas igualmente entre Cole e Heather, mas Cole teria autoridade absoluta nas questões de negócios e nenhum deles poderia vender a propriedade sem consultar o outro.



Heather sentada com os olhos secos, escutava com dificuldade a agradável voz de Andrews. A herança não significava nada sem Emma. Tudo o que ela queria agora era acabar logo com isso e então poderia começar a esquecer a tristeza e a dor.

Os olhos de Cole eram indecifráveis. Ele ouviu até que a leitura terminou, acenou com a cabeça bruscamente e saiu da sala sem nem sequer olhar para Heather. Magoada, ela não encontrava mais desculpas para sua maneira de dizer que ela tinha sido a causadora da dor pela perda de sua mãe. Sua rejeição estava se tornando óbvia e ela imaginava que todos tinham notado isso. Mesmo que a Sra. Jones, fingisse não notar nada, dava estranhos olhares para Heather nas refeições. Cole raramente estava presente na mesa. Parecia que ele sempre tinha avalanches de negócios para atender desde a manhã até a noite.

—Eu não estou com fome - Cole rosnou. Foi uma semana após o funeral, e mais uma vez tinha encontrado uma desculpa para ignorar o jantar. Com sincero desgosto, ele olhou para o prato de sanduíches e a xícara de café fumegante preto que a Sra. Jones tinha colocado em sua frente.

—Você não poderá trabalhar se morrer de fome - ela o repreendeu.

Seu rosto ficou rígido, mas ele não disse uma palavra. Pegou a xícara e tomou um gole de café, os olhos sem expressão olhando para a pilha de documentos a sua frente.

—Sr. Cole, algo está errado? - Sra. Jones perguntou de repente.

Ele olhou para ela.

—Não. - Ele tomou outro gole do café e olhou-a bruscamente. — Eu quero te perguntar uma coisa. Antes de meu pai morrer, quando as famílias se reuniam, você notou algo que não deveria estar acontecendo?

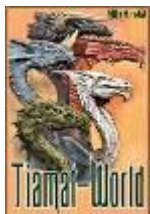
Ela começou a falar, parou e suspirou profundamente.

—Bem, sim, eu percebi, mas não era minha função dizer nada - lembrou o. — E não era nada que o Sr. Jace não pudesse resolver, se você entende o que quero dizer.

Ele sabia, e isso o atingiu. Como ele temia, as palavras da governanta fundamentavam o que Tessa tinha lhe contado. Seu pai tinha sido um homem de sangue quente, talvez ele não tenha podido evitar ser atraído pela mãe de Heather.

—Obrigado - disse ele calmamente. — Eu só queria uma segunda opinião. Obrigado pelos sanduíches, também. Vou dar-lhes uma chance, ok ? - Ele sorriu, mas não havia calor em seus olhos. Eles eram como gelo cinza.

—Sem problema. Se você quiser mais, é só gritar. - Ela se virou e saiu. Pobre Sr. Cole. Deve ter sido difícil para todos, a maneira como Deidre Shaw havia flertado tão escandalosamente com seu pai. Ela poderia ter dito a ele sobre a noite em que ela os ouviu discutindo, quando Deidre tinha convidado Big Jace para sua cama e ele ameaçou contar ao seu marido se ela não ficasse longe dele. Tinha havido mais, também. Ela ainda podia ver aqueles olhos cinza gelados brilhando, do mesmo jeito como o Sr. Cole ficava quando perdia a paciência. E Big Jace chamou Deidre Shaw de tudo, menos de senhora, enquanto lhe dizia que estava apaixonado por sua esposa, que não tinha casos, e que Deidre faria melhor se desse alguma atenção ao seu pobre marido,



negligenciado, em vez de flertar com ele. A Sra. Jones suspirou, balançando a cabeça cinza. Ela poderia ter dito ao Sr. Cole tudo isso, mas tinha certeza de que ele tinha ouvido falar disso. O Sr. Jace provavelmente tinha levantado essa questão em casa com sua esposa, contando sobre o que tinha acontecido. Ela chegou até o armário e tirou sua peneira. Ela faria um bolo de chocolate para o Sr. Cole. Ele amava e um bom bolo aguçaria seu apetite.

No dia seguinte, Heather percebeu que não poderia mais suportar a maneira distante de Cole. Ela tinha que saber o que tinha acontecido para mudar a sua atitude com ela tão drasticamente. Embora ela ficasse nervosa perto de Cole como nunca tivesse estado antes, ela reuniu coragem para perguntar qual era o problema.

Ele estava recostado na cadeira atrás de sua mesa de carvalho maciço, seus olhos frios e semicerrados, o seu corpo estranhamente tenso quando ela chegou à porta e esperou.

—Então? - Ele perguntou secamente.

—Eu gostaria de falar com você, se tiver tempo - ela disse lutando com o desejo de se afastar dele. Este estranho frio não era o homem que ela se lembrava de Nassau.

—Não tenho, mas vá em frente - ele disse, fazendo uma pausa para acender um cigarro. — O que está te preocupando?

Nervosamente, ela se sentou na borda do longo sofá de couro vermelho, com as mãos dobradas tranquilamente no colo de seu vestido de malha bege cremoso.

—Eu gostaria de saber por que você me olha como se quisesse me atravessar, ultimamente - ela disse com uma lamentável tentativa de leveza, com os olhos mais solenes e melancólicos do que nunca. — Que fiz para deixá-lo tão distante?

Ele olhou para o lápis em sua mesa, como se nunca tivesse visto um antes, o cigarro esquecido até de enviar ondas de fumaça. Sob a luz da luminária, os cabelos escuros brilhavam como azeviche, caindo displicentemente sobre sua testa, como se seus dedos tivessem passado repetidas vezes por eles.

—Estou distante? - ele perguntou distraído.

—Cole, você não pode ter esquecido...? - ela explodiu, seu coração em seus pálidos olhos azuis.

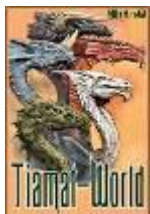
Levantou-se com um movimento brusco e estranhamente, recuperando o cigarro do cinzeiro, virou-se para olhar pela janela escurecida.

—Muita coisa aconteceu desde que deixamos as Bahamas - ele disse calmamente.

—Eu sei. - Ela levantou-se e ficou atrás dele, os olhos persistentes em seu cabelo escuro, o conjunto amplo e poderoso de seus ombros sob a camisa de veludo bordô que ele usava. Ela tocou levemente suas costas, surpreso quando a ação o fez enrijecer.

—Heather, temos que conversar - ele começou com o rosto tenso e preocupado quando se virou de repente.

Ela sorriu para ele, seu coração nos olhos .



—Eu sei o que é - ela murmurou. Ela se aproximou, seus olhos o adorando enquanto fitava seu rosto bronzeado. — Você me disse naquela noite que o que mais queria era me ouvir dizer que eu te amava, sóbria, em plena luz do dia.

—Heather ...! - ele grunhiu.

Ela pressionou seu corpo contra o corpo rígido dele, levantando os braços para enlaçar seu pescoço, suas emoções como chamas queimando em seus suaves olhos azuis.

—Não é plena luz do dia - admitiu - mas nunca estive mais sóbria do que agora na minha vida. Oh, Cole, eu te amo! Eu te amo, eu te amo ...!

Com um som estranho e áspero, ele arrancou os braços de seu pescoço e empurrou a para longe. Seus olhos prateados brilhavam para ela de sua estatura elevada.

—Eu não posso ... Eu não te amo ... Dessa forma - ele disse as palavras rasgando-o. — Eu sinto muito.

Ela olhou para ele, as palavras apenas começando a penetrar em sua mente confusa. Ele não a amava. Ele não a amava.

—Mas nós... - ela começou, a voz tensa, incerta.

Ele virou-se para esmagar o cigarro no cinzeiro sobre a mesa.

—Eu deixei as coisas saírem do controle, em Nassau - disse secamente. — Você me subiu a cabeça. Percebo agora que você levou a sério. Mas eu nunca quis que isso acontecesse. Eu pensei que você tivesse entendido que era apenas uma diversão agradável, Heather. - Ele riu e se virou para que ela não visse a expressão em seu rosto. — Eu deveria ter lembrado como você é ingênua.

Ela sentia como se tivesse sido esfaqueada. Todos aqueles quentes, macios e apaixonados beijos que lhe dera, a alegria de estar com ele, ela poderia ter jurado que ele estava tão profundamente apaixonado quanto ela. Mas tudo tinha sido uma farsa. Algo para passar o tempo. Uma diversão. Ela revelou seu coração para ele, deixou escapar o seu amor e ele estava jogando-o na sua cara, rindo dela...

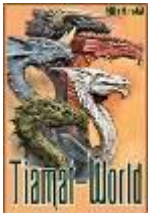
Reuniu cada grama de força de vontade para encará-lo. Ela se endireitou, reunindo as bordas rasgadas do seu orgulho.

— Entendi - ela disse com um fantasma de sua voz normal. — Eu... sinto muito, eu não sabia ... Você tem que considerar a minha idade, Cole - ela conseguiu dizer com um riso leve. — Estou aprendendo que os homens não têm as mesmas ideias sobre o compromisso que as mulheres. ... Eu tinha esquecido o quanto você ama sua liberdade. Você me avisou, aquela noite na praia...

Seus olhos brilharam descontroladamente, mas ela não podia ver sua expressão através das lágrimas em seus olhos.

—Quando você vai voltar para Houston? - ele perguntou secamente.

—O mais breve possível - ela disse sem pensar. Virou-se e encaminhou-se para a porta, parando com a mão na maçaneta para olhar para trás para sua face rígida. — Me desculpe se eu te envergonhei, Cole - ela disse em uma voz trêmula. — Não vai acontecer outra vez.



Ele olhou para ela, e havia algo em seus olhos que mantinha seu olhar, mesmo contra sua vontade. Por apenas um instante, ela teve a perturbadora impressão de que ele estava sofrendo tanto quanto ela, talvez até mais.

Ela se virou e saiu pela porta, fechando-a muito suavemente atrás dela. Quando ela foi cegamente às escadas, imaginou que ouviu seu nome em um gemido por alguém em um terrível tormento. Mas poderia ter sido apenas sua imaginação.

CAPÍTULO 8

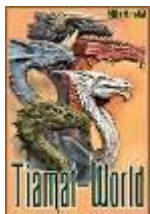
No dia seguinte ela cuidadosamente trancou a porta atrás de si e foi para o piano, o coração batendo nervosamente. Ela tinha dito a Cole que voltaria para Houston e queria manter sua palavra. Sua parte de Big Spur estava vinculada a títulos e capital de exploração e não teria mais do que uma pequena mesada a cada mês, até que completasse seu vigésimo primeiro aniversário no verão. Agora que ela planejava deixar Big Spur, tinha que ter dinheiro. E a única forma de ganhá-lo seria voltando à sua carreira, querendo ou não. Ela não tinha sequer cantarolado desde o acidente. Não sabia se teria forças para voltar à vida que levava antes do acidente. Mas daria o melhor de si. Era a única maneira de sair daquela situação intolerável.

Ela puxou o banquinho do piano, sentou e deslizou a sedosa tampa de madeira para expor as teclas pretas e brancas. Tocou uma nota para experimentar e depois deixou seus dedos estenderem-se até um acorde. O piano estava afinado.

Pedaços de uma canção que ela vinha trabalhando em sua mente por meses começou a fluir em seus dedos graciosos. Ela fechou os olhos e deixou a música transportá-la para longe de seu sofrimento.

Tocou a introdução e depois deixou a voz lentamente assumir a sedutora melodia. — *Tristes, olhos tristes, olhos melancólicos* - ela cantou — *lágrimas escorrendo de seus olhos encantadores... quantos sonhos encontraram o fim do arco-íris em você... quantos pesadelos essas lágrimas atraíram... tristes, olhos tristes, olhos melancólicos, como a sombra escura do seu amor interrompido... lembranças e melodias não podem aquecer as cinzas da... melancolia do amor que se esconde ... por trás da tristeza de seus tristes, olhos tristes...*

A melodia era sussurrada por sua voz sensual e ela sabia que a música tinha potencial. E era justamente como os médicos disseram - não havia nada de errado com sua voz. Sua incapacidade de falar após o acidente tinha sido causada somente pelo choque. Ela percebeu de repente que sua relutância em testar sua voz tinha vindo mais de suas dúvidas sobre a continuidade de sua carreira, do que qualquer receio de que suas cordas vocais estivessem danificadas. Agora tudo o que tinha que fazer era encontrar alguém que acreditasse nela. Alguém... Gil!



Ela correu para o telefone e ligou para o escritório do jornal. Tão sortuda quanto o irlandês¹⁰, ela pensou quando ele atendeu a ligação assim que o telefonou tocou.

—Olá! - Ela riu, fingindo uma alegria que não podia realmente sentir. — Adivinhe quem é?

—Um anjo pelo qual eu vivo e respiro! - Ele deu uma risadinha. — Como vai você, olhos azuis? Você parece muito bem! Quando você volta para mim ou seu perverso meio-irmão ainda te mantém presa?

Ela sentiu seu coração quebrar, já que na noite passada, Cole tinha posto fim aos seus sonhos. Seus olhos fecharam e abriram e ela respirou fundo.

—Eu quero voltar. Conhece alguma banda que precise de uma vocalista?

—Que coisa engraçada – ele disse. — Eu conheço. Eles são um grupo de soft-rock: três guitarras e uma bateria. Nada deprimente. Acha que pode suportar?

—Gostaria de tentar. Eles estão fazendo teste?

—Claro! - Ela sabia que ele estava sorrindo, mesmo a longa distância. — Vou falar com eles. Que tal amanhã à noite?

Ela engoliu, agarrando o cabo de telefone.

—Tão já?

—Para mim, quanto mais cedo melhor – ele disse sério agora. — Perder você foi terrível.

—Vou pegar o primeiro voo disponível amanhã.

—Fantástico! - ele exclamou com entusiasmo. — De qualquer maneira conheço os caras da A e R, é uma das duas maiores gravadoras do Estado. Se as coisas funcionarem com esta nova banda, talvez eu possa falar com ele...

Ela riu baixinho.

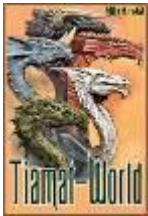
—Posso ver os meus problemas resolvidos se eu ficar com você, Gil. Obrigado. Você é um amigo de verdade.

—É o mínimo que posso fazer - ele disse suavemente. — Até mais. Ligue do aeroporto que vou te buscar. - E desligou.

Na tarde seguinte, Heather estava vestida em um confortável conjunto de saia e blusa de malha azul combinando com sapatos para viagem. Suas malas estavam prontas, seu rosto perfeitamente maquiado para disfarçar os traços de lágrimas, seu cabelo preso em um elegante coque na parte de trás da cabeça. Ela procurou em seu armário pela velha bolsa em que guardava seus documentos e dinheiro. Nisso, seus olhos foram atraídos involuntariamente para a pele sedosa do casaco que Cole lhe dera, seu amuleto da sorte. Ela fechou a porta do armário e se afastou. Ela congelaria antes de usá-lo novamente.

Ela pegou sua mala, desceu e chamou um dos peões que estava do lado de fora do estábulo para levá-la até Victoria, onde pegaria um avião para Houston. Mas quando ela colocou

¹⁰ É uma frase irônica, talvez tenha sua origem nos Estados Unidos. Durante a exploração de ouro no oeste, havia um elevado número de cidadãos irlandeses que tiveram sorte e encontraram ouro nas minas da Califórnia ou foram igualmente prósperos na mineração de prata



sua bagagem na caminhonete, viu Cole caminhando em sua direção, vestindo um terno cinza escuro com uma gravata conservadora, a exata imagem de um magnata de sucesso.

Heather não o tinha visto desde seu confronto em seu estúdio na noite de anteontem. Era como se ambos fizessem um esforço para manter-se fora do caminho um do outro. Mas ali estava ele e ela não podia ignorá-lo agora.

—Pronta para ir? - ele perguntou baixinho, seus olhos não perdendo nada enquanto se moviam sobre seu corpo esguio.

—Sim. Danny me levará ao aeroporto. - Ela disse.

Ele só balançou a cabeça.

—Tem dinheiro suficiente? - Ele perguntou baixinho.

—Por enquanto. - Ela agarrou mais a bolsa. — Eu... Gil vai me ajudar a começar de novo, agora que recuperei minha voz. Ele tem alguns contatos.

Seu rosto congelou, mas ele não fez nenhum comentário sarcástico.

—Vai estar frio em Houston. Onde está seu casaco?

—No meu armário - ela disse calmamente, fitando seus olhos com uma coragem que não sentia. Ela queria se jogar em seus braços e colocar seu coração para fora. — Eu não preciso mais dele.

Ela viu seu rosto ficar ainda mais tenso. Ele sabia o quanto ela amava o casaco, que era seu amuleto da sorte. Sempre foi precioso porque ele tinha dado a ela. Ela estava dizendo a ele sem palavras que não o queria mais em sua vida.

—Não - ele concordou calmamente. — Nem ele, nem eu. Nunca olhe para trás, querida. - Olhando para suas feições rígidas, lembrou do som da própria voz dizendo-lhe que o amava, mais e mais, e ela corou, apesar de seus esforços.

—Não - ela disse. — Não vou olhar para trás. Adeus, Cole.

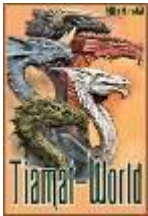
—Eu nunca digo adeus - ele lembrou. Seus olhos esquadrinhando seu rosto por um longo tempo antes de se virar.

Ela observou-o até entrar em casa e sumir de vista. Então ela virou-se para a caminhonete onde Danny estava esperando pacientemente.

* * *

Houston estava animada com a vida noturna e Heather disse a si mesma que estava contente por estar naquela preciosa cidade novamente.

Ela pegou um táxi até seu apartamento e decidiu que a primeira coisa seria telefonar para Gil. Ela não tinha ligado para ele do aeroporto, preferindo surpreendê-lo. Agora, ela tirou seus sapatos e sentou-se na borda da cama, colocaria a fazenda, Cole e todas as coisas desagradáveis no fundo de sua mente. De agora em diante, ela viveria um dia de cada vez. Cada minuto. E ela se tornaria, de alguma forma, a maior, a mais completa artista do circuito de casas noturnas. Ela não deixaria nada em pé no seu caminho. Ela faria isso.



—Essa banda é ótima - disse Gil no caminho para o clube onde o grupo estava ensaiando. — Você vai gostar dos caras. E eles vão gostar de você, também.

Ela agarrou a bolsa nervosamente.

— Eu... eu nem tenho ainda meus novos arranjos - disse a ele. — Não houve tempo para trabalhar neles...

—Não se preocupe com isso. Esses caras são mestres no improviso. Você canta a música para eles uma vez e eles nem precisam ver a música escrita.

— Se eles são tão bons, para que eles precisam de mim? - Ela riu.

— Eu não te disse? - perguntou ele com um sorriso. — Eles podem ser talentosos, mas são todos feios! Eles precisam de você para dar-lhes um pouco de classe.

Ela sorriu.

—Você sabe como agradar o ego de uma garota.

— É para isso que eu estou aqui. - Ele saiu da rua e apertou seu pequeno carro esportivo em um vaga do estacionamento, desligando o motor. — Ok anjo, aqui estamos. Vamos lá.

Ela abriu a porta com firmeza.

— Vamos - ela disse, fingindo uma confiança que não sentia.

Gil e ela se encaminharam em direção ao clube onde a banda estava terminado uma música. Os músicos estavam todos de camiseta, alguns deles fumando. Vários eram barbudos e o líder da banda vestia uma camiseta branca escrito "Homem das Cavernas!" em letras vermelhas chamejantes, e um corte de cabelo não seria nada mal. Eles estavam muito longe do visual dos músicos com que Heather estava acostumada. Vestindo um suave vestido de veludo azul, os cabelos atados meticulosamente atrás de seu gracioso pescoço, ela se sentia fora de lugar.

— Oi, gente, eu trouxe um novo rouxinol - Gil anunciou.

—Ótimo. Será que ela canta ou só chama pássaros? - o líder da banda perguntou com uma sobrancelha levantada. Ele olhou para ela sob o cigarro, uma guitarra pendurada por uma correia decorativa em torno de seu pescoço.

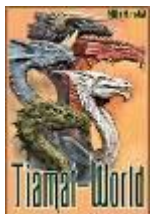
—Engraçadinho. - Gil sorriu. — O nome dela é Heather.

—O que mais seria, com esse cabelo? - veio a resposta sarcástica. — Eu sou Charlie. Na bateria Billy Jackson, no baixo Jackie Blake, na segunda guitarra Harry White - ele disse, apontando para cada um de seu grupo - e esse é nosso novo garoto, Dewey Dan, no piano. Eu toco guitarra. Eles nos chamam de *Red Rhythm Band*. O que você canta? - Ele acrescentou estreitando seus pequenos olhos castanhos de sua altura muito superior.

—Qualquer coisa que você tocar - ela respondeu corajosamente.

—Uma comediente - foi a resposta lacônica. Um par de olhos castanhos duvidosos fitaram Gil. — Tem certeza de que ela sabe o que está fazendo?

—Vá em frente, dê uma chance para garota - disse Gil impaciente. — Que tal aquele rock suave que eu ouvi vocês tocarem na semana passada? *Diabo em fitas e rendas...* não era isso?



—Tudo bem. - Charlie encolheu os ombros. Seus olhos se desviaram para Heather. — Por que não? - Ele procurou a letra da música, encontrou e entregou para Heather. — Espero que você consiga acompanhar - ele murmurou.

—Eu toco piano, também - ela disse com doçura controlada. Ele riu, voltando para a banda.

—Ok, vamos ver o que você pode fazer. - Ele afinou sua guitarra juntamente com os outros membros da banda, deu o ritmo e tocou a primeira nota pulsante de *Diabo em fitas e rendas*.

Heather gostou da batida suave, a forma como o ritmo forte da bateria se misturava com a melodia rica das guitarras e da harmonia do piano. Era uma doce melodia, repleta de promessas e já estava apaixonada por ela no momento em que Charlie lhe deu a deixa. Seu sangue se incendiou, a doce lembrança de estar no palco, de colocar cada emoção em cada música que ela cantava. Toda a energia dela estava repentinamente concentrada em sua garganta quando cantou as primeiras palavras da canção com sua voz poderosa e clara. O líder da banda virou a cabeça abruptamente para fitá-la como se nunca tivesse visto um cantor antes. Charlie não tinha sequer perguntado qual tom ela queria, uma cortesia que qualquer outro teria feito à ela. Mas o tom era apenas um pouco mais alto que o dela e o rico contralto encheu a sala.

—... *seda e cetim, o diabo num bonito laço, mulher deixe meu homem sozinho!* - ela cantou. Seu rosto brilhava de pura alegria pelo seu desempenho. A energia da música parecia entrar em sua corrente sanguínea e em seguida, surgia novamente em sua voz. Seu corpo pulsava no ritmo da bateria. Ao observá-la, qualquer um dos homens poderia ser perdoado por pensar que ela se parecia com a mulher da canção. Havia um arrebatamento sob aquele exterior doce que a fazia um diabo em renda. Ela esqueceu a banda, Gil, de tudo ao seu redor quando entrou na música. Quando terminou em um choque feroz de pratos, ela estava lá abalada pela emoção liberada. Houve um silêncio no clube como o intervalo da meia-noite. Como se saíssem de um transe, os músicos começaram a se mover, largando seus instrumentos para aplaudir. Lágrimas formaram-se nos olhos de Heather.

—Obrigada - ela sussurrou.

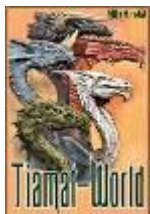
—Beleza e talento - Charlie assobiou — Que combinação!

—Eu te disse que ela era boa - Gil acrescentou.

—Ninguém nunca pareceu menos com um diabo... - Charlie suspirou — Eu adoraria que ela gravasse essa música. Meu Deus, seríamos os melhores toda noite.

—Se isso é sério mesmo - Gil disse a ele deslizando um braço possessivo ao redor de Heather — Vou fazer algumas chamadas telefônicas. Eu disse a Heather que conheço os caras da A e R Internacional e ele me deve um favor. Eu fiz uma divulgação enorme dele, há algumas semanas. Se ele for tolo o bastante para nos rejeitar, tenho alguns outros contatos também.

—Eu estou falando sério - Charlie confirmou. — E, quanto a mim, a *Red Rhythm Band* tem uma nova vocalista, ou eles contratam todos nós ou eles não terão nenhum de nós. Certo, rapazes? - ele perguntou ao grupo e todos assentiram com a cabeça.



—Espero que você esteja devidamente impressionada - disse Gil à surpresa cantora. — Esses caras tem que rejeitar shows. É assim que eles são conhecidos. Charlie estava em um programa de entrevista, há pouco tempo.

—Oh, você não pode fazer isso - Heather protestou ruborizada. — Você pode não gostar da maneira que cantarei as suas outras músicas.

Charlie sorriu.

—Você quer o emprego ou não?

—Sim! - Heather gritou, seu rosto iluminado, com os olhos brilhando.

—Nosso primeiro show é amanhã, às oito horas em ponto - ele disse. — Nós teremos que passar o dia inteiro ensaiando.

Ela puxou um banquinho e sentou-se nele.

—Então, qual é o problema? - ela perguntou, colocando as mãos nos joelhos.

—E é assim que você vai cantar - Charlie disse de repente. — Nós faremos algumas músicas lentas, para os mais velhos, com mais de trinta anos, você sabe. - Ele riu. — Você pode cantá-las naquele banquinho.

—Nada de deitar no piano? - Ela perguntou com falsa decepção.

—Por que não? - Dewey Dan gritou, sorrindo com seus óculos grossos. — Ele vai aguentar nós dois!

—Não se preocupe, minha criança - Charlie assegurou — Vou protegê-la contra os avanços lascivos do pianista depravado.

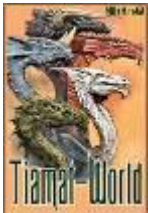
—Ah é? - Billy disse de sua bateria, seu cabelo ruivo despenteado pelos seus esforços. — Quem vai protegê-la de você?

O resto da banda entrou na discussão e Heather ficou de lado, rindo. Foi bom cantar novamente depois de tudo e ela sabia que agora seria sua hora. Com a ajuda de Gil, seus olhos brilhavam com a magia de um novo começo. Ela estava no caminho agora! Tudo o que ela tinha que fazer era não pensar em Big Spur.

Heather esperava nos bastidores na noite seguinte, roendo, inconscientemente uma longa unha rosa, enquanto esperava a banda terminar a música que estava tocando. Seu coração estava batendo, enquanto Charlie tocava sua introdução e ela podia sentir suas palmas suando. Apesar de sua segurança na noite anterior, ela estava com medo do público, com medo de ficar lá na frente de todas aquelas pessoas sofisticadas e abrir a boca. E se ela não fosse boa o suficiente? E se Charlie tivesse mentido? E se ela fosse lá e não pudesse fazer nenhum som? Era um caso real de medo do palco, este era de longe o maior público para o qual já tinha cantado e ela tinha vontade de correr para fora do clube e esquecer tudo aquilo.

... — Uma encantadora e jovem talentosa, Heather! - Charlie concluiu. — Vamos aplaudi-la, senhoras e senhores!

O som de aplausos lhe deu confiança suficiente para andar graciosamente para frente da banda. Ela agradeceu o público, agarrada ao microfone, centrou-se na parede do fundo do clube e sorriu. Ela tremia dos pés à cabeça, mas quando as primeiras notas soaram pulsando na guitarra



de Charlie, a confiança começou a crescer dentro dela. Seus olhos azuis brilhavam, os cabelos platinados balançavam como prata fundida, seu corpo esguio em um simples, mas elegante vestido preto começou a balançar sensualmente na batida.

Ela ouviu a deixa e abriu a boca e o som era penetrante, claro e doce. ... — *mulher deixe meu homem sozinho!* Ela cantou a música, fechando os olhos quando deixou as emoções que sentia incendiar sua garganta. Antes que ela terminasse, a plateia batia palmas no ritmo com ela. E quando ela deixou as notas morrerem e inclinou-se sobre o microfone, o aplauso foi ensurdecedor. E continuava, mais e mais e ela estava ofegante com o público aplaudindo, com lágrimas escorrendo pelo rosto.

— Obrigada - ela sussurrou dolorosamente. — Muito obrigada.

Era o começo. Agora, ela sabia que estava no caminho certo.

CAPÍTULO 9

Gil Austin, fiel à sua palavra, organizou uma sessão de gravação para Heather e o *Red Rhythm Band*. Seu primeiro single, *Diabo em fitas e rendas*, foi lançado algumas semanas depois e se tornou um grande sucesso local. Gil assistia a tudo sem se surpreender, a sua confiança em Heather não conhecia limites.

— Vocês estão entre os dez melhores de Atlanta. - Ele riu, olhando para Heather sobre uma xícara de café em um dos restaurantes mais exclusivos de Houston. A banda tinha acabado de completar duas semanas de compromissos e estava programada uma noite, naquela última semana antes de caírem na estrada. Esta era a primeira noite que Heather saía desde que tinha feito a sua estreia e se sentia estranha por sentar e comer sem estar nervosa com a próxima apresentação.

— Eu ainda não posso acreditar... - Ela riu enquanto terminava sua cremosa sobremesa. — Chegar tão longe, tão rápido... em pensar que trabalhei por dois anos antes do acidente, sem nunca receber tanta publicidade.

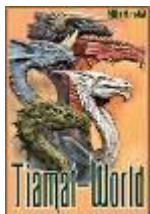
— Dessa vez você me deixou te dar uma mão – ele lembrou-a.

Ela sorriu para ele. Ela tinha ganho um pouco de peso, apenas o suficiente para tornar suas curvas mais suaves, a luz estava voltando lentamente aos seus olhos azuis. Ela não tinha esquecido Cole ainda, mas estava chegando lá graças a Gil. Ele a mimava, incentivava-a, acariciava-a e nunca a deixava esquecer seu objetivo final. Ela sabia que ele não poderia estar fazendo tudo isso por bondade, mas não queria questionar seus motivos.

— Charlie ajudou muito, também – disse a ele — Ele até me deixará fazer uma das minhas canções na sexta à noite. Chama-se *Tristes*, *Olhos Tristes* e ele fez os arranjos.

Gil estudou-a em silêncio, seus olhos avaliando-a.

— Os seus estavam tristes quando você voltou para mim – disse a ela. — Estou contente pela luz ter voltado a eles novamente.



Ela tocou sua mão levemente.

—E você nunca fez uma pergunta. Sou grata por isso.

Ele não tinha que perguntar. Sabia que tinha algo a ver com Everett, que pairava sobre seu relacionamento com Heather como um machado bem afiado, sempre pronto a cair. Mas ele apenas deu de ombros e sorriu.

—Eu nunca bisbilhoto. A menos que seja obrigado - acrescentou com um sorriso.

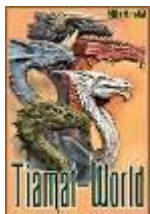
Ela deveria estar se sentindo o máximo. Estava a caminho de ser contratada por uma gravadora, estava ganhando dinheiro, era independente de Cole como sempre quis ser. Mas, como ela tinha estado à beira de descobrir antes de seu acidente, era como esperar um bife e provar serragem. Deixava um gosto ruim na boca.

Ela não podia desapontar a banda, dando menos do que o seu melhor, apesar de tudo. Quando ela saiu do palco do *Golden Gun* para sua única noite naquela semana, ela colocou tudo o que tinha em sua apresentação. *Diabo em fitas e rendas* arrancou um estrondoso aplauso. E então eles viraram as luzes do palco, e ela subiu no banquinho, alheio ao casal que caminhava tranquilamente e sentava-se em uma mesa, enquanto a banda tocava a introdução de *Tristes, Olhos Tristes*. No início era como uma canção de blues, quando Heather originalmente a escreveu, mas Charlie tinha colocado uma batida de bossa nova e aumentado seu ritmo, de modo que quando Heather cantava agora, aumentava a pressão arterial. Especialmente quando ela usava o vestido justo de cetim turquesa que fazia seus olhos parecerem o mar ao alvorecer, seus cabelos uma nuvem sedosa platinada.

Ela estava apenas começando a canção, quando o mar de gente repentinamente se abriu para revelar um par de olhos prateados e um rosto bronzeado, no fundo do clube – o rosto que era o começo e o fim de seu mundo. Cole! Ela mal percebeu Tessa ao lado dele, com os olhos pregados à sensual perfeição masculina dele em um paletó escuro e gravata listrada. A visão dele era como um bálsamo para o coração dolorido após as longas e solitárias semanas. Ela quase vacilou no meio da nota, mas o treinamento e a confiança mantiveram seus nervos. Ela continuou, com sua voz sexy cantando com entusiasmo a música, mas havia um brilho novo, ofuscante sobre seu rosto, um brilho aveludado que fez Gil Austin, no canto da sala, apertar sua bebida até que seus dedos ficassem brancos.

A música estava em torno dela, dentro dela e seus olhos, repleto com o rosto moreno de Cole, expondo-a ao mundo enquanto ela cantava.

—*Tristes. Olhos tristes, olhos melancólicos, como a sombra escura do seu amor, interrompido ... lembrança e melodia não podem aquecer as cinzas da melancolia ... o amor que se esconde... por trás da tristeza de seus tristes, olhos tristes* Ela deixou a doce melodia se extinguir, a última nota da música morreu no silêncio suave que se seguiu ao final da banda. De repente, o silêncio foi quebrado por aplausos, assobios, brindes e Heather soube que a música ia ter sua própria popularidade. Mas isso não importava. Nada importava exceto aos olhos de Cole ali sentado olhando para ela. Ela teve que lutar para se impedir de correr para ele com os braços estendidos.



Ele não te ama, ela lembrou a si mesma e toda aquela doce luz brilhante, visivelmente se apagou nela. Ela terminou seu último número, uma canção sobre um amor que ia mal e deixou o palco. Seus joelhos tremiam quando chegou ao seu camarim. Porque Cole estava ali? Por que tinha vindo?

Poucos minutos depois houve uma batida abrupta na porta e Heather se encolheu.

—Entre - ela disse bravamente e encontrou os frios olhos escuros de Tessa no espelho do camarim.

—Você é realmente uma estrela, não é? - Tessa deu de ombros, olhando com indiferença em seu entorno. — Eu não gostei do seu show.

Heather sacudiu para trás seus longos cabelos, no processo de remover a maquiagem com mãos firmes. Tessa não podia magoá-la mais. Ela tinha perdido Cole há muito tempo e não havia mais nada a perder. Nada que Tessa pudesse tirar dela.

—Eu vou chorar o caminho todo até o banco para pegar meu dinheiro - informou à garota de cabelos escuros, com uma risada curta. — Estranhamente, Tessa, sua opinião não me interessa de jeito nenhum.

Isso fez brilhar os olhos negros de Tessa descontroladamente. Toda inveja, ciúme e ódio vieram à tona.

—Eu pedi para Cole me trazer - disse a Heather com um sorriso falso. — Eu queria que você o visse comigo. Ele não queria nem chegar perto do lugar - acrescentou venenosa.

—Não pense que estou ansiosa para vê-lo - foi a resposta calma.

— Você não está? - Tessa apoiou uma longa unha no quadril. — Você nunca terá Cole - prometeu a sua rival. — Eu me certifiquei disso.

Heather não entendeu a observação velada, mas não se preocupou em dar uma resposta. Ela terminou de remover o batom e pegou a escova para passar displicentemente pelos longos e esplêndidos cabelos.

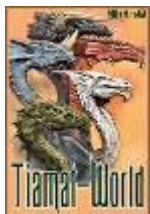
—Não tem outro lugar para ir, Tessa? - perguntou friamente. — Eu só recebo meus amigos nos bastidores.

—Não banque a grande estrela comigo! - a outra garota gritou para ela. — Lembre-se, você não é nada mais que uma forasteira em Big Spur agora!

Aquilo a atingiu, a fez queimar por dentro. Ela virou-se na cadeira e seus olhos azuis brilharam para Tessa, a fúria deixando cada músculo de seu corpo tenso.

—Essa descrição se encaixa melhor a você do que a mim - ela desabafou. — E se você não sair do camarim nos próximos cinco segundos, vou pedir para o leão de chácara de Johnny, arrastá-la para fora do clube pela porta da frente e te atirar na sarjeta que é o seu lugar!

A boca da outra garota se abriu. Ela nunca tinha ouvido Heather falar assim. Ela estava absolutamente sem palavras, especialmente quando ela viu nos olhos de Heather que não era um blefe.



Cole escolheu aquele momento para entrar pela porta, fazendo com que o coração de Heather batesse loucamente em seu peito. Tessa, aproveitando a oportunidade, explodiu em lágrimas de agonia.

—Oh, Cole, ela é cruel! - gemeu, escondendo o rosto no casaco escuro. — Ela me chamou de nomes horríveis e ameaçou me jogar na rua!

Cole acariciou suas costas distraidamente, olhando por cima de seu ombro para Heather. — Ninguém vai te jogar em lugar nenhum. Vá e me espere na mesa.

—Claro, querido - ela disse, farejando uma boa saída. Ela caminhou altivamente para a porta sem olhar para trás.

O silêncio na sala era ameaçador, como a quietude carregada antes de um furacão. Heather escovava os cabelos em silêncio, evitando o olhar penetrante de Cole.

—Era preciso atacar Tessa, que nunca te fez mal? - Ele perguntou friamente.

—Serpentes nunca fazem mal, simplesmente te levam ao inferno - ela respondeu — Certamente você poderia ter encontrado outro clube para levá-la, não é ? Ou você não poderia conversar com ela fora deste?

Ele acendeu um cigarro, olhando para ela no espelho estreitando os brilhantes olhos prateados.

—Você parece bem – ele disse com indiferença. — Como vai?

Ela encolheu os ombros.

—Melhor do que eu esperava. Temos uma música subindo nas paradas e estamos prestes a sair em turnê. - A visão dele estava deixando-a em pedaços. Sua mão apertou o cabo da escova e ela disse mentindo. — Gil irá, também.

Ele se virou, suas costas largas enrijecidas como se ela o tivesse ferido. Mas, quando ele a encarou de novo, sua expressão era tão impassível como sempre.

—Ele vai? Você provavelmente vai precisar de proteção na turnê.

“Cole, você está me matando!” ela queria gritar. Mas tudo o que podia fazer era engolir a dor lancinante e não deixá-la aparecer.

—Obrigada por vir me cumprimentar - ela disse com a mesma cortesia que teria mostrado a um estranho. Ela se levantou de sua cadeira, com um sorriso pálido fixo nos lábios.

—Foi loucura - ele respondeu, um músculo em sua mandíbula pulsando enquanto seus olhos delineando seu corpo esguio no vestido revelador.

—Então por que você veio? - Ela perguntou.

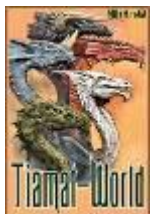
Um sorriso estranho tocou a curva forte de sua boca.

—Para saber se você me odiava – disse a ela.

Seu coração ficou suspenso no ar.

—Não, eu não odeio você, Cole.

—Sinto muito sobre isso. Foi melhor para nós dois. Ele esmagou o cigarro e olhou para o relógio. — É melhor eu ir. Tessa e eu precisamos dormir um pouco antes de voar de volta pela manhã.



Sua última esperança de que ela e Cole pudessem ter um futuro juntos morreu dentro dela. Cole e Tessa, juntos a noite toda, era mais do que poderia suportar.

—Sem arrependimentos, querida - ele disse estranhamente, o rosto duro. — Eu tenho minha fazenda e você tem a sua carreira.

Ela assentiu com a cabeça.

—A música é tudo que me importa - ela disse voltando sua atenção para um grampo brilhante sobre a cômoda. Seus dedos virando o na luz. — É o ar que eu respiro.

—Eu pensei que fosse Austin.

A dureza em sua voz fez com que ela erguesse o rosto e seus olhos prenderam os dela de forma tão eficaz quanto uma rede. Aquele olhar brilhante a queimava e ela podia sentir seu coração batendo em resposta, o sangue corando suas bochechas.

—Deus Todo-Poderoso - ele respirou rispidamente — Não me olhe assim!

Ela afastou os olhos, os lábios tremendo. Ela não podia se deixar atrair por ele novamente, não depois da tortura de cortá-lo de sua vida .

—Vá embora! Não quero você aqui!

OuvIU o som dos saltos das botas movendo se atrás dela e em seguida mãos fortes, duras a puxaram contra o forte corpo musculoso.

—O diabo que não quer - ele respirou pesadamente. — Você quer o som da minha voz, quer sentir meu gosto! Deus, você pensa que sou cego? Estava em seus olhos enquanto você cantava para mim esta noite. Estava brilhando em você como um farol; está aqui nesta pulsação sacudindo seu corpo - ele persistiu, a mão deslizando para descansar debaixo do suave seio, fazendo o coração dela disparar loucamente sob seu contato. —Você quer tanto que está completamente trêmula!

O constrangimento era intenso. Lágrimas silenciosas deslizaram pelo rosto ardente. Ela se afastou de Cole, com os olhos faiscando e colocou metade do espaço da pequena sala entre eles.

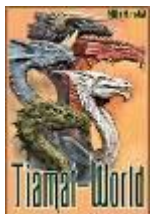
—Você se tem em alta conta! - Ela engasgou, odiando o no momento, odiando-se por sua própria fraqueza. Suas mãos cerradas com tanta força que as unhas cravaram em suas palmas.

Em sua fúria, ela perdeu a escuridão sombria nos olhos prateados de Cole, o vislumbre de uma dor tão arrebatadora que não podia ser escondida. Ela perdeu o breve e rígido aperto de suas mãos grandes que deixou os nós dos dedos brancos antes que ele as colocasse nos bolsos. Tudo o que ela viu foi o sorriso tenso que permanecia em sua boca e a dureza do seu rosto.

—Ainda me quer, Heather? - Ele perguntou com crueldade calculada. — Isso é muito ruim. Deus sabe, não quero nenhuma parte de você. Não vou negar que seu doce corpo jovem me tenta um bocado, mas nunca houve amor no que eu sentia. Eu nunca poderia te amar.

Lágrimas escorriam pelo seu rosto, espelhando uma mágoa que ia até os ossos. Ela afastou os olhos atormentados de Cole.

—Você terminou? - Ela perguntou em um sussurro estrangulado. — Por favor, você terminou?



—Quase - ele concordou casualmente, apertando sua mandíbula com a visão de sua vulnerabilidade. — Só estou colocando um ponto de vista. Querer-me é um beco sem saída. Encontre alguém para idolatrar, Heather. Eu já tive o bastante da sua adoração doentia, não tenho estômago para isso.

Seus olhos se apagaram, como se a dor aguda dentro dela, de repente a entorpecesse. Sentia-se muito calma. Cole estava dizendo que nunca poderia amá-la como mulher, que tudo o que ela tinha era uma paixonite por ele e de qualquer maneira nada mais importava. Nada mais importava. Cole não a queria.

Ele franziu a testa.

—Heather?

Ela olhou para ele.

—Agora, você terminou? - Ela perguntou sem expressão.

—Sim - ele disse firmemente. — Terminei. Não volte para o rancho. Tessa não quer que você volte e nem eu. Se houver alguma coisa sobre os negócios que você precise saber, enviarei uma nota. Caso contrário, não precisamos de você. Você está por sua conta.

Ele poderia muito bem ter dado um tiro nela, ela pensou secamente. Ela não teria sentido.

—Eu não terei tempo – disse a ele calmamente. — Estarei muito ocupada.

Ele suspirou profundamente, voltando-se para a porta e havia uma hesitação estranha em seus passos quando ele parou com a mão na maçaneta, olhando para a loira pálida ainda em pé no meio da sala. Sua palidez, sua beleza surpreendente contra a escuridão da janela atrás dela era deslumbrante. Considerou contra a sua vontade.

— Adeus – ele disse tensamente.

Ela não respondeu. Tinha medo que sua voz falhasse. Ela só balançou a cabeça, muda e com uma dor que nada poderia preencher o vazio, nem mesmo a música. Seus olhos fitaram o rosto moreno.

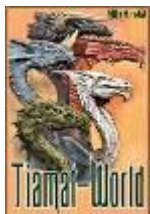
Com uma praga abafada, ele bateu a porta atrás dele. Ela fitou a porta por vários minutos antes de mecanicamente tirar o vestido e se vestir para sair. Ela mal percebeu quando Gil Austin chegou para levá-la para casa e não disse uma palavra a ele em todo o caminho até seu apartamento. Quando ele tentou pedir alguma explicação pelo seu comportamento estranho, ela apenas sorriu e fechou a porta na cara dele.

Entorpecida pela dor, ela andava aturdida mesmo depois de semanas do acontecido, participando dos ensaios enquanto a banda em turnê mudava de uma grande cidade para outra. Ela ainda dava tudo de si durante as performances, mas com o passar do tempo, começou a perder peso. Sempre delicada, ela tinha se tornado frágil, nesse ritmo iria se matar. Ela começou a fumar, um hábito que adquiriu de Charlie, para irritação dele, e vivia de café preto e estresse.

—Você está se matando - Charlie rosnou, olhando a fumaça à tarde no ensaio.

Ela o fitou com um olhar frio.

—O que faço com a minha voz pode ser da sua conta, mas o que faço com a minha vida é problema meu.



—Você não terá uma vida se continuar assim - ele insistiu. Encostando-se à beirada do piano, onde ela estava sentada, olhou a através dos olhos castanhos semicerrados.

—Estou evitando meu fim - ela disse na defensiva.

—Você sempre está - ele concordou, cruzando os braços sobre o peito. — Sem discussão. Mas você está começando a parecer um caso perdido. Estamos no topo agora, você sabe. Eu não me iludo, achando que os garotos e eu fizemos isso sozinho, foi principalmente pela sua aparência e talento. Mas você está ficando esquelética e se continuar fumando essas malditas coisas - ele apontou para o fino cigarro branco nas mãos dela — a sua voz pode não resistir. Você estava muito rouca estes dias.

—Você me ensinou a fumar - lembrou o com um sorriso divertido.

—Envergonho-me disso - ele respondeu, passando a mão no cabelo longo e sedoso. — Escute. Eu não sei o que está te consumindo. Não gosto de me intrometer na vida de ninguém, porque não gosto de gente se intrometendo na minha também. Mas se você não enfrentar o que está te incomodando, vai se destruir rapidamente. Toda essa pressão vai derrubá-la. E se você não pensa em si mesmo, pense nos pobres músicos famintos que você deixará sem trabalho.

Aquilo a fez sorrir novamente. Ela encolheu os ombros.

—Acho que estive muita confusa ultimamente - ela admitiu. Ela respirou profundamente e apagou o cigarro. — Tudo bem. Sem cigarros. E eu vou parar de viver dentro de mim mesma.

Ele sorriu.

—Essa é minha garota. Pense em todo dinheiro que nós vamos ganhar. E a revista *Rolling Stone* está enviando um repórter para fazer uma entrevista especial com você, o que acha disso?

Ela murmurou alguma coisa ininteligível.

—Tem algo que você deve se lembrar, Heather - ele disse antes de se afastar. — Tudo passa. Dor, amor, felicidade, tristeza... tudo. Nada dura muito tempo e isso é uma faca de dois gumes. Você pode superar esse momento ruim, apesar de tudo.

Ela mordeu o lábio inferior.

—Obrigado, Charlie - ela murmurou roucamente.

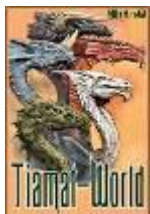
Ele não respondeu. Ela voltou para seu camarim e pela primeira vez desde que Cole disse adeus, ela chorou. Quando as lágrimas pararam, ela ficou ereta e olhou para seu rosto no espelho com uma expressão fria e teimosa.

—Eu passei por um naufrágio e sobrevivi a isso - disse a seu reflexo. — Eu nunca darei a Cole a satisfação de me ver por baixo durante muito tempo. A partir de agora, ninguém jamais vai me fazer chorar novamente. Ninguém!

Com essa ideia em mente, ela renovou seu guarda-roupa e cortou seu longo cabelo sedoso em um novo corte sexy na altura das orelhas. Ela sorriu quando Charlie e os outros membros da banda gemeram e lamentaram a sua mudança.

—Já sou crescida - ela os lembrou. — Só garotinhas andam por aí com cabelo na cintura.

—Vou vestir preto por um mês - Dewey Dan murmurou, o rosto com óculos erguido acusadoramente.



—Não dá para colá-los novamente? - Billy perguntou.

—Os fãs vão nos atacar - Charlie gemeu. — Eles vão pensar que você os traiu. Seu cabelo era sua marca registrada!

—Meu novo visual será minha marca registrada – disse a eles com altivez, indicando as linhas simples e elegantes do vestido sofisticado. O tecido de seda roxa era salpicado de turquesa. Drapeado de um ombro só, envolvia seu corpo delgado como um sári, enfatizando sua beleza. Dava-lhe maturidade extra. Ela parecia uma mulher agora, não uma adolescente apaixonada por qualquer homem. A imagem que ela projetava era de uma jovem deusa em férias.

Charlie balançou a cabeça.

— Eu amei isso, não me interpretem mal – disse a ela. — Eu fico imaginando como os fãs vão reagir.

—Espere até a noite e veremos - ela disse com olhos brilhantes.

Eles tocaram para uma casa lotada em um dos clubes mais exclusivos de Nova York. Heather usou o vestido novo e quando ela sentou em seu banco com uma luz suave para fazer *Tristes*, *Olhos Tristes*, a fenda ousada na frente do vestido revelou a curva graciosa de uma perna, muito bronzeada. Houve um silêncio no clube, quase como um sentimento de reverência. Ela colocou tudo o que sentia na canção, o fim de sua tristeza, seu sofrimento, sua dor, sua solidão... Era como se ela derramasse uma vida de emoção naquela apresentação, deixando para trás nada mais que a casca da garota que ela tinha sido. Agora ela era toda elegância e sofisticação, autoconfiante como nunca tinha sido antes, controlada, fria. E seu novo visual era como fogos de artifício. Quando ela terminou a canção houve uma explosão de aplausos ensurdecedores e ela teve que fazer um bis antes de sair do palco. Foi só depois que Charlie disse que um dos maiores executivos de uma gravadora na cidade tinha estado nesse show. A atuação levou a um contrato de gravação e uma semana cheia de compromissos pessoais. Ela foi convidada para um talk show no final do ano. Heather se tornou a cantora mais famosa das noites do leste. E a banda subia cada vez mais com ela.

Gil Austin estava seguindo seu progresso a longa distância, mas na última noite ela e o *Red Rhythm Band* se apresentaram em Nova York e ele apareceu nos bastidores para levá-la para um jantar tardio.

—Eu não a reconheceria - ele suspirou, olhando sobre a mesa para ela enquanto eles tomavam o café. — Srta. Sofisticação. Onde está aquela garotinha de cabelos compridos que vivia no limite de suas emoções?

Cole assassinou-a, ela queria dizer, mas só encolheu os ombros.

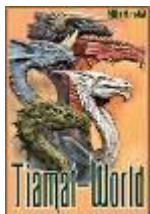
—Eu cresci rápido.

Ele franziu a testa e cruzou os braços.

— Você disse ao seu meio-irmão que eu iria na turnê com você? - Ele perguntou de repente.

Ela sentiu algo sacudir dentro dela, mas nenhum movimento do rosto ou corpo traiu sua confusão interna. Ela aprendeu a esconder tudo agora, até mesmo suas respostas.

— Eu não acredito que mencionei isso, Gil - ela disse calmamente. — Por quê?



Ele sorriu brevemente, seus olhos brilhando.

— Ele ligou para o jornal para saber onde eu estava.

Aquilo a deixou com raiva. Para que Cole queria saber quem ia com ela, afinal?

—Ele não tinha esse direito - ela disse friamente.

—Meu editor deve ter achado que ele tinha. Contou a ele. Seu meio-irmão tem muita influência no sudeste do Texas, sabia? Ele tem amizade com o nosso editor e tem dinheiro suficiente para comprar o jornal se quiser. Tive a sensação de que ele queria meu emprego.

Ela piscou.

—Ele tentou fazer com que você fosse despedido?

—Parece que sim. Ele não se importa comigo - ele disse brincando com o garfo. Seus olhos preso aos dela. — Eu me pergunto por que ele é tão hostil?

Nada apareceu em seu rosto.

—Ele foi responsável por mim durante vários anos, Gil. É difícil mudar.

—Não é tão difícil. E não há nenhuma relação de sangue entre vocês, não é? - Ele perguntou astutamente.

—Ele é meu meio-irmão...

—Isso não pararia um homem como Everett - ele disse firmemente. — Ele é rico o suficiente para fazer suas próprias regras e eu sei disso. Não brinque comigo, Heather. Gostaria de saber se o ciúme não tem nada a ver com sua hostilidade em relação a mim.

Ela olhou para ele.

—Isso faz parte da minha vida pessoal - ela disse educadamente. — Eu não respondo a nenhum homem. Nem a Cole, nem a você. Eu trabalhei duro para ser independente e não vou desistir disso agora.

—Não queria dizer isso dessa maneira - argumentou.

—Como é que você queria dizer, então? - ela revidou.

Ele suspirou.

—Você é inflexível, não é querida?

—Sim, sou e não me chame de *querida* - ela respondeu, os olhos de um azul pálido brilhando. — Eu não gosto.

—Por quê? Porque ele te chama assim? - Ele devolveu.

Ela jogou o guardanapo e levantou-se.

—Quando você voltar a si novamente, me ligue - ela disse com firmeza.

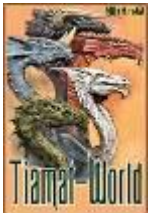
Ele cedeu.

—Heather, não vá sem mim - ele implorou suavemente. — Eu senti tanto sua falta.

—Que maneira de demonstrar isso – ela disse com um sorriso frio.

—Estou com inveja dele - admitiu com um suspiro. — Deus, quem não teria? Ele tem tudo: aparência, poder, dinheiro, charme...

—Eu – disse a ele. — Ele pode ter tudo, mas eu prometo a você que ele não me terá. Nem agora, nem nunca.



—Você o odeia, não é? - Ele sondou.

—Eu não sinto emoção suficiente para odiá-lo - ela disse desanimada.

Um leve sorriso apareceu em seus lábios e a luz voltou aos seus olhos.

—Vamos voltar caminhando em vez de tomar um táxi - ele sugeriu, juntando-se a ela no corredor. — Eu sinto como se pudesse uivar para a lua esta noite.

—Eu sempre soube que havia algo de lobo em você - ela brincou levemente.

Eles saíram para a noite suave, o frescor da primavera distinto, apesar do tráfego e do ruído.

—A Grande Maçã. - Gil riu, segurando seu braço. — Eu não percebi o quanto perdi. Eu cresci aqui, você sabe.

—Não, não sabia - admitiu. — Perseguindo ambulâncias?

Ele balançou a cabeça.

—Mulheres. Eu sempre perseguia mulheres. - Ele riu.

Eles estavam andando pela rua quando uma garota adolescente e sua companheira se aproximarem de Heather hesitante.

—Você não é... quer dizer, você é Heather? - A menor e mais morena das duas perguntou nervosamente.

Ela sorriu para a menina.

—Sou eu mesma.

A outra menina, uma loura de óculos, sorriu para ela.

—Por favor, poderíamos ter seu autógrafo? Nós duas queremos ser cantoras quando terminarmos a escola.

Ela riu orgulhosa e um pouco embaraçada enquanto rabiscava duas assinaturas.

—Espero que esteja bom - ela murmurou, entregando de volta a caneta que tinha pego. — Sou nova nisso.

—Puxa, obrigada! - as meninas gritaram, sorrindo para ela intensamente antes de saírem correndo, rindo como conspiradoras.

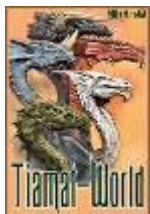
—É como andar com a realeza. Gil riu.

Ela fez uma careta.

—Eu não estou acostumada com isso ainda, mas com certeza é lisonjeiro. Imagine, alguém querendo meu autógrafo! Há alguns meses atrás, eu não poderia fazer isso!

—Há alguns meses atrás, você não era a garota que é agora - lembrou a com um olhar apreciativo. — Que mudança - ele murmurou. — Ninguém que te conhecia, seria capaz de reconhecê-la agora.

Ela imediatamente pensou em Cole. Não, ele não iria reconhecê-la sem a adoração em seus olhos ou a fraqueza que afetava sempre que ela estava perto dele. Ela era como gelo agora. Cole nunca poderia tocá-la novamente, nunca a machucaria. Ela sorriu friamente enquanto caminhava ao lado de Gil. Apesar das preocupações de Emma, ela era independente e não precisou da herança para isso. Se Emma pudesse ter vivido para ver a enteada agora. Ela pegou a mão de Gil e segurou-a.



Ele olhou para ela cuidadosamente.

—É um convite?- ele perguntou.

Ela sorriu para ele.

—O que você acha? - ela perguntou em seu tom mais rouco.

Ele puxou-a para perto dele e aconchegou a sob seu braço.

—Eu acho que é a minha noite de sorte. Esperei muito tempo por uma luz verde sua.

—O que você está recebendo é um amarelo - ela disse calmamente.

—Vá com cuidado? - ele brincou. — Por mim tudo bem, querida, não tenho pressa de qualquer maneira. Não vou apressá-la.

As palavras provocaram uma lembrança que não queria, a lentidão das carícias de Cole, os beijos quentes, firmes e devastadores contra sua boca, o domínio doloroso de suas mãos em seu corpo macio...

—Vamos dançar! - ela disse de repente.

—Mas é meia-noite! - ele protestou.

—Há uma discoteca do outro lado da rua. Vamos - ela pediu fazendo biquinho. — Viva um pouco.

—Deus ajude meus pobres e velhos ossos, vou dar-lhes uma chance. Vamos lá, garota atrevida, me guie! - Ele riu, enquanto ela o arrastava com ela.

A primavera estava transformando o verde da grama no pasto e a reunião do gado em Big Spur tinha apenas começado quando a Sra. Jones levou a caminhonete para perto do curral para encontrar Cole.

—Deve ser algo importante para colocá-la atrás do volante de um carro - ele comentou com um leve sorriso enquanto estudava a matrona de cabelos grisalhos.

—Sim, senhor, que é - Dessie Jones concordou, fazendo caretas ao volante. — Aquele homem, Andrews, está lá em casa esperando para ver você e eu não podia mandar qualquer um te avisar pelo rádio.

—Andrews - ele murmurou. — O advogado da minha mãe?

—O mesmo.

—Chega para lá Dessie, vou levá-la de volta.

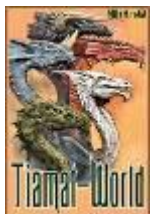
—Oh, vai mesmo? - Ela perguntou, deslocando seu corpo volumoso para o lado do passageiro. — Eu odeio essas engenhocas mecânicas.

—Vou me lembrar disso, da próxima vez que me pedir um novo processador de alimentos para a cozinha - ele disse colocando a caminhonete em movimento.

—Oh, ora, Sr. Cole! - ela protestou.

Eles estavam de volta a casa em pouco tempo e Cole subiu dois degraus de cada vez, pensando impacientemente no que Andrews poderia querer. O testamento já tinha sido lido há muito tempo, certamente ele não tinha encontrado um novo!

Bob Andrews parecia mais despenteado e distraído do que nunca. Ele se levantou quando Cole entrou na sala e estendeu a mão.



—É bom vê-lo, Cole - ele disse amavelmente. — Desculpe por vir em um momento tão ruim. Cole jogou seu chapéu no bar e estendeu a mão para os copos.

—Eu precisava de um intervalo - ele respondeu. — Aceita uma bebida?

—Uísque com gelo para mim, obrigado. Foi uma viagem longa e seca.

O homem mais velho se juntou a ele em um banquinho do bar e sentaram-se tomando suas bebidas antes de Andrews abrir sua maleta, se atrapalhou um pouco e mostrou um envelope.

Colocou-o sobre a superfície lisa de vidro do bar.

—Eu fui extremamente negligente com isso - ele disse — E não vou te culpar se você quiser dar um soco em mim. Emma me fez prometer que daria a você o mais rapidamente possível após sua morte, mas para dizer a verdade, ficou perdido no meu escritório e só apareceu uma semana atrás. Eu não achei que fosse algo muito urgente, mas no caso de ser, vim logo que pude.

Cole estudou o envelope branco. Seu nome estava escrito nele com a letra de Emma e estava lacrado.

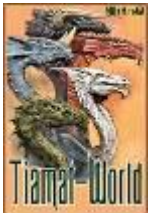
—Quando ela te deu isso? - ele perguntou calmamente.

—Um dia antes de você deixar Nassau - ele respondeu. — Veio ao meu escritório à tarde, muito triste, diferente de como Emma costumava ser. Ela disse que tinha ido ao médico pela manhã e queria ter certeza que seu testamento estava em ordem. Perguntei se alguma coisa estava errada e ela apenas sorriu e fez pouco caso. Mas, aparentemente, tinha algum tipo de premonição.

—Aparentemente. Cole tomou outro gole de sua bebida e rasgou o envelope. Dentro havia uma folha de papel datilografado. Lembrou-se com um sorriso melancólico, como Emma digitava as letras usando apenas um dedo. Ela não confiava em sua caligrafia, mas levava uma eternidade para escrever uma frase na máquina. Enquanto ele desdobrava o papel e começava a ler, seus olhos prateados se estreitaram.

—Caro Cole - Emma tinha escrito: — *Eu fui ver meu médico e ele disse que minha indigestão na verdade é insuficiência cardíaca.* - As sobranças de Cole se ergueram. — *Tenho muito pouco tempo, ele disse. Eu não tenho medo de morrer, meu querido, mas quero saber que minhas coisas estão em ordem, no caso de acontecer mais cedo do que eu esperava.*

—*Em primeiro lugar - ela continuou — Eu quero explicar por que deixei metade dos bens para Heather. Big Spur foi de Jed Shaw, antes de ser sua ou minha e Heather teria tudo isso provavelmente. Mas você teve muito trabalho em erguê-la e eu não acho que ela se importaria de deixar uma parte disso para você. Ela não gostaria de ser dependente de você financeiramente e essa é a outra razão pela qual eu dividi o rancho entre vocês. Mas o meu maior motivo é que eu estou dando o meu melhor para bancar o cupido. Não consigo pensar em nada que me agradasse mais do que você e Heather descobrirem que se amam. Tive esse tipo de amor com seu pai, Cole. Nunca houve ninguém que pudesse se igualar a Big Jace, nem mesmo Jed Shaw. Eu gostava de Jed do meu jeito, mas tudo que pude dar a ele foram as migalhas que sobraram do meu primeiro casamento e temo que ele saiba disso.*



—Big Jace era o único homem para mim. Exatamente como eu era a única mulher para ele. Nunca deixe ninguém lhe dizer que havia algo acontecendo entre ele e Deidre Shaw. Muita gente sabia que flertava com seu pai. Mas te dou minha palavra de honra que não aconteceu nada, nunca. Eu saberia se tivesse acontecido. Jace me amou até morrer e nunca houve outra mulher. Tampouco houve qualquer tipo de relacionamento entre mim e Jed Shaw, antes de nos casarmos. Apressei o casamento com ele mais pelo bem de Heather do que o meu. Eu poderia ter vivido com a memória de Big Jace para o resto da minha vida e teria sido mais que suficiente.

A mão de Cole sacudiu a página e seus olhos brilharam descontroladamente.

—Claro, que eu não quero obrigar nenhum de vocês a nada. Heather pode não estar apaixonada por você ou vice-versa. Nesse caso, fiz a coisa certa ao proporcionar-lhe independência financeira. Claro, se as coisas funcionarem, não será um problema vocês terão a fazenda juntos. Seja gentil com ela, Cole, aconteça o que acontecer. Ela adora você. Não sofra por mim. Vou ficar com Jason novamente, onde ele estiver, que será o céu. Eu te amo. Mãe.

Cole fechou os olhos em uma onda de dor tão intensa que sentiu seus joelhos dobrarem. Se esta carta dizia a verdade e é claro que dizia, ele tinha afastado Heather por nada. Por nada, maldita Tessa!

—Você está bem? - Andrews perguntou cautelosamente.

Cole abriu os olhos, o rosto pálido e rígido, seu corpo congelado. Ele pegou sua bebida e tomou o copo com um trago rápido.

—Eu tenho a horrível impressão de que causei algum desastre - murmurou Andrews arrependido.

—Chame de destino - Cole levantou-se, esmagando a carta na mão delgada e forte.

Depois de levar o advogado até a porta, marchou para a cozinha, os olhos lançando faíscas, uma expressão no rosto que a Sra. Jones não tinha visto em anos.

—Eu preciso te perguntar uma coisa - ele disse sem preâmbulo, observando suas mãos hábeis parar no meio de cortar as cebolas para o quiche que ela estava fazendo.

—Sim, senhor? - ela respondeu.

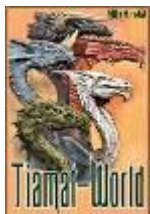
—Você me disse uma vez que suspeitava de que algo estava acontecendo entre o meu pai e Deidre Shaw...

—Céus, não! - Ela engoliu em seco, horrorizada.

Ele piscou.

—Você disse que meu pai não poderia evitá-la...

—Ele não podia deixar que a Sra. Shaw o caçasse - ela respondeu rapidamente. — Eu pensei que você sabia sobre aquela noite, quando ele ameaçou contar ao marido o que ela estava fazendo, Sr. Cole. Era uma época em que o Sr. Shaw estava ausente. Ela inventava vários motivos para trazer o Sr. Everett para Big Spur. Ela estava se jogando aos seus pés quando eu entrei. Seu pai, que Deus o abençoe, estava quase roxo de raiva. Ele informou-lhe em termos claros que amava sua esposa e não queria nada com ela. - Ela assistiu toda rigidez abandoná-lo, para ser substituída por uma tristeza negra, que era mais doloroso ainda de se ver.



—Eu não podia contar a ninguém - ela acrescentou impotente.

—Não, claro que não. - Ele deu de ombros. — Agradeço por ter me contado a verdade.

—Há algo de errado? Por isso o Sr. Andrews veio aqui? Se você não se importa que eu pergunte.

—Sim, algo está muito errado - ele concordou. — Só espero que eu possa consertar tudo.

Dois dias depois, ele se sentou na plateia no clube em New Orleans, onde Heather e a *Red Rhythm Band* estavam se apresentando e a viu cantar melhor do que nunca uma canção de rock suave com um profissionalismo que não possuía antes do acidente. Ele não gostou do corte de cabelo curto, ela estava informal, mas sua nova imagem sofisticada atraía seus olhos. Ela era obviamente uma mulher agora, não a criança que tinha fugido dele.

Ele estudou seu corpo esguio. Ela usava um vestido prata que se agarrava a cada curva suave e Cole sabia que ela estava enfeitiçando todos os homens na plateia. Sua voz estava melhor do que nunca, assombrosa, encantadora e ele poderia facilmente entender sua crescente fama. Este clube, o mais exclusivo em Nova Orleans, seria a sua última parada antes que ela voltasse para Houston.

Ele viera para lhe fazer uma proposta que tinha em mente. Ele se mexeu inquieto em seu terno escuro e elegante de noite, sentindo-se desconfortável. Ele não o tinha vestido durante algum tempo, desde a última vez em que tinha visto Heather e ficaria feliz em ter trocado o terno por uma calça e camisa jeans. Ele tinha exigido muito de si ultimamente, trabalhando mais horas do que o necessário para ajudar os homens a arrebanhar o gado, mas ele precisava de atividade física pesada. Ficar sentado em seu escritório no centro da cidade não era o suficiente para manter sua mente ocupada.

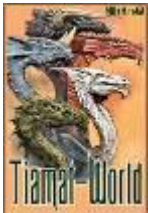
Seu coração balançou com a magreza do corpo de Heather. Ela tinha perdido peso, muito peso e seu rosto estava preocupado sob a maquiagem. Seu maxilar ficou rígido quando se lembrou do que tinha dito a ela pela última vez. Ele se perguntou se ela seria capaz de perdoá-lo, mesmo sabendo que nunca poderia dizer-lhe o que ele tinha pensado ou porque ele tinha agido assim. Seu orgulho não deixaria.

Heather, alheia a tudo menos a música que cantava, proferiu as últimas palavras comoventes e em seguida, curvou-se sob os holofotes enquanto Charlie conduzia a banda para a canção tema, *Diabo em fitas e rendas*. Ela virou-se, soprando um beijo para a banda e em seguida para o público que aplaudiu freneticamente, antes que ela fosse para os bastidores.

Ela se sentiu só quando fechou a porta do camarim atrás de si. Gil tinha voltado para Houston e ela sentia terrivelmente sua falta. Nada havia mudado realmente em seu relacionamento, mas ele era um bom amigo e ela gostava de sua companhia borbulhante. Agora que ele não estava por perto, ela não tinha nada para fazer. New Orleans era uma cidade adorável à noite, mas não para uma mulher sozinha. Ela voltaria para seu quarto de hotel, olharia para as paredes, beberia muito café preto e dormiria muito pouco, como de costume.

Uma batida suave na porta a trouxe de sua depressão.

—Entre, está aberta! - ela disse com alegria forçada.



A porta se abriu e seu coração deu um salto duplo no peito quando viu Cole de pé atrás dela no espelho, vestido em traje de noite escuro que enfatizava a sua masculinidade rude. Seu rosto estava mais duro do que ela se lembrava, os olhos brilhantes. Mas a expressão em seu rosto moreno não demonstrava o que ele estava sentindo. Até aquele momento, achava que poderia ser como ele, que poderiam estar na mesma sala e ela não sentiria nada. Mas sua respiração já estava ofegante e ela sabia que suas mãos tremeriam se não estivessem firmemente pousadas no colo.

—Olá, Cole – conseguiu dizer calmamente.

Ele correu os olhos sobre ela em um processo lento, atrevidamente minucioso que fez seu pulso disparar.

—Olá.

Ela levantou o rosto com orgulho.

—Há algo de errado na fazenda? - Ela perguntou com enganosa frieza. — Eu não ficaria lisonjeada por você vir de tão longe só para me ver.

—Por que não? - Ele perguntou.

Ela sorriu alegremente e voltou para o espelho para passar o creme em seu rosto.

—Eu não preciso te dizer. Você deixou bem claro que não me queria por perto, lembra?

Ele fechou os olhos brevemente, mas ela perdeu o seu momento de angústia, porque não conseguia se obrigar a olhar para ele.

—Onde está Austin? - Ele perguntou incisivamente. — Ele está com você?

—Você não tem o direito de me perguntar isso - disse a ele confiante com um olhar faiscante.

—Provavelmente não. - Ele acendeu um cigarro com movimentos rápidos e abruptos. — Ele não saiu em turnê contigo. Você mentiu sobre isso.

—Claro. - Ela riu. — Eu minto e me atiro para os homens.

—Oh, Deus, não! - Ele girou sobre os calcanhares para olhar a escuridão pela janela, as costas rígidas com a dor.

Ela encolheu os ombros, intrigada com o seu comportamento estranho, mas estava sob controle agora e não queria perdê-lo. Cole significava sofrimento e ela não queria mais isso.

—Você ainda não me contou por que veio - ela comentou.

Ele deu uma longa tragada no cigarro.

—Você tem um período de férias, após esta apresentação, não é? - Ele perguntou. Seus olhos escureceram um pouco, mas seu rosto era tão impassível como sempre.

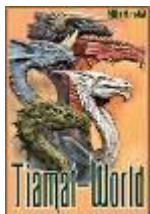
Ela olhou-o com cautela.

—Sim. Por quê?

—Por que você não o passa na fazenda? - Ele perguntou despreocupadamente.

Ela hesitou como se ele a tivesse golpeado e uma onda de emoção indefinível o atingiu quando percebeu sua reação involuntária. Ela baixou os olhos.

—Eu não sou bem-vinda – lembrou- o.



—Heather, pelo amor de Deus...! - Ele explodiu.

Seus olhos pálidos ergueram-se, serenamente frios.

—Você não vai me atingir novamente, Cole, nem Tessa. Eu já tive o suficiente de vocês. Talvez você convenientemente tenha esquecido o que me disse da última vez que veio em uma das minhas apresentações, mas eu vou viver e morrer tentando esquecer. Você me deixou em pedaços naquela noite. Não vou lhe dar uma segunda chance.

Ele congelou com as palavras, franzindo a testa, seus olhos se estreitaram.

—Tessa está em Paris - disse através dos lábios cerrados, sua expressão indecifrável.

—Que terrível para você - ela respondeu. — Você me quer como substituta? Eu nunca gostei de ser a segunda opção, apesar do que você pensa de mim.

—Você não sabe o que eu penso - ele disse calmamente.

—Não? - Sua voz suave era amarga. Ela pegou alguns lenços e retirou o creme e a maquiagem do rosto em um movimento suave. — Você deixou bem claro, não foi?

—As circunstâncias podem levar as pessoas a fazer um monte de malditas coisas estranhas, Heather - ele lembrou.

Ela sequer respondeu. As memórias a magoavam muito.

—Eu não estou te convidando para minha cama - ele rosnou. — Estou oferecendo um lugar tranquilo para descansar, isso é tudo. Ponto final.

Ela suspirou profundamente. Isso era tudo o que tinha para lhe oferecer e ela sabia disso.

—Não acho que seria uma boa ideia.

—Maldição! - ele explodiu. Ele deu uma exasperada tragada no cigarro e seus lábios se juntaram numa linha fina. — Você sempre foi teimosa ou tem treinado?

—Olha quem está falando - ela respondeu suavemente. As palavras saíram inconscientemente e deu um leve sorriso. Ele prendeu a respiração com a luz em seu lindo rosto, enquanto olhava para o outro lado do quarto.

Ela afastou os olhos daquele olhar intenso, confusa por sua expressão.

—Será que a doce Tessa estará lá? - Ela perguntou.

Ele olhou para as costas eretas.

—Não.

—Posso levar Gil?

—Para quê? - Ele rosnou. — Não preciso de um comediante.

Ela se virou.

—Por que você quer que eu vá?

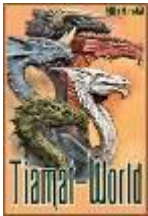
Ele girou sobre os calcanhares e esmagou o cigarro.

—Deus sabe - ele murmurou com um suspiro. — Esqueça.

—Cole?

—O quê! - ele grunhiu.

Ela estudou o silêncio, tentando entender essa nova atitude. Ele a queria em casa e era irritante para ele que tivesse que pedir isso a ela – era muita exposição. Ele preferia mandar,



foram-se os dias em que ele podia comandá-la para fazer qualquer coisa e ele sabia disso. O conhecimento era evidente em sua testa franzida e maxilar cerrado. Ele não gostava de sua independência e ela estava repentinamente grata por não depender financeiramente dele. Cole podia ser um tirano com seu gênio.

—Cole, eu não aguento mais seu abuso - ela disse calmamente. Seus olhos mostraram a velha ferida por um instante antes que ela pudesse disfarçar e ele notou. — Eu estou estressada por isso. Eu não acho que tenha realmente superado sua última visita. Você mesmo disse, você tem o seu rancho e eu tenho a minha carreira. Eu acho melhor para ambos que nossos caminhos continuem separados.

—Você acha? - Ele perguntou em um tom baixo. Seus olhos brilhavam e ele deu um passo deliberado em sua direção.

Ela se afastou dele, toda a compostura abandonando-a, seus olhos selvagens, os lábios tremendo.

—Não!

Ele congelou onde estava, com um suspiro profundo.

—Oh, meu Deus, não me olhe assim - ele sussurrou.

—Não me toque - ela respirava de maneira ofegante. — Nunca.

—Eu não vou chegar mais perto, querida - ele disse delicadamente, como se estivesse falando para um potro assustado. — Está tudo bem, não vou te machucar.

Ela prendeu o lábio inferior entre os dentes e olhou para ele, respirando rapidamente. Se ele chegasse mais perto, gritaria por ajuda. Ela não sabia o que aconteceria, se ele a tomasse em seus braços e não queria descobrir. Ele era um capítulo encerrado em sua vida. Ela queria deixá-lo assim. Seu coração não sobreviveria a mais uma dose de Cole.

Ele a olhou como se ela o golpeasse no rosto, mas não revidou.

—Talvez seja cedo demais - ele murmurou, seus olhos estudando o rosto duro. — Sou impaciente - acrescentou com uma insinuação de sorriso. — Nunca foi fácil para mim esperar as coisas.

Ela relaxou um pouco. Seu corpo parecia cair contra a parede, enquanto sua mente tentava achar algum sentido para seu comentário.

—Venha para casa comigo - ele disse suavemente. — Traga o maldito jornalista se você quiser - acrescentou ríspidamente.

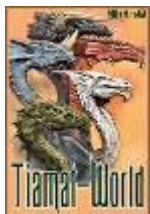
Ela respirou lentamente. A fazenda lhe daria a oportunidade de descansar um pouco, longe de telefones, fãs e agentes... Ela olhou para Cole, mas seu rosto estava indecifrável. Se ela levasse Gil, estaria a salvo de Cole. E era o que ela queria, não era?

—Tudo bem - ela disse suavemente, olhando para ele e depois se afastando. — Nós vamos - ela concordou na esperança de Gil não se importar.

A boca de Cole se transformou em um sorriso estranhamente enigmático.

—Vou te levar para cavalgar.

—Gil e eu gostaremos disso - ela disse deliberadamente.



—Veremos. - Ele virou as costas, parando na porta. — Na próxima semana? Que dia? Sexta-feira? - Ele balançou a cabeça. — Pegue um voo para Vitória. Vou buscá-los, de carro ou avião, se os meninos não precisarem dele para arrebanhar o gado.

—Não é mais feito por terra? - Ela perguntou curiosa.

—Há duas áreas que eu não tenho verificado, há algum tempo. É uma fazenda grande, querida – ele a lembrou.

—Eu me lembro.

Seus olhos se detiveram sobre ela uma última vez. — Sexta. E ele se foi, como Mefistófeles¹¹, presunçoso por ter feito tudo do seu jeito. E Heather estava mais confusa que nunca. Como iria lidar com Cole e Gil, ao mesmo tempo? Seria como passar umas férias no meio de duas tribos.

Ela se levantou e começou a se vestir. Tinha que ligar para Gil e contar onde ela os tinha enfiado.

CAPÍTULO 10

Dizer que Gil estava chateado era um eufemismo.

—Você tinha que nos obrigar a isso? - Resmungou olhando para ela acusadoramente. — Eu queria levá-la à casa dos meus pais em West Palm Beach esta semana.

Ela ficou chocada. Não tinha percebido que as coisas estavam indo tão rápido e embora se submetesse docilmente, quando Gil a beijava, ela nunca tinha sido capaz de corresponder a sua paixão. Ela não imaginava que ele estivesse levando tão sério e seu espírito recusava um envolvimento. Ela não queria laços. Isso era uma coisa que tinha aprendido com Cole, não deixar as pessoas se aproximarem. Não iria se machucar desse jeito.

—Gil, você deveria ter me falado sobre isso - ela respondeu suavemente.

Ele fez uma careta.

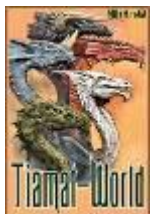
—Eu queria, mas não sabia como você reagiria. - Seus olhos verdes estreitaram-se em seu rosto. — Heather, quero me casar com você.

Seus lábios macios se separaram. Ela não sabia como lidar com isso sem ferir seus sentimentos. Mas demonstrou sua relutância e ele franziu a testa.

—Não vai, né? - Perguntou. Ele suspirou e forçou um sorriso. — Ok, eu vou te dar mais tempo. Depois não diga que eu escorreguei por seus dedos. Basta olhar para mim e ver o bom negócio que você estaria fazendo. Sou bonito, espirituoso, inteligente e tenho todos os dentes!

Ela riu, apesar de tudo.

¹¹ Mefistófeles é o nome de uma entidade diabólica nascida durante a Era Medieval, e apresentada como uma das manifestações do mal, companheiro de Lúcifer, seu assessor na apreensão de almas aparentemente puras. Em muitas tradições culturais este ser é associado ao próprio Diabo. Ao longo do período renascentista ele era chamado de Mefostófiles.



—Eu gosto tanto de você - disse a ele. — Mas não me apresse, ok? Não estou pronta para conhecer seus pais e começar a procurar uma casa no campo. Estou apenas aprendendo como ser independente. Deixe-me desfrutar disso por alguns anos .

Ele deu de ombros.

—Eu não vou desistir - avisou.

—Tudo bem – ela sorriu. — Vai para Big Spur comigo?

—Parece que terei que ir – disse a ela. — Se Everett está atrás de você.

Ela corou.

—Ele não está atrás de mim.

—Não? Por que ele voou até Nova Orleans para vê-la quando sabia que você estaria de volta a Houston hoje? - Ele perguntou abruptamente.

—Eu não sei.

—Não?

—Gil, pare com isso! - Ela explodiu com os olhos em chamas. — Cole é parte da minha vida, assim como Big Spur e sou proprietária de metade da fazenda. Não posso virar as costas para nenhum deles. Não me peça isso.

—Eu vi a maneira como ele olha para você - ele observou e por um instante, seus olhos verdes não eram tão gentis. — Como se você fosse um dos seus bens. Uma jóia brilhante para segurar em sua mão.

—Cole encara tudo na sua vida assim - ela disse. — É o jeito dele.

—Mas você não lhe pertence mais - protestou Gil.

Ela se afastou dos seus olhos acusadores.

—Estou com fome. Que tal me pagar um peixe no restaurante da esquina?

Ele hesitou, deixando todo o antagonismo sair dele com um suspiro áspero. Ele passou a mão por seu cabelo loiro com irritação.

—Ok. Vamos ao peixe.

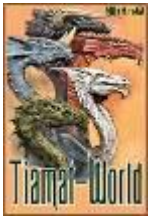
Ela estava pronta para ir de manhã cedo, com uma sensação de antecipação, bem como algumas dúvidas sobre a viagem. Ela não queria ir. Mas parte dela enfraquecia ao pensar no tempo que teria com Cole. Estar ao seu redor por alguns dias, observando-o, escutando a sua voz profunda até tarde da noite... a fome por ele tinha começado de novo, como uma suave melodia crescendo no seu sangue, ecoando apesar de seus esforços para silenciá-lo.

Ela estava esperando Gil buscá-la, quando o telefone tocou e sua fisionomia mudava enquanto ouvia.

—Nós temos que estar em Miami às seis horas dessa noite - Charlie estava dizendo. — Sinto muito, querida, sei que você estava ansiosa por essa folga, mas este show não podia ser cancelado – e ele murmurou rapidamente. — Você entende?

—Entendo - ela murmurou o desapontamento em sua voz suave. — Já estou com a bagagem pronta, vou encontrá-lo no aeroporto. Tudo bem?

—Ok, querida. Desculpe - ele disse novamente. — Mas é só por uma semana, prometo.



Ela ligou para Gil em seu apartamento para lhe dar a notícia.

—Que terrível para Everett. - Ele riu amargamente. — Você nem imagina a coincidência. Fui mandado para Nova York para cobrir uma história que alguém já estava programado para cobrir. Que conveniente, não? Você teria ido para Brannville sozinha.

Ela corou.

—Cole não teria feito isso – garantiu a ele. — Ele não seria tão dissimulado.

—Quer apostar? Pergunte a ele - desafiou.

Ela ligou para Cole, seus sentidos acelerando quando ouviu sua voz grave do outro lado da linha.

—Não poderei ir - ela disse sem rodeios. — Charlie aceitou um contrato de uma semana no Coco em Miami. Estamos a caminho no momento.

Houve uma maldição abafada.

—Por que agora? - Ele acrescentou. — Maldição, você está exigindo demais de si mesma, já está quase pele e osso.

Ela sabia que era verdade, estava sentindo os efeitos da pressão, mas não tinha escolha. — Cole, você enviou Gil para Nova York? - Ela perguntou.

Houve uma breve hesitação.

—Sim – disse. Ele nunca tinha mentido para ela. Ela sabia que ele nunca mentiria, mesmo que houvesse uma certa tensão entre eles.

—Isso foi dissimulado - ela disse com frieza.

—Os homens fazem coisas desleais quando estão desesperados, querida - ele respondeu pesadamente. — Eu a queria de qualquer jeito.

—Isso é triste, porque eu nunca vou concordar em voltar - disse a ele categoricamente.— Eu falei com Gil e isso significa com Gil. Eu não vou ficar em Big Spur sozinha com você!

—Com medo de mim, querida? - Murmurou sensualmente.

—Não nessa vida! - Ela respondeu.

Mas ele apenas riu.

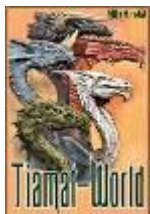
—Ficarei em contato.

—Não se preocupe. Eu não irei !

—Veremos.

Ela desligou o telefone sem se despedir.

Miami era extremamente quente, mas as noites eram frias, especialmente no trecho de praia privada, onde Heather gostava de passear tarde da noite. Ela olhou por cima do ombro em direção a Collins Avenue e para os hotéis de luxo que se alinhavam na praia. Ela ia para lá depois de cada apresentação para ficar longe das luzes brilhantes, barulho e cheiro de álcool. Ela queria Big Spur. Queria Cole. Queria correr para seus braços e queria que ele a abraçasse, desejando-a, querendo-a de novo como em Nassau. Ela queria estar segura em seus braços e nunca deixá-lo. Queria se sentar ao lado dele no grande gramado no verão e ver as crianças brincarem. A vida sem Cole era sem cor e Gil não fazia diferença. Ela estava sozinha, sem Cole. Sozinha, dolorida e ferida.



Ela não se preocupou em usar um agasalho e estava descalça. Quando chegou em seu quarto, estava espirrando. Na manhã seguinte, ela mal conseguia sair da cama e sua garganta parecia em carne viva. Ela não se atreveu a dizer a Charlie o que tinha feito, porque ele nunca a deixaria entrar no palco. E esta era a última noite desse contrato. Ela se propôs a cumpri-lo de qualquer jeito.

Ela gargarejou com enxaguatório, tomou duas aspirinas, não comeu nada e subiu ao palco. Ela usava um vestido preto simples e um sorriso pregado, com um rubor no rosto que não era nada além de febre. Ela caminhou sob os refletores quando foi chamada, empoleirando-se no banco, começou a cantar... e caiu.

Quando voltou a si, depois de uma longa noite de sonhos estranhos com pessoas correndo e vozes chamando, ela abriu os olhos no seu próprio quarto em Big Spur.

Foi um choque se encontrar lá e ela se perguntou por um instante, se estava sonhando ... até que virou a cabeça e encontrou um par de olhos pratas injetados olhando fixamente para ela.

—De volta do mundo dos mortos? - Cole perguntou com um leve sorriso.

—Onde está Gil? - Ela perguntou com firmeza. — E o que estou fazendo aqui?

Seus olhos brilharam na primeira pergunta, mas sua voz estava controlada, calma.

—Eu não dou a mínima para onde ele está - ele disse recostando-se na cadeira, camisa de algodão azul pálido aberta no pescoço, seu cabelo escuro despenteado. — O líder da sua banda me ligou de Miami e contou o que aconteceu. Voei até lá e trouxe você para casa.

Ela o estudou o silêncio. Ele parecia que não tinha saído e nem dormido a noite toda, mas estava tão bonito como sempre, todo másculo.

—Eu estive fora por muito tempo? - Ela perguntou sonolenta.

—Dois dias, mais ou menos. Quer algo frio para beber?

—Qualquer coisa - ela disse com um sorriso fraco.

—Chá gelado, então. - Ele levantou um copo de um balde de gelo. Estava cheio de lascas de gelo e chá âmbar escuro. Ele entregou a ela.

Ela se sentou na cama para tomar e corou furiosamente quando percebeu que além de suas calcinhas, não vestia mais nada. Ela pegou o cobertor bem a tempo de salvar a sua modéstia.

Seus dedos ficaram brancos sobre o cobertor.

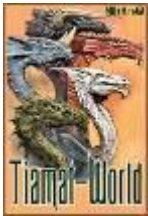
—Eu não tinha uma camisola? - Perguntou trêmula, com o pensamento dos olhos de Cole em seu corpo.

—Você estava suando, com febre - ele murmurou. — O médico em Miami, deu-lhe alguns comprimidos de antibióticos e uma injeção, mas o remédio estava demorando para fazer efeito e você tinha 40º de febre. Tive que passar a esponja em você, a cada quinze minutos. Era um desperdício de tempo tirar sua camisola o tempo todo.

Ela baixou os olhos envergonhada para a cama.

—Eu estava febril?

Ele balançou a cabeça.



—Você me deixou preocupado, Girassol - ele disse usando o velho apelido que ele tinha lhe dado em tempos mais felizes.

Ela bebeu o chá, olhando-o sobre a borda do copo. Seus olhos eram tranquilos e amáveis.

—Obrigado por cuidar de mim - ela disse depois de engolir o líquido frio e doce.

— Foi ...

—Se você disser “foi um prazer” vou bater em você - ela o interrompeu.

Um canto de sua boca cinzelada curvou-se.

—Isso é exatamente o que eu ia dizer. E por favor, tente me bater. Eu gostaria de assistir você sair dessa cama.

—Aposto que sim - ela disparou de volta, ruborizada.

—Você não tem nenhum negócio em Miami, em primeiro lugar - ele disse recostando-se na cadeira para estudá-la solenemente. — Você está esgotada. Muita pressão, muitas horas. Você nunca descansa.

—Quando você já descansou? - Ela perguntou incisivamente. — Se nós compararmos, você não parece o epítome da boa saúde, também.

Ele sorriu novamente.

—Eu tenho muitas preocupações.

—Você sempre teve. Nunca relaxa realmente – ela o lembrou.

Ele franziu a testa, a lembrança nublou os olhos de prata.

—Eu jamais poderia me dar ao luxo no começo - ele disse calmamente. — E então tornou-se um hábito.

—Conte-me sobre os primeiros anos, antes de você viver em Big Spur - ela murmurou, olhando para ele sobre seu copo de chá.

Ele riu baixinho.

—Eu não gosto muito de lembrar deles. Você nasceu para mobiliário antigo e serviços de prata. Meu pai trabalhou duro, mas o melhor que conseguiu foi um pequeno curral e um touro Brahma premiado que deixou os outros criadores verdes de inveja. Ironicamente foi um dos cavalos que lhe deu um começo e não aquele maldito touro.

— Emma disse que Big Jace o usou para produzir montarias para o circuito de rodeio.

Ele balançou a cabeça.

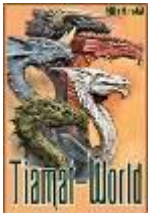
—Era um desses que ele estava montando quando foi morto. Eu nunca esquecerei esse dia. Eu tinha levado mamãe na cidade e quando passamos pelo curral, perguntando do que se tratava todo aquele reboliço. Mamãe desmaiou.

—Lembro daquele touro Brahma grande. Papai costumava falar sobre ele o tempo todo, antes que ele e Emma se casassem - ela lembrou com um sorriso sonolento.

Ele balançou a cabeça.

—Ela o acusou de ter casado com ela por causa do touro. Ele era um campeão.

Os olhos dela acariciavam seu rosto duro, vendo os anos de luta refletidos nele naquele momento.



—Você nunca me falou disso antes - ela disse de repente.

—Você era uma criança, Heather – lembrou-a com um sorriso paciente.

—Você ainda está tentando me tratar como uma - ela pensou.

O sorriso deixou seu rosto.

—Não - ele disse. — Eu definitivamente não estou tentando tratá-la como uma criança.

Ela olhou para ele, seu coração bombeando freneticamente, os olhos arregalados e ansiosos.

—Você era uma criança linda - ele disse suavemente, seus olhos estudando-a, como se pudesse ver através da roupa de cama. — Você está ainda mais bonita agora. Tudo em você. Tão rosada e macia quanto uma pétala de rosa, tão perfeita como uma deusa - ele murmurou, parando seu olhar no ponto onde as mãos seguravam o cobertor para esconder sua nudez.

—Não posso suportar a ideia de você me tocar... assim, enquanto eu estava inconsciente! - Ela explodiu, as palavras saindo involuntariamente. Ela estava tonta com o pensamento de seus bonitos dedos em sua pele macia.

Algo brilhou nos olhos dele e ele levantou-se lentamente da cadeira, sua expressão dura. Ficou claro que ele tinha entendido mal suas palavras.

—Eu te dei mais do que o suficiente para você me odiar - ele disse pesadamente. — Mas nunca pensei que de repente, meu toque seria repulsivo para você. - Ele se virou e saiu pela porta. — A Sra. Jones está lá embaixo se você precisar de alguma coisa - ele disse, batendo a porta atrás dele, sem olhar para ela.

—Cole! - Ela gritou atrás dele.

Mas seus passos já estavam sumindo no corredor.

Ela deitou-se contra os travesseiros com um suspiro. Talvez tenha sido melhor assim, afinal. Se Cole soubesse como ela era vulnerável a ele, não ajudaria em nada.

Ele não a visitou novamente naquele dia e quando a Sra. Jones voltou para pegar os pratos do jantar, o rosto largo estava perturbado.

—Não comeu nada o dia todo - ela murmurou para Heather. — Avança em todo mundo que passa perto dele... Srta. Heather, ele age como um lobo velho com uma flecha atravessada na perna. Eu sei que ele estava preocupado com você em primeiro lugar e estive ao seu lado o tempo todo em que você esteve doente. Mas você está melhor agora. Porque ele não está?

Heather fechou os olhos por alguns instantes. Ela deve ter magoado-o. Cole nunca demonstrava nada, mas ela conhecia muito bem o seu humor.

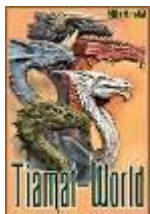
Ela jogou as cobertas para trás e ficou em pé. A camisola velha de algodão que ela encontrou em uma gaveta chegava quase nos tornozelos, disforme mas a cobria. Ela cambaleou até o armário, tirando um velho roupão de seda e envolveu o corpo magro nele.

—Eu vou vê-lo - disse a Sra. Jones.

—Você não deveria estar de pé.

Heather apenas sorriu.

—Eu nunca vou melhorar deitada. Tenho compromissos a cumprir e quanto mais cedo começar a me mover, mais rápido vou me curar.



—Não caia nos degraus - avisou a governanta, descendo-os primeiro para que se Heather caísse, ela a alcançasse.

—Não cairei.

Ela se segurou no corrimão de mogno polido enquanto descia e a Sra. Jones soltou um audível suspiro de alívio quando chegaram ao térreo. Ela bateu no ombro da mulher mais jovem e andou lentamente em direção à cozinha.

Heather fez uma pausa na entrada do escritório de Cole, batendo levemente na pesada porta de carvalho.

—Entre - ele rosnou.

Ela abriu a porta e entrou na sala escura, masculina, fechando a porta suavemente atrás de si ao olhar para o rosto fortemente alinhado do homem curvado sobre a mesa.

—Cole? - Ela chamou baixinho.

Ele levantou os olhos, com surpresa neles.

—O que você está fazendo aqui?

Ela olhou para ele, franzindo as sobrancelhas ligeiramente, enquanto tentava encontrar as palavras.

— Eu ... eu não queria dizer aquilo daquela maneira - ela gaguejou.

Ele piscou para ela.

—Você gostaria de tentar novamente? - Ele perguntou largando a caneta.

— O que ... o que eu disse lá em cima - ela murmurou. Ela apertou as costas contra a porta, olhando ele se levantar e vir em sua direção.

Ele parou na frente dela, com as mãos nos bolsos, sua camisa desabotoada descuidadamente sobre aquela cobertura de pelos escuros no peito bronzeado. Ele cheirava a colônia e sabonete e os seus olhos desamparados ergueram-se para o rosto barbeado.

—Você não quer que eu toque em você - ele disse calmamente. — Eu sei disso e não vou fazê-lo. Você não precisa se desculpar. Não se preocupe.

—Não era uma desculpa... exatamente - ela hesitou e suspirou cansadamente. — Eu estou tão cansada.

—Você não deveria estar aqui. É muito cedo.

Ela sorriu levemente.

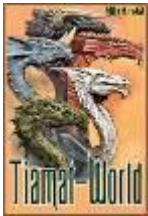
—Eu sei. Mas eu não poderia deixar você pensando que seu toque me repugna. Não é verdade e nunca mentimos um para o outro. Nunca.

Ele balançou a cabeça.

—O que você quer dizer? - Ele perguntou com os olhos semicerrados enquanto estudava seu rosto pálido.

Ela olhava para a frente, para seu peito forte. Seu coração estava angustiado.

—É... que fez me sentir estranha pensar em ser... ser tocada de maneira tão íntima... por você - ela conseguiu com uma voz fina e instável.



—Eu não toquei você do jeito que fiz em Nassau - ele murmurou. — Mas eu quero, Heather. Quero beijar cada centímetro macio seu, quero você acordada e olhando para mim enquanto isso acontece.

Suas palavras trouxeram imagens que fizeram tremer seus joelhos. Ela olhou para ele, medo e antecipação misturados em seus suaves olhos azuis.

—Oh. Heather - ele murmurou baixinho. — Eu te magoei de uma maneira que nunca quis. Vai levar tempo para as feridas se curarem, sei disso. Mas não me afaste, querida. Não me expulse de sua vida completamente. Se não pudermos fazer isso de nenhum outro jeito, então vamos voltar sete anos atrás e atar os laços. Eu não quero perder você de novo.

Ele pareceu solitário por um instante, mas ela achou que devia ser um truque de sua mente, porque seu rosto estava tão impassível como sempre.

—Então pare de tentar me manipular, Cole - ela confessou baixinho. — Eu não sou uma criança, tenho uma vida própria, uma carreira que quero muito. Permita-me o privilégio de ser eu mesma. Pare de me sobrecarregar com suas exigências.

Ele sorriu para ela.

—É isso que eu tenho feito? - Ele perguntou.

—A maior parte da minha vida - ela concordou com uma pitada de acidez. — Homem incorrigível.

Ele riu.

—Você é bonita mesmo incorrigível, Girassol - ele observou. — Então, agora estamos quites, combinado?

—Tudo bem - ela concordou.

Ele deu um suspiro longo e profundo.

—Você está exigindo muito de mim.

Seus olhos dançaram.

—Você não gostaria de ser acusado de machismo, agora, gostaria? - Ela brincou.

—Absolutamente não - ele respondeu rindo. — Venha, vou levá-la de volta para cima.

Ela o seguiu pela porta e subiu os degraus e ele ia lentamente, voltando-se a todo momento para se certificar que estava tudo bem. Ele a deixou na porta de seu quarto, seu rosto pensativo.

—Tenho um novo potro no celeiro. Se você estiver bem amanhã, vou levá-la para vê-lo — disse a ela.

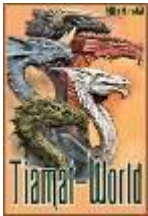
Seus olhos se iluminaram.

—Eu adoraria isso.

—Não muito cedo - ele disse. — Tenho uma reunião no escritório com um embalador de carne.

—Eu vou dormir até tarde. - Ela riu.

—Você precisa dormir cedo várias noites e acordar várias manhãs tarde para se livrar desses círculos sob seus olhos - ele disse suavemente. — E eu não gosto de ver tão pouca carne em seus ossos, também.



—Vou comer mais - ela prometeu virando-se.

—Durma bem, querida.

Foi um esforço entrar no celeiro e passear casualmente no corredor para ver o novo potro de Cole no seu estábulo impecável. Velhas recordações a assombravam.

Cole descansou a bota sobre as vigas e inclinou os antebraços no portão do estábulo para estudar a enferma criatura que entrava vacilante.

—Eu lhe dei o nome de Jackrabbit – disse a ela. — Ele tem orelhas e pernas compridas, combina com o nome.

—Sim, combina - ela admitiu com um sorriso.

Seu olhar voltou para a porta do celeiro e os olhos dele o seguiram.

—Parece que foi há muito tempo, não é? - Ele perguntou calmamente. — Eu fui muito rude, mas o que eu estava sentindo me deixou assim. Eu estava lutando contra isso por um longo tempo.

Ela desviou os olhos e deixou-os cair para o aglomerado de madeira no chão.

—Eu acho que tenho lutado com meus sentimentos por muito tempo.

Ele riu baixinho com a admissão.

—Eu fiquei com um humor negro nos dias seguintes. Você era tão jovem e eu estava consumido pela culpa. Odiei o que eu tinha feito. Mas no minuto em que a toquei novamente, todas as minhas boas intenções, foram direto pela janela e em Nassau...

Heather virou-se e encaminhou-se para a porta, seu coração enlouquecido. Ela não queria pensar em Nassau. Tinha sido demasiado devastador e até agora ela não podia confiar em Cole por causa disso. Sem saber por que ele tinha mudado de forma tão abrupta, ela não podia ter a certeza que não iria seduzi-la e em seguida, ser cruel mais uma vez. Ela não podia arriscar.

—Heather?

Ela parou, de costas para ele.

—Sim?

—Havia uma razão para a maneira como tratei você - ele disse calmamente. — Algum dia posso até ser capaz de contar o que era, mas nesse momento não serviria para nada.

—Você foi cruel, Cole.

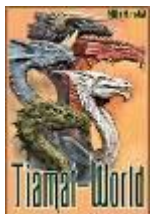
Houve uma longa pausa.

—Sim- ele concordou em um tom arrasado. — Eu pensei que tinha que ser.

—E eu achava que havia algo especial entre nós - ela sussurrou em um tom sufocado — mas você deixou muito claro que eu estava enganada!

—Oh, Deus - ele disse pesadamente. — Heather, não olhe para trás. As coisas estão muito tensas neste momento para trazer à tona todos os fantasmas. Vamos deixar o passado onde ele está agora.

Ela se virou e olhou para o corredor.



—Eu não posso. Eu me lembro muito claramente o quanto você me machucou, Cole e acho que nunca mais vou esquecer. - Ela virou-se e caminhou para fora do celeiro, parando na cerca branca para olhar os cavalos empinando sobre as patas traseiras na grama verde.

Vários minutos se passaram antes que ele surgisse ao lado dela e falasse novamente, trazendo um tema neutro à conversação.

—Eu gostaria de criar gado aqui - ele disse, gesticulando para o longo trecho de terra que ia em direção ao horizonte.

—Poderíamos criar cavalos de corrida? - Ela perguntou.

Ele sorriu para ela.

—Você gostaria disso?

Ela encolheu os ombros.

—Eu gosto de cavalos.

—Se nós começássemos esse tipo de negócio, você teria que voltar para casa. Você não poderia passear pelo mundo em turnê. Eu teria que ter alguém para me ajudar a entreter os compradores. - Ele estendeu a mão e puxou uma mecha de seu cabelo curto. — Você não gostaria disso, não é?

Ela mordeu o lábio e lutou para se controlar. Apenas o leve toque de seus dedos a deixava tremula.

—Eu... Eu trabalhei muito duro para chegar onde estou.

—Eu sei - ele rosnou. — Deus me livre de você ter que viver sem aplausos e olhares lascivos masculinos!

—Cole! - Ela engasgou com a raiva em sua voz.

Ele deu um suspiro áspero.

—Eu sei, não estou sendo justo. Não me sinto particularmente justo. - Seus dedos pousaram em seu couro cabeludo, testando a textura macia dos seus cabelos sedosos. — Eu não gosto deles curtos assim - ele murmurou. — Em Nassau, eu me lembro de enredá-los em minhas mãos enquanto fazia amor com você...

Ela suspirou ofegante, tendo seus olhos cativados pelos dele, o coração batendo descontroladamente com emoção.

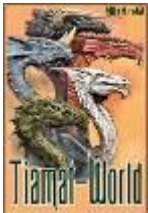
—Você se lembra como se sentiu? - Murmurou, aproximando-se tanto que ela podia sentir o calor ardente do seu corpo. — Pele contra a pele, com a brisa do Caribe soprando e o som das ondas... Você gemeu, mas não de dor, lembra?

Seus olhos estavam fechados.

—Oh, sim, eu me lembro - ela sussurrou dolorosamente — e eu não quero! Cole, isso não é justo.

—O que eu sinto não é justo - ele rosnou, esmagando-lhe a mão contra o peito largo. — Você está tentando me transformar em uma espécie de irmão mais velho, mas não vai funcionar, não quero esse tipo de relacionamento com você. Vamos direto ao ponto.

Seu coração estava disparado.



—O que... o que você quer?

Os dedos dele ergueram seu queixo e ele se inclinou, tomando sua boca com muita suavidade com seus lábios duros, saboreando-os suavemente, docemente, num beijo que não tinha nada de paixão. Ela podia sentir o calor de sua boca contra a dela, mas ele não tentou separar seus lábios ou aprofundar o beijo de qualquer maneira. Recuou segundos depois como se estivesse com medo de machucá-la, mesmo com a leve pressão.

—Isso é o que eu quero - ele disse calmamente.

Ela olhou para ele, os olhos cheios de sonhos despertos e medos silenciosos.

—Não me machuque novamente, Cole - ela sussurrou.

—Eu nunca vou te machucar de novo, Heather. Nunca. Dê-me uma segunda chance.

—Você está pedindo muito - ela suspirou.

—Eu sei disso. - Seu dedo indicador traçou a linha do lábio superior. — Eu borrei seu batom.

Ela procurou no seu bolso um lenço e limpou a boca enquanto caminhava ao lado dele em direção à casa. Ela olhou para ele, observando seu porte orgulhoso, a arrogância de seu nariz reto, os olhos brilhando. Ela não se cansava de olhar para ele.

Os dias foram passando agradavelmente. Cole não fez nenhum outro movimento em sua direção, mas conversavam como raramente tinham feito no passado. Ele a levava para cavalgar bem cedo todas as manhãs, paravam no rio, onde o nevoeiro subia da água.

Cole desmontou, ergueu-a da sela e eles ficaram juntos em uma grande árvore enraizada na beira da água.

—É tão calmo aqui - disse Heather sussurrando, não querendo perturbar o silêncio quase primitivo. — Como se nós fôssemos as duas únicas pessoas deixadas no mundo.

—Será que me seria bom se fôssemos? - Ele perguntou com ar pensativo, olhando através do nevoeiro o rio e mais além as árvores.

—O quê? - Ela perguntou, ouvindo apenas a metade do que ele havia dito.

Ele recostou-se contra o enorme tronco da árvore e jogou seu chapéu de aba larga ao lado dela no chão, para estudá-la.

—Mesmo com o cabelo curto e tudo mais - ele murmurou — você ainda é a mulher mais linda que já vi. Toda luz e cor.

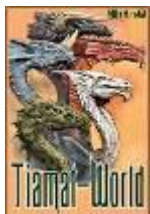
—Isso é apenas por fora, Cole - ela lembrou o. — O que aparento não é o que eu sou.

—Eu quis dizer isso como um elogio.

—Oh.

—Venha aqui, querida. - Ele pegou sua mão e puxou-a para frente dele, mas ela se virou. Segurando-a gentilmente pelos ombros, puxou-lhe as costas, os dedos apertando, quando ela se retraiu. — Não - ele disse e havia angústia em sua voz. — Pelo amor de Deus, não. Eu não vou te machucar.

Ela fechou os olhos, só para abri-los novamente com um suspiro cansado. Ela deixou seu corpo relaxar contra a força do dele enquanto observava a ondulação do nevoeiro no rio.



—Não estou acostumada a ser tocada – ela disse calmamente. Ela não queria ter deixado isso escapar, mas as palavras deslizaram pelos lábios apertados.

As mãos dele afrouxaram um pouco, mas permaneceram em seus braços, acolhedoras e confortáveis no frio da madrugada.

—Não estou muito acostumado comigo mesmo - admitiu. Seu peito subia e descia fortemente as suas costas. — Parece que faz anos desde a última vez que estivemos aqui. —Você tinha uns treze anos, naquele dia em que eu levei você e seus amigos para descer o rio em uma canoa, não tinha?

—E eu caí - ela recordou com uma risada. — Eu estava mais molhada e suja do que qualquer coisa. E você me arrastou para a margem, xingando, seus olhos querendo me matar... Puxa, você era assustador, Cole.

—Assustado, também - ele riu. — Eu pensei que tivesse te perdido... Heather - ele começou em um tom mais sério: — Eu não quero que você fique com medo de mim, nunca mais. Não podemos voltar para aquela noite na praia em Nassau, quando você veio para meus braços sem medo, como se ali fosse seu lugar?

Ela sentiu um tremor percorrê-la com as palavras que traziam de volta lembranças tão dolorosas. Seus olhos se fecharam involuntariamente.

—Eu não quero lembrar daquela noite - ela disse amargamente.

—Porquê? - Ele perguntou. — Foi lindo, Heather.

—Você sabe o porquê. Porque não significou nada para você. Eu não quero falar sobre isso! - Ela tentou se soltar de suas mãos. — Oh, me deixe ir, Cole!

—Eu não posso. - Ele virou-a e puxou-a rudemente para seus braços. — Toda a minha vida parece ter sumido na fumaça desde que fomos para as Bahamas, você sabia disso? Eu perdi tudo que sempre quis e parece que não há nenhuma maldita chance de recuperar algo.

—Você tem Tessa - ela disse com voz abafada pelo macio algodão da camisa.

—Eu não a tenho e não quero tê-la - ele disse firmemente. — Eu a coloquei para fora da fazenda um dia antes de eu te encontrar e prometi a ela que se alguma vez pusesse os pés em Big Spur, se arrependeria!

Ela congelou contra ele.

—Cole!

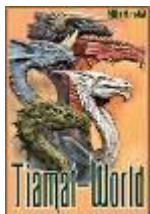
Seu rosto era como uma pedra, quando ela se afastou um pouco para olhar para ele.

—Porquê? - Ela perguntou.

—Eu não posso te dizer. Suas mãos subiram para tocar nos seus macios e curtos cabelos. — Mulher, eu tenho estado tão solitário sem você.

—Você tinha Big Spur – lembrou-o, tentando manter a sua voz calma.

—Conforto frio - resmungou. Ele traçou a linha suave de sua boca com um dedo, enquanto o rio borbulhava e espirrava ao longo das margens. Acima deles, as folhas farfalhando na brisa da manhã e o sol começava a brilhar na água. — Você poderia esquecer o passado, se eu pedisse



para você? - Murmurou suavemente. — Você poderia perdoar as coisas que eu disse e me deixar aproximar de você outra vez?

—Eu mudei... - ela começou.

—Nós dois mudamos - ele corrigiu. Seus olhos procuraram os dela. — Vamos devagar. Teremos que ir. Mas quero conhecê-la novamente. E Deus sabe, ficar aqui por algumas semanas, seria uma pausa necessária para você. - Seus lábios se comprimiram. — Ou você não pode viver sem o seu amado jornalista por muito tempo?

Ela não ia lhe dizer que nunca havia amado Gil Austin. Não suportaria que ele soubesse. — Eu posso viver sem ele – ela disse. Cole parecia mais velho, cansado. Involuntariamente, os dedos subiram para tocar as olheiras sob os olhos prata. — Você parece tão cansado - ela murmurou.

Ele pegou a mão dela e apertou sua palma suave contra seus lábios.

—Eu não tenho dormido bem - disse evasivo. — Fique comigo.

A maneira como ele se expressou fez seu pulso saltar inesperadamente. Ela se sentiu paralisada por dentro por tanto tempo, que foi um choque descobrir que havia deixado todas as emoções a tona.

—Eu vou ficar... por uma semana ou mais - ela concordou, finalmente.

Os olhos dele de repente desceram para sua boca.

—Não será em uma base estritamente platônica? - Ele murmurou, inclinando a cabeça morena.

Ela sentiu o hálito quente em sua boca e os lábios se entreabriram involuntariamente.

—Bem ... - ela sussurrou incerta.

—Talvez ... em uma base um pouco platônica? - Ele sussurrou, tocando levemente a boca dela. — Alguns beijos... muito suaves?

Suas palavras estavam embriagando-a.

—A ... alguns beijos? - Murmurou entorpecida, com os olhos em seus lábios entreabertos.

—Hummm - ele murmurou, movendo-se enquanto encostava as costas contra a árvore com seu corpo esguio descansando completamente contra o dele. Inclinou-se para roçar sua boca contra a dela preguiçosamente. Ele levantou a cabeça e estudou seu silêncio, olhando para o rio.

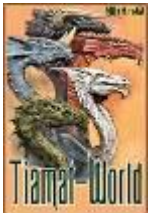
—Eu sempre amei este lugar - ele disse distraidamente. — Especialmente no início da manhã como agora, com a névoa subindo da água.

Ela olhou para ele, ouvindo apenas a metade das palavras, os olhos na boca firme dele, querendo-a contra a dela só mais uma vez.

Ele olhou para baixo e viu o olhar em seu rosto, um estranho e terno sorriso tocou seus lábios cinzelados.

—Confortável? - Murmurou profundamente, estudando a forma como ela estava meio deitada contra ele.

—Você está muito quente - ela sussurrou.



—Querida, você não sabe nem da metade. - Inclinou-se e ela esperou pela sua boca com uma fome que não sentia desde aquela noite em Nassau. Seus olhos olhando diretamente para ele enquanto suas bocas se encontravam, tocando, pressionando.

Ele recuou.

—Você gosta disso assim, não é? - Murmurou baixinho. — Lento e suave.

Ela tentou regular a respiração, sem sucesso.

—Você não gosta - ela sussurrou.

—Eu gosto de qualquer jeito se for com você - ele respondeu calmamente.

Ela sorriu para ele, deixando as barreiras caírem por um instante.

—Sorria para mim assim e eu mataria por você - ele murmurou, inclinando-se de novo, com a boca mais lenta dessa vez, a pressão um pouco mais forte, mais profunda. — Faz muito tempo desde quando a beijei - ele sussurrou contra seus lábios. — Eu pensei que nunca aconteceria novamente...

Ela abriu os olhos e olhou para ele.

—Porque, Cole? - Ela perguntou letargicamente.

Ele não respondeu, mas seu rosto parecia endurecer.

—Não importa. Vem cá.

Ele puxou-a para mais perto, sentindo seu corpo macio rendendo-se a ele sem luta. Os braços dele a estreitaram, até que sentisse cada centímetro de seu delicioso corpo contra o corpo poderoso dele e a beijou, como se nunca quisesse parar.

Ela podia sentir a fome nele e era quase tão grande quanto a sua. Fazia tempo, tanto tempo e por um instante esqueceu que não confiava nele, não ousava confiar nele e o beijou de volta com todo seu coração. Com um sentimento de admiração sentia seu corpo longo e duro contra o dela, a pressão quente de sua boca ardente.

Ele a sentiu tremer e recuou, respiração difícil, os olhos apertados em seu rosto corado.

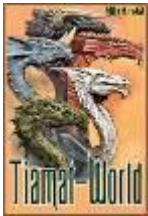
—Você nunca sentirá isso com outro homem - ele disse com voz rouca de emoção — assim como eu nunca senti isso com outra mulher. Mas você cortaria um braço antes de admitir isso, não é, Girassol?

Ela olhou para ele, impotente, odiando a sua própria fraqueza. Houve um momento de silêncio, quebrado apenas pelo som borbulhante do rio correndo e as aves saudando o sol nascente.

—Eu só não sei se posso confiar em você - ela murmurou baixinho, mordendo o lábio inferior.

Ela viu a dor em seus olhos antes que ele enterrasse o rosto em seu pescoço macio. Seus braços, tremendo ligeiramente, esmagou-a contra ele.

—Heather - ele suspirou. Ele fez de seu nome uma oração, um som doce que doía de saudade. — Você não acha que eu voltaria ao passado alguns meses se houvesse alguma forma humanamente possível de fazer isso? Oh, meu Deus, houve noites em que pensei que iria enlouquecer, quando me lembrava do seu toque, do som da sua voz rindo... Eu fui ao estábulo no



meio da noite, selei um cavalo e cavalguei. Mas não importava o quão longe eu fosse ou que ficasse acordado até tarde ou quanto trabalhasse duro, a sua lembrança permanecia comigo.

—Você me mandou embora - ela lembrou-o suavemente. A memória daquele dia terrível ainda pairava em seus tristes olhos claros, quando ela empurrou seu peito. — Deixe-me ir, por favor - ela disse em tom tenso.

Suas mãos a seguraram por um instante antes que ele relutantemente a deixasse ir. Seus olhos a seguiram enquanto ela ia até a beira do rio e se inclinava para pegar algumas pedras lisas.

—Então você não confia em mim - afirmou categoricamente, após um minuto.

Ela sentiu ligeiramente o aroma de fumaça e sabia que ele tinha acendido um cigarro antes mesmo que ele chegasse ao seu lado e ela visse seus dedos elegantes.

—Eu não posso ajudá-lo - ela murmurou. Ela jogou uma pedra no rio e olhou para seu perfil bem definido e rígido. — Cole, porque você não me diz o que aconteceu?

Ele se mexeu, flexionando os ombros largos, com um profundo suspiro antes que levasse o cigarro aos lábios cinzelados e a fitasse longamente.

—Foi apenas algo que eu descobri que... me fez acreditar que não havia futuro para nós.

Ela virou-se para estudá-lo, os olhos curiosos.

—Você realmente descobriu algo? - perguntou ela, pensativa. — Ou foi só por não gostar da ideia de estar preso a alguém? Você é uma pessoa reservada, Cole, a liberdade é como uma religião para você. Você não quer abrir mão disso.

Ele encontrou seus olhos e um canto de sua boca subiu.

—Há coisas piores do que perder a liberdade - ele disse calmamente.

As sobrancelhas dela se arquearam.

—Você é realmente Cole Everett ou um impostor tomou seu lugar?

Ele olhou para ela.

—Eu beijo como um impostor?

Ela sorriu e baixou os olhos para o seu peito largo.

—Estamos conversando sobre coisas sérias - ela murmurou com seriedade.

Ele riu baixinho.

—Deus, você mudou. Onde está aquela menina que eu costumava provocar?

Ela olhou para ele rapidamente.

—Em alguma boate escondida atrás de um o piano, eu acho. Sucesso é um caminho rápido para a maturidade, meu amigo - disse a ele. — Eu me sinto absolutamente velha às vezes.

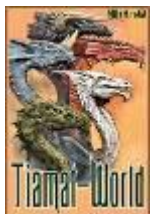
—Não parece. - Seus olhos corajosamente deslizaram por seu corpo, demorando-se nas curvas suaves dela. — É uma criatura incrivelmente sexy - ele murmurou.

—Olha quem fala - ela devolveu, flertando e adorando aquilo. Ela gostava de estar no mesmo nível que ele, tendo-o tratando-a como um adulto em vez de uma criança indefesa.

—Esse tipo de conversa vai colocar você em problemas - ele alertou.

—Que tipo de problemas? - Ela perguntou com um sorriso largo.

Ele apagou o cigarro com o calcanhar e foi em sua direção.



—Deixe eu te mostrar.

Ela riu e se esquivou dele, correndo de volta para os cavalos. Ele estava bem atrás dela, mas ela conseguiu montar na sela antes que ele a alcançasse.

—Covarde - ele murmurou com um sorriso.

Ela riu para ele.

—Pode apostar que sim. Eu sei tudo sobre você, homens que tomam as mulheres na floresta.

Ele riu.

—Por que você não desce do cavalo e discutimos isso?

—Eu prefiro ficar "por cima" - ela respondeu ironicamente.

Ele olhou para ela com brilhantes olhos prateados, tão bonito que ela queria descer para seus braços e sucumbir ao desejo que ambos estavam sentindo. Mas ela queria ter certeza durante esse tempo em que ela tinha se comprometido, antes de confiar nele novamente. Ela virou o cavalo com um olhar irônico em sua direção e esperou ele montar e o alcançou antes que eles deixassem o rio para trás. Agora, a névoa tinha sumido e o sol aquecia as margens.

CAPÍTULO 11

Se confiar em Cole era difícil, ficar com ele não era. Apesar de estar andado em uma corda bamba emocional, ele era o melhor dos companheiros. Falava sobre seus planos para Big Spur, seus sonhos e ela escutava interessada. Eles saíam para longas caminhadas e voltavam depois do café da manhã.

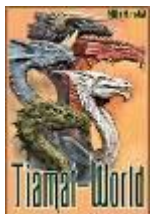
Ele estava dirigindo perto do curral, quando a chuva começou e ele virou a caminhonete de volta para casa.

—Tanta coisa para isso - ele riu. — Nós ficaremos com lama até os eixos, senão voltarmos para o cascalho.

Dirigiu, até que chegou o trecho de cascalho da estrada da fazenda, mas naquele instante a chuva começou a descer em baldes. Cole estacionou a caminhonete ao lado da estrada, desligou o motor e tirou o pé do freio.

A cabine do caminhão parecia tão íntima quanto um quarto com a cobertura da chuva para protegê-los dos olhos curiosos. E Cole, com os seus cabelos desgrehados, camisa jeans marcando toda a musculatura do peito poderoso e seu jeans agarrado nas linhas fortes de suas coxas, era tão atraente que ela não podia afastar os olhos para longe dele. Seu coração foi parar na garganta. Ela afastou os olhos para longe de seu olhar penetrante e de repente olhou pela janela a grande extensão de terra, pouco visível na chuva.

—Milho sortudo - ela murmurou suavemente. — Aposto que estavam rezando pela chuva.



—E meu gado também - ele respondeu. Puxou um cigarro do bolso, olhou em sua direção e de repente guardou-o. — Vou esperar até que eu possa abrir uma janela - ele murmurou. — Você ainda está um pouco rouca pela pneumonia.

—Você é muito atencioso - ela brincou.

—Não fui sempre. Ele se virou de lado para estudá-la, enquanto a chuva batia em um ritmo irregular contra o teto de metal. Seus olhos brilhavam possessivamente sobre seu corpo esguio. Em seu vestido de verão cor de rosa, com o seu corpete curto ela parecia extraordinariamente linda, o corte de cabelo curto acrescentando sofisticação ao seu porte. — Você é tão bonita - Cole murmurou. Ele estendeu a mão e tocou-lhe a boca com o dedo indicador, muito carinhoso. — Venha aqui. Eu quero sentir sua boca na minha.

Seu coração disparou. Ela olhou para ele, impotente até que ele a pegou pela cintura e colocou-a em seu colo. Sua cabeça inclinou para trás, naturalmente, sobre seu ombro enquanto ele a beijava.

—Cole... - ela murmurou sob seus lábios quentes e rudes.

—Shhh - ele sussurrou. — Nós não podemos falar e beijar ao mesmo tempo.

—Mas...

—Você não quer me beijar? - Murmurou baixinho, mordiscando seus lábios com ternura.

Ela cedeu e deixou o corpo relaxar em seus braços.

—Sim - ela admitiu com um gemido.

—Então me mostre - ele a encorajou, tocando e separando seus lábios.

Ela se estendeu e colocou os braços ao seu redor, correspondendo ao beijo tão ardentemente quanto ele, sentindo a textura ligeiramente áspera do seu rosto contra o dela.

—Aqui - ele sussurrou pressionando os dedos dela nos botões de sua camisa e em seguida, inclinando-se para trás para vê-la tatear as casas dos botões até abri-los.

Ele guiou seus dedos contra os músculos rígidos do seu peito, do seu abdome, olhando para seu rosto o tempo todo, como se as emoções gravadas nele o fascinassem.

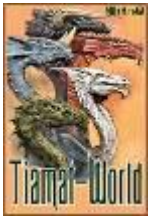
—Mmm - ele murmurou, seu prazer pela carícia era óbvio.

—Só não me apresse... - ela sussurrou.

—Quando eu fiz isso? - Ele perguntou calmamente. Passou a mão de sua bochecha para a clavícula, em seguida, para baixo ao longo do tecido macio que cobria os seios firmes. — Não, não tente me impedir - ele disse baixinho, ignorando os dedos que tentavam afastar as mãos invasoras. — Eu quero tocar em você tanto quanto você quer me tocar, e não há nenhuma razão lógica para eu não deva fazer isso. Você me pertence. Você pode negar até o inferno congelar, mas cada vez que eu te toco, seu corpo me acolhe e você sabe disso.

—Você está indo rápido demais - ela sussurrou dolorosamente, movendo-se sob a pressão dos dedos hábeis que se moviam contra suas curvas suaves.

—Não, querida, eu não estou - ele sussurrou de volta. Seus lábios pressionados ternamente contra sua testa. — Nós não fazemos amor há um bom tempo e estou faminto por você. Se você admitir, está faminta por mim também. Lembra-se daquela noite na praia, Heather, quando



coloquei você deitada na areia e a toquei pela primeira vez? Você se lembra de como você gemeu e se arqueou para mim?

—Cole, não... - ela suplicou odiando a lembrança voltando como mágica a sua menção.

—Eu quero - ele sussurrou contra sua boca. — Eu preciso. Meu Deus, eu sinto sua falta!

Ele a puxou contra ele e beijou-a rudemente, a fome tão evidente que quase a assustava. Toda sua postura e sofisticação duramente conquistada sumiram, quando ela começou a perceber que era a sério agora. Este não era nenhum flerte que poderia parar quando quisesse. Ele não estava brincando, agora não.

—Cole... - ela sussurrou, enfraquecida, seus dedos acariciando lentamente seu peito bronzeado.

—Eu quero você - ele sussurrou as palavras suaves e lentas. — Eu quero te tocar, te sentir tremer em minhas mãos. Eu quero ouvir aqueles pequenos e doces sons que você faz quando eu a amo...

Amor. Amor. Lembrou-se dizendo que o amava e sua fria e dolorosa rejeição. Sem pensar, ela recuou a cautela em seus olhos novamente, a lembrança caindo entre eles como uma cortina.

—Pare de olhar para trás - ele disse calmamente. Sua respiração estava irregular e pesada e ele parecia assustadoramente masculino e sensual, com seus cabelos escuros e olhos prateados em chamas. Ele estava tão perto que podia sentir cada músculo rígido de seu tronco contra a sua suavidade.

—Eu não posso ajudá-lo - ela sussurrou.

—Eu sei - ele grunhiu. — Oh, Deus, eu daria qualquer coisa para poder retirar as coisas que disse. Você não sabe como doeu dizê-las.

—Porque, Cole? - Ela perguntou, afastando-se e olhando diretamente em seus olhos brilhantes. — Diga-me porquê!

—Eu não posso. Minha querida, eu só te machucaria mais, você não vê? - Ele suspirou profundamente, traçando a sua boca lenta e carinhosamente com o dedo. — É melhor esquecer. Talvez, com o tempo, você seja capaz de me perdoar.

—Eu posso fazer isso com bastante facilidade - ela admitiu. — Mas é difícil... confiar em você. É quase impossível.

—Eu não vou te afastar de novo - ele disse, seu rosto sério e seus olhos escurecidos pela emoção. — Não importa o que aconteça, nunca vou me afastar de você. Se alguém se afastar desta vez, Heather, será você.

Ela procurou seus olhos em silêncio.

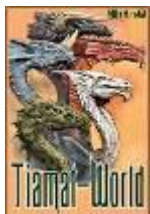
—Você se importaria?

Ele fechou os olhos por alguns instantes.

—Sim - ele grunhiu.

Seus olhos se abriram, tempestuosos, como as nuvens de chuva.

—Sim, eu me importo. Você não percebe? Não consegue sentir isso quando estou com você?



—Isso é desejo... - ela corrigiu, baixando os olhos para o pulsar rápido e forte em sua garganta.

—Isso é tudo?

Ela encolheu os ombros.

—Eu não sei.

Ele inclinou a cabeça dela para trás para que pudesse ver seu rosto.

—Você sempre resiste a mim. Quando falamos. Quando fazemos amor. Era assim muito antes de eu fazer você me deixar. Porque, Heather? O que faz você ter tanto medo de se entregar a mim?

—Eu não quero me perder em você - ela admitiu, deixando as palavras deslizarem pelos lábios apertados.

—Você tem medo do que pode acontecer? - Ele grunhiu. Acomodou-a contra ele, com a cabeça aninhada na curva de seu braço, enquanto se inclinava sobre ela. — Por que não cede, apenas uma vez e vê o que acontece?

Ela sentiu algo indescritivelmente primitivo mexer profundamente dentro de seu corpo delgado enquanto ele a beijava, sua boca possessiva, exigente. Seus braços esmagando-a mais perto enquanto a chuva continuava a cair no teto de metal da cabine, mantendo-os longe do mundo. Ela se sentiu de repente imprudente, feminina. Por que Cole tinha tanta magia? Ela estendeu a mão para segurá-lo bem, respondendo a sua boca, seus dentes mordiscando seus lábios famintos, sua língua o tentando, um estranho meio-gemido veio de algum lugar do fundo de sua garganta.

Ele recuou, a fome que estava sentindo demonstrada em cada linha dura de seu rosto.

—Não resista agora - ele grunhiu. — Mostre-me o quanto você mudou.

Suas unhas pressionavam a nuca dele e os olhos entreabertos enquanto se olhavam, em chamas.

—Posso surpreendê-lo - ela murmurou, puxando sua cabeça para baixo os lábios entreabertos. Ela beijou-o avidamente, deixando todas as noites solitárias, todos os dias vazios, naquele quente e apertado abraço enquanto ela lhe dizia sem palavras quanto o desejava.

Ele voltou a beijá-la tão avidamente quanto ela, mas ainda havia uma estranha ternura no seu gesto, uma emoção intangível diferente da luxúria, tão certo como a água divide a terra.

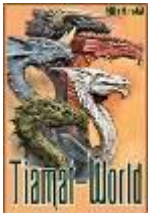
O som de outro veículo o fez erguer a cabeça, imobilizando as mãos hábeis que tinha deslizado sob as alças do corpete para traçar padrões na pele de suas costas nuas, enquanto se beijavam como se nunca quisessem parar.

—Oh, inferno - ele grunhiu, reconhecendo uma das caminhonetes da fazenda. Limpando a nebulosidade da janela com a manga de sua camisa, ele foi capaz de ver Danny ao volante.

—Nós fizemos isso? - Heather murmurou, sentando-se para olhar meio divertida as janelas embaçadas.

Ele olhou para ela, a boca sensual, seu cabelo despenteado, o olhar totalmente possessivo.

—Coisinha sexy - ele murmurou.



Uma sobancelha sedosa se ergueu.

—Tive um bom professor - ela respondeu.

Danny tinha parado o caminhão ao lado de Cole e agora abria a janela, esperando Cole fazer o mesmo.

—Há algumas áreas inundadas meu jovem - disse Danny. — Os rapazes estão movendo o gado agora, mas é arriscado. Jack me mandou pegar o reboque grande.

—Eu vou te dar uma mão. Encontre-me no celeiro. - Ele fechou a janela novamente e ligou o caminhão com um olhar melancólico para a boca de Heather. — Maldito gado - ele murmurou enquanto voltava para a estrada e seguia Danny em direção ao rancho.

—Essa é a primeira vez que ouvi você dizer isso. - Ela riu baixinho.

—Malditos cowboys, também - ele disse com uma risada curta. — Quando Danny contar a eles sobre essas janelas, irão me infernizar.

Ela corou um pouco.

—Constrangido, Sr. Everett? - Ela provocou.

Ele olhou para ela.

—Estou velho demais para fazer amor com mulheres em carros estacionados.

—É uma caminhonete - ressaltou.

—Não confunda o tema com um monte de fatos. - Ele riu e olhou-a preguiçosamente. — Vem cá, pedacinho delicioso.

Ela respondeu sem pensar a nota em sua voz sensual, deslizando pelo banco até ele. O braço dele enlaçou seus ombros e puxou-a mais para perto até que ela pudesse sentir os músculos poderosos da coxa que pressionava contra sua perna.

Ele freou e inclinou-se para beijá-la calorosamente, preguiçosamente, saboreando sua boca com prazer evidente.

Ela afastou-se da pressão, quente e úmida de seus lábios.

—Você vai destruir a caminhonete - ela murmurou.

—Eu nunca quis tanto um pneu furado - ele disse dando outro beijo em seus lábios antes de voltar sua atenção para a estrada. — Deus, eu amo beijar você!

Ela se aninhou mais perto, descansando sua bochecha contra a camisa de algodão macio.

—Eu adoro isso, também – ela sussurrou.

—Eu espero que você tenha um vestido de noite - ele observou.

—Sim, eu tenho. Por quê?

—Vamos dançar hoje à noite, com inundações ou não.

Ela sorriu para ele.

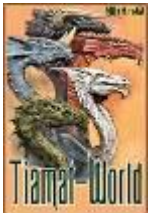
—Não posso pensar em qualquer outra coisa que gostasse mais.

Ele levantou uma sobancelha travesso.

—Eu posso - ele murmurou sugestivamente.

—Perverso - ela acusou.

—Puritana - ele respondeu. —Use algo sem alças.



—Porquê? - Ela perguntou, sem pensar e aquela sobrancelha subiu novamente. Ele riu do rubor escarlate no seu rosto.

Ele parou em frente à porta.

—Esteja pronta as seis.

— Você vai estar de volta do pântano até lá? - Ela perguntou.

Ele agarrou uma mecha do seu cabelo curto.

—Eu estaria de volta do inferno até as seis se isso significasse passar a noite com você. Saia daqui antes que eu ceda à tentação.

Ela riu deliciada, parando para pressionar um beijo rápido contra sua boca antes de empurrar a porta.

Ele olhou para ela meio chocado com o gesto.

—Você me beija o tempo todo ultimamente - ela disse atrevidamente.

—Sim - ele admitiu — mas acho que é a primeira vez que você me beija.

Seus olhos estavam tristes por um momento.

—Você não me queria antes.

Seus olhos procuraram os dela calmamente.

—Querida, você iria rir se soubesse a verdade. - Ele pôs o carro em marcha. — Às seis, mulher!

—Sim, senhor! - Ela respondeu, rindo como não fazia há meses. De repente, todas as barreiras foram caindo e ela poderia amar Cole novamente, mesmo que ele só a quisesse. Ela faria mais com o pouco tempo que tinha com ele. No momento, apenas estar com ele era o suficiente.

Foi emocionante sair com Cole e ela observava os olhares que ele atraía de outras mulheres, um olhar um pouco ciumento. Em seu longo vestido branco com linhas simples e fenda lateral reveladora, ela estava atraindo sua própria quota de atenção, mas quase não percebia tão absorta que estava em Cole.

Ele não tinha tirado os olhos dela desde que tinham deixado a casa, e agora estava olhando incisivamente para o corpete sem alças do vestido.

—Levou-me a sério, não é? - Ele perguntou durante o café depois de uma refeição de bife e lagosta seguido por cherries jubilee¹².

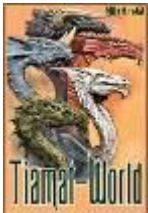
Ela desviou os olhos. Ela sentia como se seu coração fosse explodir pela visão dele, estava tão rudemente bonito em sua roupa escura de noite.

—Isso aconteceu, porque era o único vestido no meu armário - ela respondeu sinceramente, relutando em admitir que ela quase o trocou por um elegante terninho.

Ele pôs as mãos em concha em torno da xícara de café, seus olhos estreitando-se em seu rosto corado.

—Eu gosto de sentir sua pele - ele murmurou. — Tal como a seda, com um calor e um perfume todo seu.

¹² É uma sobremesa feita com cerejas e licor, que depois de flambadas são servidas como um molho sobre um sorvete de baunilha.



—Pare - ela sussurrou freneticamente.

Ele riu baixinho.

—Eu pensei que você tivesse crescido.

—Sinto-me com cerca de treze anos quando você diz coisas assim. É como pescar peixes em um barril – acusou – e você deveria ter vergonha.

—Eu não tenho. - Seus olhos desceram para o corpete de novo. — Eu ainda me lembro do seu gosto...

—Vamos dançar! - Ela disse rapidamente.

Ele se levantou e estendeu a mão para levá-la até a pista de dança. Ela estava tensa em seus braços, enquanto se moviam ao redor da pista, esquivando-se de outros casais.

—Você tem medo de chegar mais perto? - Murmurou com um olhar de divertimento em seus olhos brilhantes.

Olhou para ele através de seus cílios impossivelmente longos.

—Estou com medo, ponto final - ela admitiu trêmula. — Cole, o que você está tentando fazer comigo?

—Provar que aquilo que havia entre nós não desapareceu - ele respondeu, todas as provocações sumiram quando ele olhou para ela. — Eu quero fazer amor com você. Eu quero te beijar até você parar de ter medo e se entregar, do jeito que você fez na caminhonete esta tarde.

—Em outras palavras - ela conseguiu, tentando ser adulta sobre isso — você quer dormir comigo.

—Querida, o que eu quero não tem nenhuma maldita coisa a ver com dormir - afirmou categoricamente. — Não, não esconda seus olhos, olhe para mim.

Ela não queria, mas o tom dominante não lhe deu uma escolha. Seu rosto era de uma seriedade incomum.

—É bom tê-la em casa novamente - ele murmurou. — Isso me dá uma desculpa para não trabalhar mesmo doente.

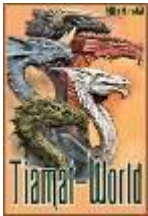
Ela sorriu para ele.

—Você precisava de uma desculpa por anos – disse a ele. — Eu ainda me lembro de todos os fins de semana que Emma e eu passamos sozinhas, porque você estava em viagem de negócios, quase nunca via você, quando estava em casa nas férias da escola. Você fez muito mais que trabalhar em Big Spur.

—Big Spur é mais do que uma fazenda agora - lembrou a. — É uma corporação. Durante os últimos anos, foi crescendo tão rápido que mal tive tempo para respirar.

—Você agora está respirando - ela murmurou, olhando o seu peito. Ela deslizou as mãos para baixo de seu pescoço para movê-los carinhosamente contra a suavidade de sua camisa. — Muito rápido, também - ela sussurrou. Ela aproximou-se deliberadamente para que pudesse sentir suas pernas poderosas contra as dela.

Com um resmungo duro, ele pegou-a pela cintura e colocou-a longe dele, não muito delicadamente. Seus olhos brilhavam e foi como voltar no tempo para aquela noite em seu



escritório quando ela confessou tudo o que sentia e ele a empurrou e disse: — Me desculpe, não posso te amar dessa maneira.

Sua mente girava com as palavras e tudo estava lá em seus olhos, a rejeição, a mágoa, a humilhação.

Ele leu aquele olhar em seu rosto, mas o entendimento chegou tarde demais.

—Heather... - ele começou.

Ela se afastou para trás quando ele se aproximou dela, como uma presa pequena ferida tentando escapar do caçador.

—Podemos ir para casa? - Ela perguntou delicadamente, forçando um sorriso em sua boca.

— Está ficando tarde e eu estou... estou muito cansada ... - Sua voz falhou e ela se virou e quase correu para o banheiro.

Havia outra mulher que olhou para o rosto infeliz da recém-chegada, sorriu suavemente e deixou Heather sozinha. No minuto em que a porta se fechou, ela caiu em lágrimas, sentindo como se seu coração se quebrasse em dois. Cole estava além de toda compreensão. Era como ela temia. Isso tudo era uma monstruosa brincadeira. Ela não sabia se poderia suportar sair por aquela porta de novo, para enfrentá-lo após esta nova rejeição. Uma hora a queria e na outra não, pensou e riu histericamente por um minuto antes de se controlar.

Ela tinha que deixar a fazenda. Ela sabia disso agora. Não havia nenhuma maneira que pudesse ficar e manter sua sanidade. Lavou o rosto e secou com uma toalha de papel, parando apenas tempo suficiente para reparar alguns dos danos à sua maquiagem. Escondendo-se ali não resolveria nada, ela teria que ir para casa com ele ou a pé, e era um longo caminho a pé.

Uma mulher bem-vestida, obviamente uma empregada do restaurante, enfiou a cabeça na porta e sorriu para Heather.

—Seu nome é Heather? - Ela perguntou.

Heather inclinou a cabeça, a devastação das lágrimas claramente visível em seu rosto.

—Bem, há um homem muito bonito lá fora, que disse que se ajoelhariam aos seus pés, se você sáísse - ela anunciou com uma risadinha. — Eu o levaria de qualquer jeito, ele é um pedaço!

As lágrimas brotaram de novo nos suaves olhos azuis de Heather, mas a imagem de Cole de joelhos foi o suficiente para trazer um sorriso aos seus lábios. Ela seguiu a mulher para fora ao acolhedor salão onde Cole estava com a aba de seu Stetson apertada em uma mão magra.

—Vamos para casa - ele disse suavemente. — Eu tenho que falar com você.

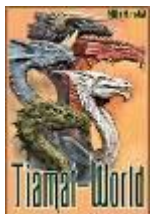
—Tudo bem, Cole - ela concordou, mas não olhou nos olhos dele.

Ela saiu do carro depois de voltarem para casa em silêncio e correu até a escada, atrapalhando-se com sua chave. Ela realmente não queria nenhuma autópsia, só queria sua cama e se apressou. Ela teria tempo para escapar, enquanto Cole guardava o carro na garagem.

Ela não contava que Cole entrasse logo depois dela em casa. Ela mal abriu a porta e entrou na sala pouco iluminada quando ele fechou a porta outra vez e ficou entre Heather e a escada.

—Ainda não - ele disse com firmeza. — Primeiro nós vamos conversar.

—Estou cansada, Cole - ela murmurou.



—Meu Deus, eu também estou cansado de fingir, de mal-entendidos e de um passado que está rasgando minha alma em pedaços - ele grunhiu. Suspirou profundamente. — Fale comigo. Não fuja.

—O que há para falar? - Ela conseguiu dizer fracamente, evitando seus olhos. — Primeiro você me beija, então você me manda embora e diz que não pode me amar. Então você me diz coisas odiosas, me traz de volta... e não vai me dizer o porquê!

Ele respirou pesadamente e bateu as mãos nos bolsos.

—Ninguém gosta de admitir que é estúpido - ele rosnou. — Muito menos eu. Cometi um maldito erro. Ouvi a pessoa errada e tentei protegê-la de algo que não existia. Não quero voltar nisso. É muito complicado e já lhe disse uma dúzia de vezes, é desnecessário. Esqueça o passado, você pode?

—Eu não posso! - Seus olhos brilhavam com lágrimas. — Eu não posso. Ora você é frio, ora é quente e eu não sei como você espera que eu confie em você...

—Se você se importasse o suficiente, você poderia - ele a acusou, seus olhos inflamados.

—Depois do jeito que você me tratou?

Seus olhos se fecharam.

—Eu continuo esperando por milagres, acho - ele disse depois de um minuto, procurando seu rosto pálido. — E depois de hoje à noite nós voltaremos à estaca zero, não é?

—Não, não voltaremos. Voltarei para Houston amanhã - disse a ele, surpresa com a súbita palidez de seu rosto. — Eu suportei tudo que podia, Cole. Não posso ficar aqui por mais tempo.

—Porque esta noite? - Ele perguntou secamente.

Ela se virou.

—Eu estou indo para a cama.

— O diabo que você vai!

Antes que tivesse tempo de reagir ou se mover, ele virou-a em seus braços de aço e foi direto para sua boca, com o rosto duro, implacável. Abriu caminho para a sala onde uma única lâmpada ardia e chutou a porta que se fechou atrás dele.

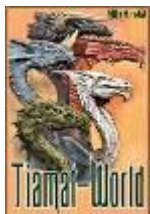
— Cole, o que está fazendo? - Ela perguntou.

—Você já tem sua opinião. Nada que eu faça vai mudar isso, então eu poderia muito bem ser enforcado tanto por um carneiro como por um cordeiro, não é como diz o ditado?¹³ - Ele a jogou no sofá de couro bordô e parou apenas o tempo suficiente para tirar o paletó, arrancar a gravata e abrir o colarinho da camisa antes de chegar ao lado dela.

Ela estava chocada demais para ainda lutar contra ele. Seus olhos o fitaram enquanto ele deixava o peso do seu corpo poderoso descansar sobre o dela, pressionando-a mais no estofamento do sofá.

—Você é... pesado - ela sussurrou instável. Subitamente ficou consciente de sua colônia picante, o cheiro limpo do seu corpo pesado e musculoso, o calor de seu hálito nos lábios.

¹³“I might as well be hanged for a sheep as a lamb”, é um ditado popular que seria mais ou menos assim: não importa se o crime foi pequeno ou grande, pois a minha punição foi a mais severa.



Os dedos dele emaranhados nos cabelos curtos manteve sua cabeça onde ele queria.

—Em um minuto você não vai nem notar - ele grunhiu, inclinando-se para esmagar sua boca por um instante sob a pressão, quente e úmida da sua. — Quando eu terminar com você, nem vai lembrar-se disso. Por Deus, você vai se sentir como se estivesse cometendo um sacrilégio quando deixar outro homem tocar você...!

Sua boca esmagou a dela novamente, desta vez duro, áspero, como se ele não se importasse em machucá-la, os dedos puxando dolorosamente seu cabelo.

—Cole, você está me machucando - ela sussurrou trêmula contra sua boca.

Ele hesitou por tempo suficiente para olhar para os olhos dela e de repente seus dedos relaxaram, tornando-se carinhosos e algo da selvageria parecia sumir dele.

—Eu te quero tanto, Heather - ele disse calmamente, a voz aveludada. — Sinta isso - ele sussurrou, abrindo a camisa, pegando sua mão pequena e deslizando-a sob a seda morna. — Você sente como meu corpo treme quando você me toca? Como meu coração bate? Doce amor, você não sabe como dói.

Ela olhou para ele, sentindo a batida, dura e pesada em seus dedos, o leve tremor em seus braços poderosos.

—Deus, Heather, porque você acha que eu a afastei? - Ele grunhiu, inclinando a boca e mantendo-a uma fração de polegada sobre a dela. — Se eu não tivesse feito isso, teria te beijado ali mesmo na frente de toda a maldita multidão. Eu não poderia me controlar... e você pensava que eu estava rejeitando você, não é? Como se eu pudesse - ele sussurrou meio zangado pouco antes de sua boca descer sobre a dela.

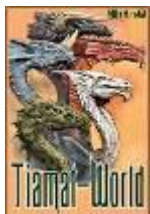
Ela sentiu a fome dele, como uma febre que queimava os dois. Seu corpo esguio relaxando um pouco sob a dura pressão do corpo dele e ela cedeu ao seu desejo graciosamente, amava-o tão profundamente que nada que ele fizesse seria indesejável.

Seus dedos abriram o resto dos botões de sua camisa e deslizou sobre os músculos rígidos do peito, os pelos espessos que cobriam seu corpo musculoso e continuavam depois de seu cinto de couro. Ela sentiu as mãos dele guiando-a, suas palavras sussurradas suavemente fazendo música em sua mente ensinando-a todas as lições doces de amor. O silêncio era quebrado apenas pelo som do relógio do avô no hall e a pesada respiração Cole.

Ele moveu-se, acomodando as costas dela no sofá, seu grande e poderoso corpo cobrindo o dela completamente. Ela sentiu todo seu peso, com um sentimento de temor absoluto, seus olhos encarando-o diretamente enquanto sentia suas mãos deslizando para abrir o zíper de seu vestido.

—Não, não me pare - ele sussurrou suavemente, afastando o tecido. Gentilmente, ele moveu-se contra ela, até que se fundiram da cintura para cima em um lento e sensual ritmo. — Isso faz parte de amar.

Ela sentiu a boca dele tocando a sua e as unhas curtas e afiadas enterraram-se em seus ombros enquanto o contato com o peito morno, o pelo áspero a fazia sentir um abandono quase primitivo. Ela o amava, mas não poderia ceder totalmente, não podia, não podia! Os olhos dela estavam torturados quando tentou afastar sua boca da dele.



—Não faça isso - ele sussurrou com fome. — Abra sua boca para a minha, Heather. Venha, querida, me dê sua boca...

Ele encontrou e tocou-a, adorando-a em um silêncio faminto onde sua luta não fazia sentido. Ela gemeu, movendo-se sensualmente sob o peso formidável, sua mente enlouquecida com as sensações que ele estava causando.

—Doce amor - ele sussurrou contra sua boca, sentindo a paixão começar a agitar o corpo macio sob o seu. Seus braços deslizaram em torno dele e de repente sua boca tornou-se ansiosa, faminta, pedindo agora ao invés de resistir, correspondendo ao seu ardor, com uma fome inocente, que testou o controle de seus limites.

Moveu-se inconscientemente e ele gemeu contra sua boca. Ela olhou em seus olhos, chocada.

—Não faça isso de novo - ele sussurrou asperamente. — Você vai me fazer perder o controle. Ou era isso o que você tinha em mente? Você quer estar em meus braços esta noite e me deixar fazer com que você se transforme em uma mulher?

O rubor se espalhou por todo seu rosto, descendo pelo pescoço.

—Eu... eu... - ela gaguejou.

—Eu serei extremamente gentil com você - ele sussurrou contra sua boca macia, sua voz sedutora, seus lábios ternos, persuadindo. Suas mãos corriam por seu corpo suave, tocando, explorando e ela gemeu com a segurança e experiência dele, inconscientemente arqueamento em sua direção. — Venha para a cama comigo.

Seu corpo tremia descontroladamente até mesmo quando ela percebeu quão desesperadamente ela o queria, foi se afastando dele para pressionar o rosto quente nas almofadas macias.

—Não! - Ela sussurrou chorando. — Oh, Deus, não, eu não posso!

Ele congelou ao lado dela, como se tivesse parado de respirar. Um minuto depois, ela sentiu o peso mover-se, enquanto ele ficava em pé. Ela o ouviu se afastar, acender um cigarro. Ele murmurou alguma coisa enquanto parava ao lado da janela escura.

—Eu te intimidei? - Ele perguntou secamente. — Meu Deus, eu tenho pisado em ovos. Eu pensei que estava indo devagar o suficiente, até mesmo para a sua pequena mente empertigada.

Ela se inflamou, não percebendo que ele estava falando com frustração e não com raiva. — O que você quer? - Ela perguntou por entre os lábios apertados, com as costas eretas ela se sentou no sofá e olhou para ele.

Ele virou-se, uma mão no bolso, os olhos brilhando em seu rosto bronzeado.

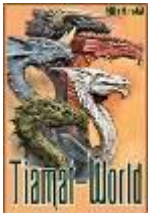
—O que você acha que eu quero?

—Eu, suponho - ela murmurou.

—Serei malditamente honesto. Você. Na minha cama, toda a noite, todas as noite, a partir de agora.

Ela odiava o calor no rosto, o tom cortante na voz de Cole. Ela olhou para ele.

—Não sem amor - ela grunhiu. — Não sem amor, Cole.



Ele ficou branco. Absolutamente branco e algo como dor era visível em seus olhos antes que ele virasse as costas para ela. E ela sabia que era verdade, ele não a amava. Não poderia, não a amaria.

—Eu vou voltar para Houston amanhã à tarde - ela disse calmamente. — Eu acho que será melhor para nós dois à longo prazo.

Toda ferocidade pareceu fluir dele.

—Talvez você esteja certa. Se você ainda não pode confiar em mim...

—Como você pode me pedir isso, quando você não explica nada, Cole? - Ela perguntou triste. — Que garantia tenho de que você não vai me rejeitar novamente?

—Por que, diabos, eu estou te dizendo isso! - Ele respondeu.

—Isso não é suficiente.

Ele respirou profunda e lentamente.

—Então, volte para Houston.

Ela ficou de pé, olhando para as costas rígidas dele. Ele ficou como uma estátua, imóvel.

—Cole ...

—Tenho gado chegando amanhã - ele disse em um odioso tom casual. — Vou estar fora trabalhando no curral se quiser dizer adeus.

Seu tom descuidado doeu mais do que o seu humor. Ela foi até a porta como em meio a um nevoeiro, seu coração pesado, os olhos atormentados pelas lágrimas.

—Eu já disse - ela falou com firmeza. Ela saiu pela porta sem olhar para trás e fechou-a firmemente atrás dela.

Ela quase não dormiu. Na manhã seguinte, não queria nada mais do que se desculpar, mas Cole já tinha saído quando ela desceu para o café.

—O excesso faz mal, também - Sra. Jones resmungou. Ela estava trabalhando na cozinha, enquanto Heather ajudava com os pratos. — Ele quase arrancou minha cabeça quando perguntei se ele queria que colocasse mais um lugar para o almoço. Ele está com um humor terrível.

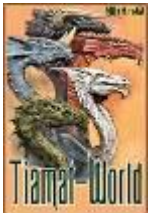
Heather não disse uma palavra. Mas lágrimas nublavam seus olhos enquanto enxugava os pratos limpos ouvindo distraidamente a Sra. Jones falar sobre uma receita nova que iria experimentar. Ela não queria voltar para Houston, não queria deixar Cole. Mas tinha que ir embora enquanto ainda podia. Teria que ser hoje.

Ela não veria Cole antes de sair. Era doloroso, mas não havia jeito. Ele estava furioso, portanto ficaria fora o dia todo, infernizando seus homens da maneira como ele sempre fazia quando algo dava errado. Ele não estaria em casa antes de escurecer e até lá ela já teria ido.

Ela estava tão envolvida em seus problemas, que sequer ouviu baterem na porta até que a Sra. Jones foi atender. Havia vozes no corredor, uma da Sra. Jones e outra que Heather mal podia acreditar que estava ouvindo: Tessa!

Ela largou o pano de prato e entrou na sala.

—O Sr. Cole arranca sua pele se te pega aqui - a Sra. Jones estava dizendo à morena de rosto branco.



—Eu sei - ela disse breve, olhando para Heather. — Ele faria qualquer coisa para deixar Heather sem saber a verdade, mas eu vou lhe contar.

Heather perguntou para ela.

—A verdade sobre o quê?

Tessa olhou para a Sra. Jones.

—Não aqui. Venha. - Ela abriu caminho para a sala como se estivesse em sua casa, deixando Heather para segui-la.

—Bem? - Heather perguntou, batendo a porta atrás delas. Ela encarou explicitamente Tessa, seus olhos azuis cintilando.

Tessa estava desconfiada da nova Heather, daquela que descobriu na noite no camarim do Golden Gun. Havia um incêndio nos olhos da mulher mais jovem e Tessa sentiu a sua força.

—É algo que você tem o direito de saber - ela murmurou.

Heather se sentou confortavelmente numa poltrona e olhou para ela.

—Bem? - Ela repetiu.

Tessa sentou-se também, na borda do sofá, as mãos se movendo nervosamente em seu colo.

—É uma longa história - ela disse.

—Então é melhor você começar - Heather respondeu.

Tessa moveu-se incômoda.

—É... tudo começou quando sua mãe tinha... quando Big Jace veio em uma noite, enquanto seu pai estava fora...

—E seduziu a minha mãe? - Heather perguntou com um sorriso levemente divertido.

Tessa piscou para ela.

—O quê?

—Você por acaso não vai sugerir que Big Jace era meu pai, assim como o de Cole? - Heather perguntou educadamente.

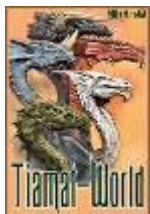
—Mas, ele era...!

Heather suspirou.

—Tessa, eu não acho que você seja capaz de amar alguém realmente, mas talvez você possa entender se eu colocar as coisas assim. Big Jace adorava Emma. Ele ficaria feliz em ter morrido por ela. Homens que se preocupam muito com uma mulher não arriscam tudo apenas por algumas horas com um iceberg gelado como minha mãe.

Tessa não podia acreditar no que ouvia. Ela olhou para Heather com olhos grandes e chocados.

—Você não sabia? Meus pais tinham quartos separados. Big Jace não poderia ter seduzido minha mãe sem um maçarico, porque ela era gelo puro do pescoço para baixo. Ela gostava de flertar com homens, para provocá-los... mas nunca teve intenção de ir além. Eu sei, vivi com ela todos estes anos vazios antes de Emma entrar nesta casa. E eu sei melhor que ninguém o quanto Emma e Big Jace se amavam. Então, não venha aqui com contos de fadas. E eu não contaria isso



para Cole se fosse você, ele muito provavelmente ... - Ela parou no meio da frase, olhando para o rubor que cobria o rosto de Tessa; tudo repentinamente fez sentido. Tudo!

—Você disse a ele em Nassau - Heather suspirou. — Você disse que Big Jace era meu pai e ele acreditou em você!

O lábio inferior de Tessa tremia. Ela olhou para a mulher mais jovem.

—Cole é meu! Ele é meu, esperei anos por ele, eu o amo! Ele pertence a mim Eu não vou deixar você tê-lo!

—Você o ama? - Heather zombou com os olhos em chamas. — Se você se importasse mesmo que um pouquinho, você iria querer que ele fosse feliz. Você é egoísta, Tessa, você só se importa com o que você quer. Se Cole se importasse com você, ele não teria que ser chantageado para deixar-me sozinha. ... Ele ficaria pendurado em torno de você como uma corrente em seu pescoço, ele dificilmente seria capaz de manter suas mãos longe de você. - Ela ouviu suas palavras e percebeu que era exatamente como Cole tinha agido com ela. Será que ele se importava? Será!

—Ele me amaria se não fosse por você! - Tessa gritou, saltando sob seus pés, seus enormes olhos escuros cheios de lágrimas. — Ele acreditou em mim quando eu lhe contei sobre Deidre e Big Jace! Ele ainda acreditaria se Emma não tivesse deixado aquela carta!

—Sinto pena de você - Heather disse calmamente.

—Não desperdice sua piedade! - Ela girou e foi até a porta. Seus olhos brilharam acusando a Heather. — Você não é como sua mãe - ela afirmou desdenhosamente.

—Não, eu não sou - Heather acordou com um sorriso.

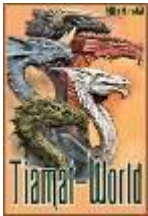
Tessa fechou a porta. Heather subiu correndo as escadas para colocar suas botas, a luz do despertar da felicidade em seu rosto.

Era um daqueles raros momentos em que nada parece impossível. Heather inclinou-se sobre a crina da égua, dando-lhe rédea. Seus olhos estavam cheios de esperança, os cabelos curtos voando livremente em torno de seu rosto corado.

Ela entendia Cole agora como nunca entendeu antes. Tinha sido por causa do que Tessa tinha dito que ele a afastou. Tinha sido por amor, em uma tentativa equivocada de poupá-la da dor de cabeça. E o seu orgulho, aquele orgulho arraigado masculino que era tão parte dele como os olhos de prata, havia o impedido de admitir quão facilmente ele tinha tomado palavra de Tessa como verdade absoluta. Mas ficaria tudo certo agora. Tudo ficaria bem. Ela agarrou-se à crina do cavalo e tocou o com seus saltos.

Fez algumas buscas para encontrar Cole, que tinha deixado os currais e estava fora ajudando alguns de seus homens a procurar alguns animais desgarrados no bosque perto do rio.

Os homens estavam tomando uma xícara de café, sentados preguiçosamente ao redor de uma fogueira pequena, alguns conversando, outros esculpindo madeira. Cole estava sentado em um tronco, sozinho, com as mãos em torno de um copo de metal, olhando para o espaço. Ele parecia tão solitário. O coração de Heather deu uma guinada com a visão dele.



Ela parou e desceu da sela graciosamente, consciente da surpresa de Cole ao vê-la e se levantou. Ela sorriu para os homens enquanto entrava na pequena clareira, mas o sorriso desapareceu quando seus olhos encontraram os olhos questionadores de Cole.

—Bem? - Ele perguntou.

Seus nervos quase a abandonaram.

—Eu, uh, eu... Eu posso falar com você por um minuto? - Conseguiu finalmente.

Ele largou seu copo, sem nenhuma palavra.

—Mais dez minutos, Bob - disse a um dos homens, que assentiu com a cabeça e murmurou algo antes de ir para o lugar de Cole no tronco.

Cole caminhava ao seu lado por um caminho arborizado, bloqueando a vista dos outros vaqueiros. Ela recostou-se contra o tronco de um carvalho grande, tímida com ele de uma forma que não tinha estado por um longo tempo.

—Você decidiu despedir-se depois de tudo? - Ele perguntou friamente.

Ela olhou para seu rosto bonito, olhou pela primeira vez por trás da fachada de gelo e viu o dano causado por ela.

—Nem de longe - ela murmurou e sorriu para ele. — Lembra do que você me disse ontem à noite?

Ambas as sobrancelhas subiram.

—Eu disse muita coisa a noite passada.

Ela olhou para ele através dos cílios.

—Você disse que queria dormir comigo.

Ele se inclinou, com uma mão contra a árvore ao lado de sua cabeça e olhou para ela com curiosidade.

—Eu disse.

—Bem, eu vim aqui para dizer que mudei de ideia.

Sua mão escorregou e ele se segurou a tempo. Seus olhos se abriram para ela.

—Você o quê?

—Eu vou dormir com você, se é isso que você quer. - Ela estendeu um dedo e tocou um botão em sua camisa, deslizando o dedo entre a abertura para tocar em seu peito nu.

—Heather ... - advertiu a voz rouca.

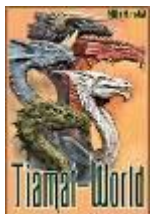
—Seu coração está batendo muito rápido - comentou. Ela separou os lábios, deliberadamente, sorrindo quando seus olhos seguiram o movimento faminto.

—Querida, você é uma tentação - ele grunhiu.

—Bem, não é por falta de esforço, isso é certo - ela disse a ele — O que eu tenho que fazer para seduzi-lo? Tirar a roupa? Pode constranger os homens, especialmente porque não estou usando nada por baixo desta blusa...

—Oh, meu Deus - ele gemeu e ela podia ver seus dentes cerrados. — Você pediu, droga.

Ele a pegou pela cintura com uma mão de aço e puxou seu corpo contra o dele, inclinando-se para alcançar sua boca com uma incitante violência. Ela sorriu contra os lábios furiosos,



relaxando contra ele sensualmente, deixando-o arrebatado sua boca, adorando-a com seu rude ardor.

Os murmúrios e risos conspiradores dos cowboys fizeram com que voltasse a si. Ele recuou e olhou para ela, sua respiração irregular, um tremor visível no rígido e musculoso braço que a segurava.

—Você realmente tem que trabalhar com o gado agora? - Ela perguntou em um sussurro rouco.

—Claro que não - disse ríspidamente. — Danny, traga o jipe para casa quando terminar - ele disse por cima do ombro, arrastando Heather pela mão atrás dele.

—Pode apostar que sim, patrão. Não se perca! - Danny respondeu.

—Onde estamos indo? - Heather perguntou enquanto eles passavam pelo bosque de altos pinheiros, pequenos abetos, troncos apodrecidos e arbustos frondosos.

—Para algum lugar onde os rapazes não possam nos ver. - Ele parou em uma clareira onde as agulhas de pinheiro eram grossas no chão e virou, com os olhos brilhando, o rosto duro como pedra. Se ele esperava que ela corresse, ficou desapontado. Ela foi para ele como um pombo-correio, ficando na ponta dos pés para colocar as mãos em seu pescoço. Seus olhos estavam sem medo, seu corpo já cedendo à força do seu.

—Eu te amo - ela murmurou baixinho, observando o choque registrado em seus olhos com um sentimento de alegria. — Eu te amo com todo meu coração e serei qualquer coisa e tudo o que você quiser que eu seja. Vou dormir com você, vou ajudá-lo com o gado, vou sentar e ver você trabalhar nos livros, vou cozinhar pudins para você quando a Sra. Jones sair de férias... Eu não vou voltar para Houston, Cole. Tudo que eu quero está aqui. Tudo o que eu quero no mundo é você.

Seus olhos procuraram os dela em um silêncio quebrado apenas pelo farfalhar das folhas e o perfume suave do pinho.

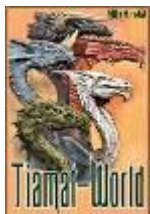
—Eu não entendo - ele sussurrou trêmulo. — E neste momento, não me importo. Faça-me acreditar, Heather. Esperei por isso durante meses, querendo você, precisando de você, amando você...

Ela sentiu sua boca na dela com um sentimento de admiração. Ela mal podia acreditar no que acabara de ouvir, não tinha sido alguma coisa sobre amor?

Ela o beijou de volta com fome, mal percebendo que ele a estava deitando no chão, colocando-a gentilmente sobre as agulhas de pinheiro, seu corpo pesado e quente contra o dela. Suas mãos deslizavam sob a blusa solta, confirmando a veracidade da sua afirmação anterior. Ele correu seus dedos fortes sobre seu corpo com a posse de seu toque, observando seus olhos enquanto explorava cada curva doce e suave dela.

Ela sorriu para ele, arqueando sob suas mãos, sua respiração presa na garganta pela sensação que ele estava causando.

—Você gosta? - Murmurou, todo arrogante agora. Foi-se o homem contrariado que ela tentava seduzir alguns minutos mais cedo.



—Oh, sim, eu gosto disso - ela sussurrou, levantando para encontrar a boca descendente. — Cole, eu te amo tanto!

—Eu também te amo querida - ele murmurou ardentemente. — Deus, eu te amo! Mas ainda não entendo por que você veio aqui com a sedução em sua mente.

Ela cruzou as mãos atrás da cabeça, observando-o abrir os botões de sua blusa.

—Eu vou pegar um resfriado – alertou-o.

—Não, você não vai - murmurou com um sorriso perverso, rindo quando ela engasgou com a invasão repentina de sua boca contra seu pescoço.

—Tessa veio me ver - ela sussurrou sobre sua cabeça.

—Veio? - Ele enrijeceu, mas não levantou os olhos. — O que ela disse?

—Sobre Big Jace e minha mãe. - Ela riu. — Pobre Tessa, foi uma boa tentativa, não é?

Ele levantou a cabeça, em seguida, seus olhos calmos, inquirindo.

—Você não acreditou nela.

Ela balançou a cabeça, suspirando preguiçosamente.

—Oh, Cole, você não sabia como Big Jace adorava Emma? Ela e eu conversamos muito sobre o casamento antes de morrer. Ela me disse que se eu encontrasse um amor como o dela e de seu pai, eu seria a mulher mais sortuda do mundo. Ela sabia que Deidre tinha tentado seduzi-lo e ainda riu sobre isso. Mas ela confiava em Big Jace... do jeito que eu aprendi a confiar em você. - Ela estudou o rosto amado de Cole com um olhar suave. — Emma sempre soube que ele não estaria disposto a fazer nada para prejudicá-la.

—Você está certa, é claro - ele disse em voz torturada e havia remorso nos olhos, em seu rosto. — Você pode me perdoar pela dor que eu lhe causei? Acreditei nas mentiras de Tessa e pensei que não tinha escolha a não ser afastá-la de mim.

—Por amor - ela sussurrou. — Você me amava o suficiente para me deixar ir, porque queria o melhor para mim. E você está me pedindo perdão? - Lágrimas correram de seus olhos. — Oh, Cole, perdoe-me por não confiar em você. Como deve ter doído quando me fui...

Ele roçou as lágrimas com seus lábios, terno, suave, lento pelo seu rosto pálido.

— Shhhh - ele sussurrou. — Me ame. Vamos curar um ao outro.

Ela acolheu sua boca, suas mãos acariciando-a.

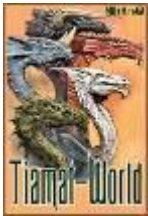
—Aqui? - Ela sussurrou trêmula.

Ele riu contra sua boca, em seguida, deixou um rastro de beijos pelo corpo dela nu até a cintura.

—Você tem vergonha dos esquilos? - Murmurou, beliscando a carne macia com seus dentes. Ela alisou o cabelo escuro rebelde para trás da testa, os olhos suaves ansiosos.

—Eu tenho vergonha de você - ela corrigiu. — Mas isso não vai durar muito. Eu te amo muito.

—Eu te amo. - Ele se inclinou sobre ela, seus olhos escurecendo, carinhosamente. — Não, querida, não aqui, não agora. Mas em breve. Eu quero um anel em seu dedo antes que você fuja novamente.



—Não vou fugir de você de novo - prometeu. Ela estudou seu rosto e sorriu. — Podemos ter filhos?

—Tantos quantos você quiser. - Ele sorriu. — Mas como é que você vai gerir a carreira e a maternidade?

—Da mesma forma que você conseguirá ser um fazendeiro e um pai - ela murmurou baixinho.

Ele procurou seus olhos em silêncio, tudo que ele sentia por ela lá estava lá à vista.

—Não enquanto as crianças forem pequenas.

Ela sorriu para ele com os olhos cheios de sonhos.

—Não enquanto as crianças forem pequenas, querido - ela prometeu enquanto suas bocas se fundiam.

Fim

